



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS DE BACABAL
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM LETRAS DE BACABAL
MESTRADO ACADÊMICO

LEIDIANE DO LIVRAMENTO LIMA SARGES

**O FUNCIONAMENTO METAFÓRICO NO DISCURSO POLÍTICO: UMA
INVESTIGAÇÃO SOBRE A METÁFORA CONCEPTUAL COMO RECURSO
PERSUASIVO**

LEIDIANE DO LIVRAMENTO LIMA SARGES

**O FUNCIONAMENTO METAFÓRICO NO DISCURSO POLÍTICO: UMA
INVESTIGAÇÃO SOBRE A METÁFORA CONCEPTUAL COMO RECURSO
PERSUASIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Centro de Ciências de Bacabal, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística
Linha de Pesquisa: Texto e Discurso
Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Monica Fontenelle Carneiro

**BACABAL
2025**

Sarges, Leidiane do Livramento Lima

O funcionamento metafórico no discurso político: uma investigação sobre a metáfora conceptual como recurso persuasivo – 2025

109 fls.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Aplicadas de Bacabal, Programa de Pós-graduação em Letras, Bacabal (MA), 2025.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Texto e Discurso

Orientação: Profa. Dra. Monica Fontenelle Carneiro

1.Dissertação de mestrado. 2. Pós-Graduação. 3. PPGLB/UMA. 4. Discurso político; 5. Metáfora conceptual; 6. Linguística cognitiva; 7.Persuasão; 8.Ideologia.

CDU:

LEIDIANE DO LIVRAMENTO LIMA SARGES

**O FUNCIONAMENTO METAFÓRICO NO DISCURSO POLÍTICO: UMA
INVESTIGAÇÃO SOBRE A METÁFORA CONCEPTUAL COMO RECURSO
PERSUASIVO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Letras, do Centro de Ciências de Bacabal, da Universidade
Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título
de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística
Linha de Pesquisa: Texto e Discurso
Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Monica Fontenelle Carneiro

Aprovada em ____20____ de ____outubro____ de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Monica Fontenelle Carneiro
Orientadora

Prof. Dr.^a. Valnecy Correa Oliveira Santos
Interno

Prof.^a. Dr.^a. Claudiene Diniz da Silva
Externo

BACABAL
2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho como todo amor, carinho e ternura:

À minha filha, Lis Rafaella Sarges Pinheiro, razão do meu sorriso e minha maior inspiração. Que este esforço sirva de exemplo para que ela sempre acredite em seus sonhos e lute por eles.

Ao meu marido, Rafael Pinheiro Silva, pelo amor, companheirismo e apoio constante nos momentos mais desafiadores da nossa caminhada. Obrigada pelo apoio incondicional!

À minha mãe, Leonice de Jesus Lima Sarges, pelo exemplo de força, coragem, carinho e cuidado.

Aos meus irmãos, Leudemir, Jovânia e Redinaldo, por estarem presentes com palavras de incentivo e gestos de afeto que me fortaleceram ao longo desta jornada.

À minha sogra, Marieta da Natividade Pinheiro Silva, por toda a força, incentivo e cuidado ao longo da minha vida acadêmica.

À minha amiga e ex-professora da graduação e atual amiga, Laura Virgínia Tinoco Farias, pelo incentivo e apoio excepcionais ao longo da jornada acadêmica. Sua força e coragem me motivam todos os dias. Obrigada por tudo!

À minha professora orientadora Dra. Monica Fontenelle Carneiro, só tenho a agradecer por todos os incentivos que me deu ao longo da caminhada. A senhora é excelente.

“Os nossos sonhos são inegociáveis”.
Paulo Vieira

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação foi marcada por desafios, aprendizados e muitas emoções. Nada disso seria possível sem o apoio de pessoas que caminharam comigo, direta ou indiretamente, e me sustentaram em cada etapa desta jornada.

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela vida, pela força e pela oportunidade de concluir mais essa etapa da minha formação, mais uma entre as que pedi a Ele em oração, em silêncio, ainda tenho outras na lista.

À minha filha, Lis Rafaella Sarges Pinheiro, minha luz e maior motivação. Seu amor puro e seus olhares de esperança me deram forças nos momentos mais difíceis. Tudo o que conquisto é, também, para você.

Ao meu marido, Rafael Pinheiro Silva, por todo o apoio, paciência, incentivo e compreensão. Obrigada por caminhar ao meu lado com tanto amor, mesmo nos dias em que o tempo foi curto e a rotina pesada.

À minha mãe, Leonice de Jesus Lima Sarges, mulher forte que sempre me ensinou o valor do estudo e do esforço. Sua fé em mim foi combustível quando quase me faltaram as forças.

Aos meus irmãos, Leudemir, Jovânia e Redinaldo, pelo carinho e pelas palavras encorajadoras que sempre me fizeram acreditar que eu era capaz.

À minha amiga Franciele, amiga que a graduação me presenteou, obrigada por sempre estar comigo ao longo desta caminhada, nos momentos em que o curso pesava e você tinha sempre uma palavra amiga de conforto.

Às minhas amigas da pós-graduação, Fabiana, Ana Thayrla e Cristiane, certamente, com vocês a caminhada ficou mais leve. Fabiana, vencemos tantos desafios juntas! Certamente, foi Deus que nos colocou no mesmo caminho.

À minha orientadora, Monica Fontenelle Carneiro, minha profunda gratidão pela orientação dedicada, pelas leituras cuidadosas e pelas palavras que impulsionaram meu crescimento acadêmico. Seu exemplo de profissionalismo e sensibilidade me marcou profundamente.

À minha amiga e ex-professora da graduação, Laura Virgínia Tinoco Farias, por toda a força e incentivo desde que nos conhecemos. Você é luz na minha vida.

Aos professores e professoras que passaram por minha trajetória e, com suas aulas, comentários e incentivo, me ajudaram a chegar até aqui. Cada um deixou uma marca em meu caminho, e sou grata por todo o conhecimento e apoio compartilhados.

Conseguir cursar uma pós-graduação em outra cidade, com todas as demandas do dia a dia, realmente não é uma tarefa simples, porém, com força, coragem, determinação, foco e o apoio das pessoas que te amam, certamente aquilo que para muitos parece impossível é possível.” Quando o Senhor te possibilitar viver os teus sonhos, vá, mas não olhe para trás; apenas, siga”.

Finalizo agradecendo a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho se concretizasse. Esta vitória é nossa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Discurso de posse Donald Trump (2017).....	43
Imagem 2 – Quadro-síntese metáforas discurso de posse de Donald Trump.....	52
Imagem 3 – Discurso de posse Jair Bolsonaro (2019)	53
Imagem 4 – Quadro-síntese metáforas discurso de posse de Bolsonaro.....	62
Imagem 5 – Discurso de posse Javier Milei (2023)	64
Imagem 6 – Quadro-síntese metáforas discurso de posse Javier Milei.....	72

LISTA DE ABREVIACÕES

AD – Análise do Discurso

EUA – Estados Unidos da América

LC – Linguística Cognitiva

UFC – Universidade Federal Do Ceará

PT – Partido dos Trabalhadores

TMC – Teoria da Metáfora Conceptual

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA	18
2.1 A metáfora na perspectiva tradicional x cognitiva	20
2.2 Metáforas conceituais segundo Lakoff e Johnson	22
2.2.1 metáforas orientacionais	22
2.2.2 Metáforas ontológicas	23
2.3 Metáforas e discurso	23
2.4 A metáfora como ferramenta de persuasão e construção de sentido	24
3 DISCURSO POLÍTICO E CONSTRUÇÃO COGNITIVA	25
3.1 O discurso político como prática discursiva-argumentativa	28
3.2 Estratégias linguísticas de persuasão	30
3.3 Imagem pública e construção de ethos	32
3.4 Populismo, nacionalismo e metáforas: conexões recorrentes	33
3.4.1 A metáfora da guerra	35
3.4.2 Nacionalismo e a construção do “outro”	35
3.4.3 A construção de inimigos simbólicos	36
3.4.4 Conexões com a linguística cognitiva	37
3.4.5 Populismo e a metáfora do combate	37
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
4.1 Caracterização da pesquisa	39
4.2 Constituição do corpus	40
4.3 Etapas da pesquisa	41
4.4 Categorias de análise	41
5 ANÁLISE ARGUMENTATIVA DOS DISCURSOS PRESIDENCIAIS	42
5.1 Análise do discurso de Donald Trump (2017)	42
5.1.1 Contexto sócio-político nos Estados Unidos	43
5.1.2 O discurso de posse: um breve resumo	44
5.1.3 Identificação, categorização e interpretação das metáforas conceituais no discurso	45
5.1.4 Efeitos cognitivos das metáforas conceituais	51
5.1.4.1 Integração entre cognição e emoção	52
5.2 Discurso de posse de Jair Bolsonaro (2019)	53
5.2.1 Contexto sócio-político no Brasil	54
5.2.2 O discurso de posse: um breve resumo	55
5.2.3 Identificação, categorização e interpretação das metáforas conceituais no discurso de posse presidencial	56
5.2.4 Efeitos cognitivos e emocionais nas construções metafóricas	61
5.3 Discurso de posse de Javier Milei (2023)	63
5.3.1 Contexto sócio-político na Argentina	64
5.3.2 O discurso de posse: um breve resumo	65
5.3.3 Identificação, categorização e interpretação das metáforas conceituais	66

5.3.4 Efeitos cognitivos e emocionais nas construções metafóricas	76
6 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS TRÊS DISCURSOS	77
6.1 Padrões metafóricos recorrentes	77
6.2 Singularidades ideológicas e cognitivas dos textos de posse	79
6.3 Convergências metafóricas no uso da linguagem política	80
6.4 Análise contrastiva: metáforas como marca de estilo e identidade	81
6.5 Considerações sobre populismo discursivo sob o viés cognitivo	82
7 CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS	85
ANEXOS	87
Anexo A - Discurso traduzido de posse do presidente Donald Trump (2017)	87
Anexo B - Discurso oficial de posse do presidente Donald Trump (2017)	92
Anexo C – Discurso de posse do presidente Jair Messias Bolsonaro (2019)	96
Anexo D – Discurso de posse do presidente Javier Milei (Argentina, 2023)	100

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise argumentativa acerca do uso das metáforas como recurso persuasivo nos discursos de posse de três líderes políticos contemporâneos - Donald Trump (Estados Unidos, 2017), Jair Bolsonaro (Brasil, 2019) e Javier Milei (Argentina, 2023). A investigação parte dos pressupostos da Linguística Cognitiva, com foco na Teoria da Metáfora Conceptual, doravante, TMC, proposta por Lakoff e Johnson ([1980], 2002), que consideram as metáforas como estruturas cognitivas fundamentais para a organização do pensamento e da linguagem. Enriquecem o embasamento teórico os trabalhos de Charteris-Black (2005), com sua abordagem crítica da metáfora política, Ferrari (2011), que trabalha a Introdução à linguística cognitiva e metáforas, além de Carneiro (2009, 2014), com enfoque na metáfora e seu funcionamento. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, interpretativa e documental, combinando análises argumentativas-cognitivas com categorização das metáforas conceituais a partir dos discursos oficiais de posse. O *corpus* é constituído pelos textos de posse, obtidos em fontes jornalísticas de ampla circulação, como *G1.com*, *UOL.com* e *CNN Brasil*. A escolha desse recorte justifica-se pela relevância desse gênero discursivo no estabelecimento de agendas políticas e na construção de narrativas inaugurais de governo, permitindo identificar estratégias metafóricas voltadas à legitimação do mandato e à mobilização simbólica do público. O objetivo geral desta pesquisa é analisar argumentativa e cognitivamente o uso de metáforas como recurso persuasivo nos discursos políticos. Os resultados indicam que os textos inaugurais, embora inseridos em contextos sócio-políticos distintos, compartilham estruturas metafóricas recorrentes, especialmente aquelas que apresentam a “política como guerra”, a “nação como corpo” e a “crise como doença ou colapso” revelando padrões comuns no populismo contemporâneo.

Palavras-chave: Discurso político; Metáfora conceptual; Linguística Cognitiva; Persuasão; Ideologia.

ABSTRACT

This study proposes an argumentative analysis of the use of metaphors as a persuasive resource in the inaugural speeches of three contemporary political leaders - Donald Trump (United States, 2017), Jair Bolsonaro (Brazil, 2019), and Javier Milei (Argentina, 2023). The investigation is grounded in the assumptions of Cognitive Linguistics, with a focus on the Conceptual Metaphor Theory (CMT), as proposed by Lakoff and Johnson ([1980] 2002), who view metaphors as fundamental cognitive structures for the organization of thought and language. The theoretical framework is further enriched by the works of Charteris-Black (2005), with his critical approach to political metaphor, Ferrari (2011), who examines the foundations of cognitive linguistics and metaphor, and Carneiro (2009, 2014), who focuses on metaphor and its functioning. The adopted methodology is qualitative, interpretative, and documentary, combining argumentative-cognitive analyses with the categorization of conceptual metaphors based on official inaugural speeches. The corpus consists of inaugural speech texts obtained from widely circulated journalistic sources such as G1.com, UOL.com, and CNN Brasil. This selection is justified by the relevance of this discursive genre in establishing political agendas and constructing inaugural governmental narratives, allowing the identification of metaphorical strategies aimed at legitimizing the mandate and symbolically mobilizing the audience. The general objective of this research is to analyze, both argumentatively and cognitively, the use of metaphors as a persuasive resource in political discourse. The results indicate that inaugural speeches, although situated in distinct socio-political contexts, share recurring metaphorical structures, especially those that present “politics as war,” “the nation as a body,” and “crisis as disease or collapse,” revealing common patterns in contemporary populism.

Keywords: Political discourse; Conceptual metaphor; Cognitive Linguistics; Persuasion; Ideology.

1 INTRODUÇÃO

“A mente é inerentemente corporificada.
O pensamento é em grande parte inconsciente.
Conceitos abstratos são em grande parte metafóricos.”
(George Lakoff)

A linguagem humana ocupa um lugar central nos processos de comunicação e na construção dos modos de percepção e interpretação da realidade. No âmbito dos estudos linguísticos, observa-se um movimento de superação das abordagens estritamente formais ou descritivas, em direção a perspectivas que integram dimensões cognitivas e discursivas na análise do funcionamento da linguagem. Nesse contexto, destaca-se a contribuição da Linguística Cognitiva, especialmente da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), proposta por Lakoff e Johnson (1980; 2002). Longe de conceber as metáforas como simples recursos estilísticos, interpretação ainda recorrente na educação básica e em grande parte dos materiais didáticos, a TMC as caracteriza como mecanismos cognitivos centrais para a estruturação do pensamento e para a organização dos discursos sobre o mundo, permitindo compreender como experiências concretas fundamentam a conceptualização de domínios abstratos.

Conforme defendem os autores, pensar é em grande medida metaforizar: utiliza-se domínios mais concretos e sensoriais da experiência humana, chamados “domínios-fonte” para compreender fenômenos abstratos e complexos, denominados “domínios-alvo”. Isso se manifesta de maneira intensa em discursos políticos, nos quais as metáforas revelam como se pensa a política e como ela molda a maneira como se apresenta ao público. Esse uso estratégico da linguagem metafórica tem como função informar, persuadir, consolidar identidades, ativar *frames* culturais e acionar emoções, aspectos analisados também por autores como Charteris-Black (2004, 205), Carneiro (2009, 2014), Ferrari (2011), em suas contribuições para a análise crítica e discursiva da metáfora.

A análise proposta neste estudo parte do pressuposto de que o discurso político não opera apenas no nível informativo ou racional, mas também e, principalmente, no nível simbólico e afetivo. Nesse sentido, as metáforas desempenham um papel fundamental, pois não adornam apenas a linguagem, mas estruturam o próprio modo como se compreende e se concebe o mundo. A partir da perspectiva da Linguística Cognitiva, especialmente da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), conforme formulada por Lakoff e Johnson, as metáforas são

entendidas como mecanismos cognitivos centrais, por meio dos quais experiências abstratas (como política, crise, nação) são compreendidas a partir de domínios mais concretos (como guerra, doença, corpo, jornada, construção, etc.). Assim, este trabalho parte da hipótese de que os discursos de posse de Trump, Bolsonaro e Milei compartilham estruturas metafóricas recorrentes, que não apenas organizam cognitivamente a experiência política, mas também veiculam ideologias políticas e estratégias de persuasão próprias do populismo contemporâneo.

Nas últimas décadas, a ascensão de líderes políticos com discursos populistas e conservadores tem se intensificado em diversas partes do mundo, marcando uma nova fase no cenário político global. Esse fenômeno desperta o interesse de pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento, especialmente no campo das ciências sociais, políticas e da linguagem, dado o papel central que o discurso exerce na construção de identidades políticas, na mobilização de afetos coletivos e na legitimação do poder. Em particular, os discursos de posse desses líderes constituem momentos privilegiados para análise, pois são instâncias simbólicas em que os presidentes, por exemplo, recém-eleitos delineiam publicamente suas visões de mundo, seus projetos de governo e as formas pelas quais pretendem se relacionar com o povo, com seus opositores e com as instituições do Estado.

No campo do discurso político, os textos de posse presidencial ocupam lugar privilegiado como atos fundadores de legitimidade, marcos simbólicos de transição de poder e janelas para a exposição da ideologia e da visão de mundo do líder que assume o cargo. Trata-se de discursos altamente intencionais e estrategicamente organizados, nos quais a escolha lexical, a organização textual e os recursos figurativos funcionam como mecanismos de projeção de autoridade, empatia (dependendo da ideologia política¹ à qual o candidato eleito está interligado), ruptura ou continuidade, tudo projetado milimetricamente.

Este trabalho propõe uma análise argumentativa-comparativa dos discursos de posse de Donald Trump (EUA, 2017), Jair Bolsonaro (Brasil, 2019) e Javier Milei (Argentina, 2023), três líderes eleitos em contextos de intensa polarização política e descontentamento institucional em seus países. Embora situados em realidades culturais distintas, os candidatos eleitos apresentam discursos marcados por elementos recorrentes que serão visualizados e analisados adiante, são destaques: apelo populista, construção de inimigos simbólicos, promessas de restauração e uso de metáforas estruturantes, de forma constante. A escolha

¹ Ideologia política pode ser explicada como um conjunto de ideias, valores, crenças e princípios que orientam o comportamento político de indivíduos, grupos ou partidos.

desses discursos se justifica por seu potencial de revelar marcas linguísticas e ideológicas, como também padrões discursivos transnacionais que caracterizam o populismo contemporâneo.

A análise será conduzida à luz da Linguística Cognitiva, com ênfase na Teoria da Metáfora Conceptual, doravante, TMC, (Lakoff; Johnson, ([1980], 2002), Ferrari (2011) e Carneiro (2009; 2014) com enfoque no uso das metáforas, e será enriquecida por princípios da Análise do Discurso político, conforme delineada por autores como Charteris-Black (2005), além das ricas contribuições na área da Análise do Discurso de Charaudeau (2006).

O objetivo geral desta pesquisa é analisar comparativamente e argumentativamente o uso de metáforas conceptuais nos discursos de posse de Trump (2017), Bolsonaro (2019) e Milei (2023), observando seus efeitos cognitivos, textuais e ideológicos. Como objetivos específicos, propõe-se: identificar e categorizar as metáforas conceptuais predominantes em cada discurso; analisar a forma como essas metáforas se articulam com os elementos textuais e argumentativos dos discursos; relacionar, comparativamente, as metáforas utilizadas pelos líderes nos discursos de posse; comparar as similaridades e divergências entre os discursos.

Os procedimentos metodológicos adotados são o método de pesquisa qualitativa, interpretativa, comparativa e documental, baseado em análise textual-argumentativa dos discursos oficiais de posse, obtidos por meio de plataformas públicas on-line, como o *G1.Globo*, CNN Brasil e portal *UOL*.

O desenvolvimento desta pesquisa se dará em três etapas: (1) identificação e mapeamento das metáforas conceptuais, com base nos domínios cognitivos ativados estudados por Lakoff e Johnson ([1980], 2002); (2) classificação das metáforas conceptuais como ontológicas ou orientacionais; (3) interpretação dos efeitos cognitivos e persuasivos das metáforas no discurso de cada presidente, considerando o contexto político-social em que foram proferidas.

Na introdução, foi apresentado o objeto de estudo deste trabalho, a justificativa que o fundamenta, a metodologia seguida, os objetivos que se desejava alcançar ao final das investigações, os teóricos que nortearam o desenvolvimento do texto, seguidos das considerações iniciais que contextualizam o tema. O trabalho está organizado, além desta introdução, em oito capítulos, como descritos posteriormente:

Já o capítulo 2, Fundamentos da linguística cognitiva, apresenta os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva e da Teoria da Metáfora Conceptual, origens, a metáfora na perspectiva tradicional x cognitiva, as metáforas conceptuais por Lakoff e Johnson, mapeamentos metafóricos e metáfora como ferramenta de persuasão.

O capítulo 3, Discurso político e construção cognitiva, apresenta o discurso político como prática persuasiva e argumentativa, estratégias linguísticas de persuasão, imagem pública e construção do *ethos* discursivo, a metáfora da guerra e do nacionalismo.

No capítulo 4, Procedimentos metodológicos, ocorre a apresentação da metodologia aplicada à construção e ao desenvolvimento do estudo, destacando a caracterização da pesquisa, a constituição do acervo textual, as etapas e categorias de análise a serem seguidas ao longo dos estudos.

O capítulo 5, Análise discursiva do discurso de posse de Donald Trump, é dedicado à apresentação e análise do discurso de posse de Donald Trump, proferido nos EUA, em 2017, logo após ser empossado pela primeira vez como presidente daquele país. Neste capítulo estão as identificações das metáforas conceptuais utilizadas, as categorias de análise e as interpretações à luz da LC, reafirmadas por Lakoff e Johnson.

Capítulo 6, Análise do discurso de posse de Jair Bolsonaro, dissertará sobre o contexto sócio-político que o país enfrentava à época, analisando as metáforas utilizadas no discurso, qual a recorrência de uso desses recursos linguísticos e qual a sua relevância para a persuasão pública; há ainda um breve resumo desse texto, e em seguida, a identificação, categorização e análise das metáforas conceptuais utilizadas pelo presidente empossado, seguido de um mapa mental das metáforas trabalhadas e seus efeitos de sentido.

O Capítulo 7, Análise do discurso de posse de Javier Milei, discorre sobre o texto presidencial do atual presidente da Argentina, empossado em 2023. Esta etapa da pesquisa apresenta as metáforas conceptuais usadas por Milei, seguida de categorização, classificação, e logo após ocorre as análises de cada uma à luz da “Metáfora da Vida Cotidiana” (2002), finalizando com um mapa mental dessas metáforas e seus efeitos persuasivos.

No Capítulo 8, Análise comparativa entre os três discursos, ocorrerá a análise comparativa-argumentativa entre os três discursos de posse, buscando entender as particularidades e contrastes entre os documentos oficiais de posse, segundo as fontes *on-line* pesquisadas.

Na conclusão, capítulo 9 e último desta pesquisa, são apresentadas as principais conclusões do trabalho, suas implicações para os estudos da linguagem e sugestões para futuras pesquisas. Ao investigar as metáforas que estruturam os discursos de posse dos personagens apresentados nesta pesquisa como recursos persuasivos, pretende-se contribuir para uma compreensão mais ampla dos mecanismos linguísticos e cognitivos que sustentam o populismo

contemporâneo, além de auxiliar em análises críticas dos discursos que moldam a política nas sociedades democráticas atuais.

2 BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA

Na Europa, a Linguística Cognitiva alcançou uma rápida e significativa difusão, especialmente em países como Alemanha, Holanda e Reino Unido, onde se consolidou como uma das vertentes teóricas mais produtivas para o estudo da linguagem. Nesses contextos acadêmicos, grupos de pesquisa em linguística funcional e psicolinguística passaram a incorporar de forma sistemática os modelos cognitivos às suas investigações, ampliando o campo de aplicação dessa abordagem. A partir disso, a LC começou a dialogar com outras áreas do conhecimento, como a filosofia da mente, a psicologia cognitiva e as ciências do cérebro, o que fortaleceu sua base interdisciplinar.

Além disso, os estudos semânticos e discursivos nesses países passaram a considerar com maior ênfase o papel da experiência, da percepção e da categorização na construção do sentido linguístico, mostrando que o significado não é somente um produto do sistema linguístico, passando a ser visto como estruturas cognitivas e culturais que o sustentam. Dessa forma, a difusão da Linguística Cognitiva na Europa contribuiu para o surgimento de uma nova perspectiva de análise, centrada no modo como os seres humanos conceptualizam e interagem com o mundo por meio da linguagem.

No Brasil, a chegada da LC ocorreu sobretudo na década de 1980, mas foi em 1990 que se apresentou fortemente, impulsionada por traduções de obras como *Metaphors We Live By* (Lakoff & Johnson, 1980) e *Foundations of Cognitive Grammar* (Langacker, 1987). Instituições como a Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) desempenharam papel central na consolidação da área, com grupos de pesquisa voltados à semântica cognitiva, metáforas e discurso político.

A LC é uma perspectiva teórica da linguagem, em contraste com os modelos formalistas predominantes, particularmente com a Gramática Gerativa de Noam Chomsky e do estruturalismo de Ferdinand de Saussure. Ao contrário das abordagens que veem a linguagem como um sistema autônomo e abstrato, a LC acredita que a linguagem é uma expressão das habilidades cognitivas humanas em geral. Por esse motivo, ela está intimamente ligada à experiência corporal, à percepção sensorial e à interação com o mundo.

De acordo com o pesquisador Silva (1997, p. 61), ao estudar essa então nova vertente que surgia da linguística, o autor destaca que:

O estruturalismo linguístico, nas suas diferentes formas, entende e estuda a linguagem como um sistema que se basta a si mesmo (com a sua própria estrutura, os seus próprios princípios constitutivos, a sua própria dinâmica) e, por conseguinte, o mundo que ela representa e o modo como através dela o percebemos e conceptualizamos considera-os como aspectos “extra-linguísticos”. Por seu lado, a gramática gerativa (de Chomsky e seus discípulos) defende que a faculdade da linguagem é uma componente autónoma da mente, específica e, em princípio, independente de outras faculdades mentais; por conseguinte, o conhecimento da linguagem é independente de outros tipos de conhecimento.

Segundo Ferrari (2011), uma das principais pesquisadoras brasileiras na área, a linguística cognitiva não busca descrever a língua como um sistema fechado e abstrato, mas como parte integrante de um sistema cognitivo que está em constante interação com o ambiente físico e social do falante. Para ela, essa perspectiva promove uma abordagem mais funcional e experiencial da linguagem, com foco na construção ativa de significados.

A autora, em sua obra *Introdução à Linguística Cognitiva*, (2011), apresenta um breve resumo sobre o surgimento dessa nova vertente da linguística, seus precursores e contexto em que ela é inserida nos estudos:

Como designação de uma nova vertente, o termo foi inicialmente adotado por um grupo particular de estudiosos, entre os quais se destacam George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, cuja vasta experiência de pesquisa em Semântica Gerativa motivou crescente insatisfação com o papel da Semântica/Pragmática no modelo. Esses autores concordavam fundamentalmente com o matiz cognitivista da teoria gerativa, condensado na fórmula “a linguagem é o espelho da mente” (Chomsky, 1975), mas passaram a buscar um viés teórico capaz de dar conta das relações entre sintaxe e semântica, investigando especialmente as relações entre forma e significado na teoria linguística (Ferrari, 2011, p. 13).

Assim, a LC passa a ser definida também como uma abordagem teórica que vê a linguagem como parte integrante da cognição, profundamente relacionada a outros processos mentais como memória, atenção, categorização e raciocínio. A linguagem, nessa perspectiva, não é apenas um código simbólico, mas uma janela privilegiada para a compreensão da mente humana. A LC está aberta à interdisciplinaridade com outras ciências cognitivas, pois a linguagem é vista como um componente essencial da cognição e interage com outros sistemas cognitivos, como percepção, atenção, memória e raciocínio. Além de integrar dados significativos dessas ciências na teorização e descrição da linguagem, ela também contribui para a pesquisa da cognição humana.

Corroborando com a ideia apresentada acima, Carneiro (2014, p. 71) destaca:

Os estudos cognitivistas apresentam caráter transdisciplinar e, ao longo de sua evolução, vêm dialogando, estreita e permanentemente, com outras áreas. Essas áreas são a Psicologia, a Antropologia, a Filosofia, a Inteligência Artificial, a Neurologia e, em especial, a Linguística, que se destaca por ser a linguagem essencialmente categorizadora e serem as suas contribuições substanciais para processo de conhecimento, organização e construção do real.

Enquanto ciência, a LC estabelece suas bases na compreensão de que a mente é inerentemente corporificada, o pensamento é, em grande parte, inconsciente, e os conceitos abstratos são amplamente metafóricos, ou seja, as metáforas estão infiltradas no cognitivo humano, como explicam Lakoff e Johnson (2002). Isso reforça o fato de que a experiência é essencial para a formação da linguagem e do pensamento, que são componentes da cognição, além de ser crucial para a vivência sociocultural humana e seu processo de categorização da realidade. Diante dessas evidências, os autores abandonaram o modelo gerativo e a semântica formal, concentrando-se em pesquisas que pudessem indicar um novo modelo semântico, denominado hoje linguística cognitiva.

2.1 A metáfora na perspectiva tradicional x cognitiva

Os primeiros estudos sobre a metáfora, no contexto da tradição clássica, remontam a Aristóteles. Em suas obras *Arte Retórica* e *Poética*, escritas no século IV a.C., o filósofo concebe a metáfora como expressão da estética e da arte de “bem falar”, sendo um recurso que eleva a linguagem a um nível mais nobre. Entretanto, Aristóteles também adverte quanto ao uso excessivo das metáforas, pois isso pode comprometer a clareza do discurso e dificultar sua compreensão por parte do interlocutor.

Nas obras *Arte Retórica* e *Arte Poética*, Aristóteles (2001) reconhece o uso cotidiano da metáfora, afirmando que “não há ninguém que na conversação corrente não se sirva de metáforas, dos termos próprios e dos vocábulos usuais”. Isso demonstra que ele está ciente da presença da metáfora na linguagem comum. No entanto, Aristóteles opta por enfatizar a literatura, especialmente a poesia, como o espaço privilegiado para o uso metafórico, atribuindo-lhe um papel central na nobreza e na expressividade da linguagem.

Tradicionalmente, a metáfora era vista como uma figura de linguagem, uma expressão estilística que enriquece o discurso e, principalmente, nos livros didáticos da educação básica, é denominada figura de linguagem, possuindo sentido, muitas vezes limitado. No entanto, Lakoff e Johnson, em *Metáforas da Vida Cotidiana* ([1980], 2002), propõem um novo olhar, ou seja, uma nova perspectiva para esses recursos linguísticos; para eles, as metáforas são

fundamentais para a estruturação do pensamento humano. Segundo eles, “a metáfora não está meramente nas palavras que usamos - está no próprio conceito de discussão. A linguagem da discussão não é poética, ornamental ou retórica; é literal” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 48).

A TMC transformou a pesquisa sobre metáforas, pois os acadêmicos as consideravam meros adornos linguísticos até aquele momento. Por outro lado, na TMC, Lakoff e Johnson demonstraram que elas são fundamentais para a estruturação do pensamento humano, começando do concreto para elucidar o abstrato.

Assim, os autores pontuam que:

Nosso sistema conceitual não é algo do qual normalmente temos consciência. Na maioria dos pequenos atos da nossa vida cotidiana, pensamos e agimos mais ou menos automaticamente, seguindo certas linhas de conduta, que não se deixam apreender facilmente. Um dos meios de descobri-las é considerar a linguagem. Já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceitual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência importante de como é esse sistema (Lakoff; Johnson, 2002, p. 46).

As metáforas, então, são entendidas como mapeamentos entre domínios conceptuais, nos quais um domínio concreto (como o espaço físico) é usado para entender um domínio mais abstrato (como o tempo ou as emoções). Por exemplo, a expressão “tempo é dinheiro” reflete um mapeamento metafórico que associa o tempo a um recurso valioso e limitado e não, exatamente, que o tempo é algo que se compra com o dinheiro, mas sim, que vale tanto quanto ele ou mais.

Sobre a relevância do estudo das metáforas, Carneiro (2009) enfatiza que, com os estudos da Linguística Cognitiva, a metáfora começou a ser compreendida e analisada de maneira distinta, conforme se segue:

É interessante ressaltar que a linguagem humana passou, então, a ser estudada como expressão tanto das experiências pessoais, sociais e culturais, como das manifestações do conhecimento, da estrutura conceitual e do processamento cognitivo, e a metáfora ganhou uma dimensão de muito maior relevância e abrangência do que tivera até então (Carneiro, 2009, p. 40).

Historicamente, essas metáforas foram tratadas como recursos retóricos e estilísticos, localizados na esfera da linguagem figurada (na literatura ainda é possível vê-las conceituadas dessa forma). Esse modelo, herdado da retórica clássica, concebia a metáfora como uma substituição ornamental de palavras.

A virada conceitual promovida por Lakoff e Johnson (2002), no entanto, altera bastante essa visão. Ela passa a ser compreendida como um mecanismo cognitivo, responsável por estruturar conceitos abstratos com base em experiências concretas. No estudo, os autores

afirmam: “[...] constatamos que a maior parte de nosso sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica. E encontramos um modo de começar a identificar em detalhes quais são as metáforas que estruturam nossa maneira de perceber, de pensar e de agir”.

2.2 Metáforas conceptuais segundo Lakoff e Johnson

Na obra *Metaphors We Live By* (1980), George Lakoff e Mark Johnson introduzem o conceito de metáfora conceptual, compreendida como um mapeamento sistemático entre dois domínios: o domínio-fonte (concreto e experiencial) e o domínio-alvo (abstrato). Segundo os autores, elas são conceptuais, sistemáticas e culturalmente situadas, revelam como o ser humano pensa, moldam políticas públicas, decisões econômicas e discursos políticos, por exemplo.

A ideia dos autores desafia a visão convencional ao sustentar que o pensamento humano é essencialmente metafórico. Elas possibilitam a compreensão de conceitos abstratos ou complexos por meio de domínios mais concretos, familiares e de fácil acesso. Por exemplo, empregamos a noção concreta de “caminho” para entender a vida em frases como “seguir um caminho” ou “mudar de direção”. Esse processo não é deliberado, mas está profundamente arraigado em nossa cognição.

As metáforas conceptuais são fundamentadas na experiência física e sensorial do ser humano no mundo. A metáfora orientacional “felicidade é para cima”, por exemplo, demonstra a ligação entre um estado emocional positivo e a sensação física de estar ereto ou elevado, se estiver ao contrário, significa que é negativo, logo, triste é para baixo. Isso acontece porque, cultural e biologicamente, ligamos sensações de bem-estar a posturas ou experiências espaciais que sugerem “subida”. Por exemplo, não é comum encontrar alguém se declarando extremamente feliz com a face caída. Desse modo, essas metáforas se originam de vivências compartilhadas por praticamente todos os seres humanos, embora suas nuances e aplicações possam variar culturalmente.

2.2.1 Metáforas orientacionais

Lakoff e Johnson (1980) dividem as metáforas em três tipos: orientacional, estrutural e ontológica, das quais, neste trabalho, serão trabalhadas as orientacionais e as ontológicas. As metáforas orientacionais (MO) são um tipo particular de metáfora conceptual que estrutura nossa percepção do mundo ao vincular conceitos abstratos a orientações espaciais. Em outras

palavras, são expressões que indicam direção, como para cima, para baixo, para trás, para frente, entre outras.

Para os autores (2002, p. 59), “a maioria delas tem a ver com orientação espacial do tipo: para cima-para baixo, dentro-fora, frente-trás, em cima de-fora de (*on-off*), fundo-raso, central-periférico”. Essas metáforas refletem a maneira como as experiências físicas humanas com a direção e o espaço influenciam a percepção de fenômenos mais abstratos, como emoções, tempo e ações.

Ainda, na perspectiva dos estudiosos, (p. 59), “as metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação espacial como, por exemplo, FELIZ É PARA CIMA. O fato de o conceito FELIZ ser orientado PARA CIMA leva a expressões como “Estou me sentindo para cima hoje” (*“I’m feeling up today”*). Nessa perspectiva, explicam ainda que há várias outras expressões metafóricas que indicam relação de direção entre os seres humanos e seus sentimentos e emoções, como TRISTE É PARA BAIXO/RUIM É PARA BAIXO, ou seja, é humanamente impossível uma pessoa estar feliz ou para cima, por exemplo, depois de vivenciar experiências como a derrota de seu time favorito, a perda de seu emprego ou, pior ainda, a perda de um ente querido.

2.2.2 Metáforas ontológicas

Ao contrário das metáforas orientacionais, as metáforas ontológicas tratam da criação de conceitos e entidades abstratas como se fossem objetos concretos ou até mesmo seres com atributos físicos e psicológicos. Segundo Lakoff e Johnson (2002), essas metáforas conferem uma “existência” concreta a fenômenos ou processos abstratos, possibilitando que possamos discuti-los de maneira mais palpável e compreensível.

Para eles, “as metáforas ontológicas servem a vários propósitos e as diferenças que existem entre elas refletem os diferentes fins. Consideremos a experiência de aumento de preços, que pode ser vista metaforicamente como uma entidade por meio do substantivo “inflação” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 76). Dessa forma, as metáforas ontológicas concretizam conceitos abstratos para que se tornem mais acessíveis ao destinatário.

2.3 Metáforas e discurso

A Linguística Cognitiva compreende a metáfora como um ornamento retórico e também como um mecanismo central de conceptualização da experiência humana. Conforme propõem

Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é um fenômeno cognitivo que estrutura o pensamento e a linguagem, permitindo compreender conceitos abstratos a partir de domínios concretos da experiência. Desse modo, expressões como “batalha política” ou “vitória eleitoral” não funcionam como meras figuras de estilo; elas refletem uma forma de perceber a política sob o esquema conceitual de “guerra”. Assim, a metáfora constitui uma ferramenta fundamental para o entendimento de como o conhecimento é organizado, interpretado e compartilhado no âmbito discursivo e social.

No discurso político, as metáforas assumem papel estratégico na construção e na legitimação de sentidos ideológicos. Ao projetar domínios conceptuais como “nação”, “povo” ou “líder” em esquemas metafóricos de “família”, “caminho” ou “corpo”, o discurso político aciona valores culturais e morais que fortalecem determinadas visões de mundo. Essa operação cognitivo-discursiva contribui para a formação de identidades coletivas e para a legitimação de relações de poder, influenciando a forma como o cidadão interpreta eventos, atores e práticas políticas. A metáfora, nesse contexto, é um recurso que estrutura percepções e direciona interpretações, sustentando a coerência argumentativa do discurso.

Sob essa perspectiva, o estudo das metáforas no discurso político revela que essas construções linguísticas funcionam como instrumentos de persuasão e naturalização ideológica. Elas estruturam o modo como a realidade política é concebida e comunicada, instaurando modelos cognitivos que orientam o pensamento social e o comportamento político. A identificação e a análise de metáforas sistemáticas em discursos públicos, como “luta”, “ameaça”, “caminho” ou “construção”, permitem compreender os pressupostos cognitivos e culturais que sustentam as narrativas hegemônicas e as dinâmicas discursivas de poder.

2.4 A metáfora como ferramenta de persuasão e construção de sentido

No campo da Linguística Cognitiva, a metáfora é concebida como um mecanismo fundamental do pensamento humano, sendo responsável por estruturar conceptualmente domínios abstratos por meio de experiências concretas e corporificadas (Lakoff; Johnson, 2002). Essa abordagem rompe com a concepção tradicional da metáfora como figura de linguagem decorativa, atribuindo-lhe um papel central na formação de estruturas cognitivas e na organização discursiva. No contexto do discurso político, tal compreensão torna-se particularmente relevante, uma vez que a metáfora opera como estratégia de construção de sentido e de persuasão ideológica.

Conforme propõem os autores, metáforas conceptuais como A POLÍTICA É GUERRA, O GOVERNO É UM CORPO ou A NAÇÃO É UMA FAMÍLIA exemplificam como certos domínios da experiência humana (domínios-fonte) são projetados sobre domínios mais abstratos (domínios-alvo), de modo a facilitar a compreensão, a avaliação e a tomada de posição diante de fenômenos complexos. Essa projeção sistemática de estruturas entre domínios é denominada mapeamento metafórico. No discurso político, tais mapeamentos não apenas simplificam ideias, mas orientam o raciocínio, legitimam posturas e ativam quadros ideológicos compartilhados pelo coletivo.

Adicionalmente, a metáfora política assume uma função persuasiva por sua capacidade de condensar avaliações implícitas e de naturalizar visões de mundo. Como argumenta Charteris-Black (2005), o valor retórico da metáfora reside na articulação entre cognição e emoção, visto que ela mobiliza estruturas mentais profundamente arraigadas na experiência cultural e corporal dos sujeitos. Assim, expressões como “reconstruir o país” ou “sanar as feridas do povo” não apenas informam ou descrevem, mas posicionam o enunciador, emocionam o receptor e reforçam determinados enquadramentos ideológicos.

Nesse sentido, o discurso político, ao lançar mão de metáforas recorrentes, constrói uma rede de sentidos que favorece a identificação do eleitor com determinada figura pública ou proposta de governo. A partir da noção de esquemas imagéticos, compreende-se que estruturas cognitivas básicas estão na base das metáforas utilizadas em contextos políticos. Por exemplo, a metáfora da crise comparada a um túnel escuro a ser superado ativa um esquema imagético associando o progresso político à ideia de deslocamento e superação de obstáculos.

Portanto, a metáfora, sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, opera como instrumento estruturante do discurso político, funcionando simultaneamente como mecanismo de organização cognitiva e recurso de manipulação simbólica. Ao ativar estruturas conceptuais compartilhadas e evocar experiências sensoriais comuns, a metáfora confere legitimidade ao discurso, influencia o julgamento do interlocutor e constrói sentidos que sustentam ideologias e identidades políticas.

3 DISCURSO POLÍTICO E CONSTRUÇÃO COGNITIVA

A Linguística, enquanto ciência da linguagem, fornece instrumentos fundamentais para a compreensão dos modos pelos quais os sujeitos constroem sentidos no discurso. No campo da análise do discurso político, por exemplo, essa perspectiva revela como determinadas escolhas linguísticas operam como formas de expressão, estratégias cognitivas e ideológicas

que modelam a percepção da realidade social. À luz da Linguística Cognitiva, proposta por Lakoff e Johnson ([1980], 2002), o discurso político transmite informações e estrutura o pensamento por meio de metáforas conceptuais, que organizam e orientam a maneira como o público compreende temas como poder, nação, liderança e conflito. Assim, o discurso político ocupa um espaço privilegiado para a observação de construções cognitivas que influenciam emoções, crenças e ações coletivas.

Nessa perspectiva, o discurso é entendido como uma manifestação da linguagem em uso, situada em contextos socioculturais e interativos. Diferente de uma frase isolada ou de um enunciado descontextualizado, ele envolve uma cadeia de sentidos produzidos por sujeitos sociais em práticas comunicativas concretas. A análise do discurso busca compreender como esses sentidos são construídos, mantidos ou contestados a partir das relações entre linguagem, sociedade, ideologia e cognição.

Segundo Lakoff e Johnson (1980; 2002), o modo como pensamos e agimos no cotidiano é organizado por um sistema conceptual que tem a metáfora como princípio estruturante. Em *Metáforas da Vida Cotidiana*, os autores mostram que todo discurso é orientado por metáforas conceptuais que organizam o pensamento, estruturam a percepção e guiam a ação. Nessa perspectiva, compreende-se o discurso como uma prática cognitiva, em que linguagem e cognição são inseparáveis. Nesse campo, o discurso é também uma via de acesso às representações mentais dos falantes como modelos mentais, como os *frames* que são “sistemas estruturados de conhecimento, armazenados na memória de longo prazo e organizados a partir da esquematização da experiência” (Ferrari, 2011, p. 50), metáforas e esquemas mostrando como a linguagem molda e reflete a forma como pensamos o mundo.

O discurso político, enquanto prática cognitivo-discursiva estratégica, desempenha um papel relevante na construção de significados compartilhados e na modelagem da realidade social. Sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, entende-se que a linguagem não representa apenas o mundo, mas também o constrói cognitivamente por meio de processos como categorização, formação de *frames*, metáforas conceptuais e esquemas mentais. Dessa forma, o discurso político também opera como um instrumento poderoso de persuasão e legitimação, estruturando percepções, valores e atitudes dos sujeitos a partir de estruturas linguístico-cognitivas que acionam experiências e conhecimentos prévios, ou seja, conhecimentos arquivados na mente que serão ativados em determinados momentos.

Ao explorar os estudos sobre discurso político, Pinto (2006) chama a atenção para algumas características intrínsecas desse tipo de discurso, destacando que “o discurso político,

mais do que qualquer outro discurso, tem sua verdade sempre ameaçada por outros discursos que buscam impor suas verdades”. Para ele, essa é uma das principais características porque nesse campo de estudos é aquele destinado à sociedade mais ampla, o que exige por um lado grande esforço para consolidar seus significados e também para combater outros significados que se apresentem, ou seja, é um discurso que percorre todas as instâncias e seu significado pode variar, dependendo do momento que foi dito, em que circunstâncias e quais conjunto de ideias o outro “representa e defende”. É necessário destacar também que muitos discursos têm como característica também excluir outros, oferecendo uma verdade que necessita silenciar ou desconstruir as outras verdades de outros discursos já ditos.

Esse movimento de validar ou invalidar um discurso está vinculado ao que Van Dijk (2008) denominou “padrões de acesso ao discurso”. Para ele, “nas sociedades modernas, o acesso ao discurso é uma condição primordial à construção do consenso, e, assim, configura-se como o modo mais efetivo de exercer o poder e a dominância” (Van Dijk, 2008, p. 111).

Ao afirmar que o acesso ao discurso é fundamental para a construção do consenso, o autor indica que não é qualquer sujeito que participa igualmente da circulação de modelos mentais socialmente compartilhados. Sob a perspectiva da LC, validar ou invalidar um discurso significa regular quais *frames* e modelos cognitivos podem ser mobilizados na esfera pública e quais são restringidos ou silenciados. Esse processo atua como um mecanismo de manutenção de determinados modelos sociocognitivos dominantes, já que grupos com maior acesso aos meios de enunciação conseguem fortalecer certos enquadramentos, estruturar interpretações coletivas e estabilizar versões específicas da realidade.

Para reforçar o discurso em suas instâncias e, principalmente, no político, as metáforas mais uma vez desempenham papel de intensa valoração, pois elas são o resultado de um intrincado processo semântico-cognitivo realizado por meio do discurso. Os efeitos de sentido gerados por esse processo, quando relacionados a um contexto situacional, influenciam a forma como se experimenta ou se vive a realidade.

A construção cognitiva promovida pelo discurso político não é neutra, mas profundamente doutrinadora, influenciando a forma como determinados grupos sociais percebem a si mesmos, os outros e o contexto político-social em que estão inseridos. Assim, o caminho conceptual a ser seguido por este texto tem como objetivo destacar, de forma geral, o funcionamento argumentativo-cognitivo da metaforização e como as implicações pragmáticas do discurso podem contribuir para as reconfigurações no âmbito político. Este tópico, portanto, visa explorar como os mecanismos cognitivos subjacentes ao discurso político contribuem para

a formação de modelos mentais e para a consolidação de narrativas políticas, e identidades coletivas.

3.1 O discurso político como prática discursiva-argumentativa

O discurso político é uma prática discursiva contextualizada, influenciada por metas persuasivas e por contextos históricos, ideológicos e culturais particulares. Para a Linguística Cognitiva, o discurso político é uma prática linguística que estrutura o pensamento coletivo por meio de metáforas, *frames* e modelos mentais, moldando a compreensão da realidade social e promovendo ideologias de forma persuasiva e naturalizada. Ele é um meio de ação social, uma ferramenta pela qual os atores políticos criam significados, formam identidades, direcionam comportamentos e competem por hegemonias.

A linguagem política vai além da simples transmissão de informações, desempenhando função essencial na (re)construção da realidade social e simbólica. Nesse contexto, o discurso político não retrata o mundo de forma neutra; ele o interpreta e o reconfigura com base em estruturas cognitivas e ideológicas que são compartilhadas ou que se busca tornar predominantes.

Do ponto de vista da linguística cognitiva, essa prática discursiva opera por meio de construções mentais que envolvem categorizações, enquadramentos (*frames*), narrativas e metáforas conceptuais. Como salientam Lakoff e Johnson (2002, p. 45), “a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação”. No campo político, elas são reforçadas estrategicamente, uma vez que facilitam a comunicação de ideias complexas, mobilizando estruturas cognitivas acessíveis e emocionalmente marcadas.

Na obra *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002), os autores destacam ainda que “a metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico; é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária”. Por essa razão, a maioria das pessoas considera que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 45).

Assim, o discurso político deve ser entendido como uma prática discursiva estratégica, na qual os recursos linguísticos e, de modo particular, os recursos metafóricos são mobilizados com vistas à construção de sentidos que reforcem determinados posicionamentos ideológicos, legitimem atores e deslegitimem opositores.

O discurso político transcende a simples comunicação de ideias; ele é uma prática discursiva estratégica, orientada para a construção de significados, identificação de inimigos e

aliados, e mobilização de apoios. Os políticos partidaristas utilizam a democracia como uma “arma retórica”, adaptando seu discurso conforme as circunstâncias para fortalecer sua posição política. Esse fenômeno é evidenciado na forma como líderes políticos moldam suas narrativas para apresentar-se como defensores da democracia, mesmo quando suas ações podem sugerir o contrário.

A linguística cognitiva, especialmente a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), de Lakoff e Johnson, oferece ferramentas para analisar como essas práticas discursivas operam. Eles argumentam que nossas formas de pensar são estruturadas por metáforas que moldam a percepção da realidade. No contexto político, metáforas como “guerra contra a corrupção” ou “batalha pela democracia” descrevem ações e estruturam a forma como o público entende e reage a essas ações. Segundo Charteris-Black, trata-se de um esquema muito produtivo empregado como recurso persuasivo no discurso político. Para o autor, “políticos não são poetas e, portanto, sua linguagem é caracterizada por metáforas convencionais, como “o caminho da justiça “ou” o caminho para a vitória” (2005, p. 33).

Além disso, a análise de discursos políticos revela como líderes utilizam estratégias discursivas para construir uma imagem pública (*ethos*) que ressoe com o eleitorado. Por exemplo, ao se posicionar como “*anti-establishment*”, oposto ou hostil aos princípios sociais, econômicos e políticos de uma classe dominante (como de uma nação): oposto ao estabelecimento. O primeiro é o efeito dos protestos *antiestablishment* dos anos 1960 e início dos anos 1970 em conscientizar as pessoas sobre o potencial da ação de massa (Merriam-webster) - um político pode apresentar-se como um salvador da pátria, alinhando-se com metáforas de luta e resistência. Esse tipo de construção discursiva é eficaz na mobilização de apoio popular, especialmente em contextos de crise ou insatisfação generalizada.

Consoante Charteris-Black (2005, p. 33), o discurso político é tratado como um esquema muito produtivo e as metáforas são empregadas como recurso de função persuasiva. Para o autor, “políticos não são poetas e, portanto, sua linguagem é caracterizada por metáforas convencionais, como “o caminho da justiça “ou” o caminho para a vitória”. Em específico, o autor fala do esquema de viagem que também dá suporte para a metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM/ JORNADA, estrutura de ensinamento de uma partida, origem, um trajeto e uma meta. Dessa forma, afirma:

O esquema de viagem é retoricamente atraente para políticos e líderes porque pode ser transformado em um cenário completo quando eles se apresentam como “guias”, suas políticas como “mapas” e seus apoiadores como ‘companheiros de viagem’.

Todas essas implicações da fonte domínio contribuem para a confiança que procuram estabelecer (Charteris-Black, 2005, p. 47).

Nesse contexto, o discurso político deve ser compreendido como uma estrutura ou ferramenta de comunicação ou ainda como uma prática discursiva que, por meio de metáforas e estratégias linguísticas, constrói realidades, identifica inimigos e aliados, mobiliza apoios, forma e divide opiniões. Essa perspectiva permite uma análise mais profunda dos discursos políticos, revelando as complexas dinâmicas de poder e ideologia que os sustentam.

3.2 Estratégias linguísticas de persuasão

No âmbito da linguística cognitiva, a linguagem não é concebida apenas como um instrumento de comunicação, mas como um componente constitutivo do próprio pensamento, responsável por estruturar a experiência e orientar as formas de compreensão do mundo. Nesse sentido, os discursos políticos operam como práticas cognitivas e ideológicas que utilizam estratégias linguísticas específicas para persuadir o público. Dentre essas estratégias, destaca-se o uso das metáforas conceptuais, entendidas como mecanismos cognitivos fundamentais para a construção de sentido e para o alinhamento ideológico entre o orador e seus interlocutores.

De acordo com Charteris-Black, a metáfora jamais funcionará isoladamente de outras estratégias retóricas, por isso a necessidade de entender os esquemas de imagem bem como o nicho metafórico. Isso porque “a metáfora torna-se mais persuasiva quando é usada em combinação com outras estratégias” (Charteris-Black, 2005, p. 50). A observação do autor destaca que a metáfora, no contexto político, não atua como recurso isolado, ela integra um conjunto mais amplo de estratégias retóricas e cognitivas. Ao enfatizar a relação entre metáfora, esquemas de imagem e nichos metafóricos, ele explica que a eficácia persuasiva depende da ativação conjunta de diferentes mecanismos conceptuais que organizam a experiência do ouvinte. Assim, a metáfora é mais convincente quando articula enquadramentos, avaliações implícitas, narrativas e emoções.

Ainda, segundo o autor, a metáfora conceptual se configura como “uma declaração formal de qualquer ideia que está escondida em uma figura de linguagem (por exemplo, metáfora ou metonímia) que pode ser inferida de uma série de expressões metafóricas e ajuda a resolver sua tensão semântica” (Charteris-Black, 2004, p. 15), diferentemente daquilo que ele chama de chave conceptual, que nos discursos políticos “é inferida a partir de uma série de metáforas conceptuais e é, portanto, uma metáfora de nível superior que explica como vários metáforas conceptuais estão relacionadas. ” (Id., 2004, p.16)

Conforme a teoria proposta por Lakoff e Johnson ([1980], 2002), as metáforas conceituais consistem em compreender e experienciar um domínio conceitual em termos de outro. No discurso político, isso se manifesta, por exemplo, quando se diz que “POLÍTICA É GUERRA” ou que “O PAÍS PRECISA SER RECONSTRUÍDO”, tais expressões não são meramente ornamentais, recursos estilísticos, elas são uma forma de pensar estruturar cognitivamente, na qual o domínio-alvo (política, governo, economia) é compreendido por meio de um domínio-fonte concreto e experiencialmente acessível (guerra, construção, jornada, família, corpo etc.).

Nesse processo, o político partidário constrói uma narrativa que visa à adesão simbólica do público, utilizando-se de recursos argumentativos, retóricos e cognitivos. Além das metáforas, um texto político faz uso de estratégias como a anáfora, o paralelismo, a polarização, a construção de adversários figurativos e o apelo à autoridade. Basicamente, em todos esses casos, o objetivo é reforçar a coesão do grupo ao qual determinado sujeito está ligado, legitimar uma identidade discursiva e orientar afetos e ações do eleitorado.

Conforme a TMC (Lakoff & Johnson, 2002), as metáforas ultrapassam o nível de adorno estilístico, refletindo estruturas profundas do pensamento. Em metáforas como “O PAÍS ESTÁ À DERIVA” ou que é preciso “LIMPAR O SISTEMA”, o enunciador recorre a metáforas que mapeiam conceitos abstratos (governo, política, sociedade) a partir de domínios concretos (navegação, higiene, guerra, corpo).

Em específico, Charteris-Black explica esquema de viagem que também dá suporte para a metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM/JORNADA, estrutura de pensamento de uma partida, origem, um trajeto e uma meta. Assim, afirma:

O esquema de viagem é retoricamente atraente para políticos e líderes porque pode ser transformado em um cenário completo quando eles se apresentam como “guias”, suas políticas como “mapas” e seus apoiadores como ‘companheiros de viagem’. Todas essas implicações da fonte domínio contribuem para a confiança que procuram estabelecer (Charteris-Black, 2005, p.47).

Ao mobilizar a metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM/JORNADA, políticos constroem um enquadramento no qual se posicionam como guias confiáveis, apresentam suas políticas como rotas seguras e convocam seus eleitores a ocupar o papel de companheiros de trajetória. Percebe-se que a força retórica desse esquema reside na sua capacidade de articular papéis, valores e expectativas dentro de uma narrativa coerente, que facilita a identificação do público com o projeto político proposto.

A linguística cognitiva, especialmente a TMC, oferece ferramentas para analisar como essas práticas discursivas operam. Eles argumentam que nossas formas de pensar são estruturadas por metáforas que moldam nossa percepção da realidade. Além disso, a análise de discursos políticos revela como líderes utilizam estratégias discursivas para construir uma imagem pública (*ethos*) que ressoe com o eleitorado. Por exemplo, ao se posicionar como “*anti-establishment*”, um político pode apresentar-se como um salvador da pátria, alinhando-se com metáforas de luta e resistência. Esse tipo de construção discursiva é eficaz na mobilização de apoio popular, especialmente em contextos de crise ou insatisfação generalizada.

3.3 Imagem pública e construção de *ethos*

No Dictionary Merriam-Webster, “*ethos*” é definido como “o caráter distintivo, o sentimento, a natureza moral ou as crenças orientadoras de uma pessoa, grupo ou instituição”. No campo da retórica, refere-se à construção da imagem do orador enquanto figura confiável, íntegra e apta a conduzir o público. Essa noção, desenvolvida por Aristóteles em sua obra *Retórica*, constitui uma das três formas fundamentais de persuasão, ao lado do *logos* (argumento lógico) e do *pathos* (apelo emocional).

Assim, tanto na perspectiva interacional quanto na perspectiva institucional, manifesta-se o *ethos* que, segundo Maingueneau, traduz ainda no tom e se apoia em uma “dupla figura do enunciador, aquele de um caráter e de uma corporalidade” (1984, p. 100). Mais do que uma qualidade intrínseca do sujeito, a imagem discursiva do locutor trata-se de uma imagem de si no discurso e que visa convencer o interlocutor de sua credibilidade. Em outras palavras, trata-se de um posicionamento estratégico, no qual o político projeta uma identidade discursiva capaz de gerar confiança, proximidade e liderança perante a audiência.

Ainda, segundo Maingueneau, o *ethos* não é dito explicitamente, mas mostrado:

O que o autor pretende ser, ele o dá a entender e mostra; não diz que é simples ou honesto, mostra-o por sua maneira de se exprimir. O *ethos* está, dessa maneira, vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde a seu discurso, e não ao indivíduo “real” (apreendido) independentemente de seu desempenho oratório: é, portanto, sujeito da enunciação (1993, p. 138).

Ao afirmar que o *ethos* é “mostrado” e não “dito”, o autor indica que a imagem do orador é construída performativamente, isto é, por meio da forma como ele se apresenta discursivamente, e não por características pessoais externas ao ato de enunciar. Assim, o *ethos* funciona como um efeito discursivo: ele é formado pelas estratégias de expressão que explicam

determinada credibilidade, caráter ou atitude, configurando uma identidade discursiva que se estabelece na própria dinâmica da enunciação.

Na prática, essa construção se dá por meio de escolhas linguísticas específicas, uso de metáforas, narrativas identitárias e expressões de pertencimento coletivo. O líder político recorre a metáforas que o associam a arquétipos positivos, como, por exemplo, o “pai protetor”, o “guerreiro que luta contra a corrupção” ou o “salvador da pátria”. Essas construções não são aleatórias; elas seguem padrões cognitivos que fazem parte da experiência cultural compartilhada.

Além das metáforas, a autorrepresentação é reforçada por estruturas linguísticas repetitivas (anáforas), generalizações estratégicas, como (“todos estão contra o povo”), e dicotomias excludentes (“nós, os verdadeiros”, versus “eles, os traidores”). Tais recursos ajudam a fixar uma imagem mental coerente do líder, facilitando sua identificação com o eleitorado e aumentando sua capacidade de mobilização simbólica.

A construção do *ethos*, ou seja, da imagem de credibilidade e autoridade do orador, é um elemento central no discurso político. Na perspectiva da linguística cognitiva, a construção do *ethos* também se apoia em estruturas metafóricas que projetam certas imagens de liderança. Quando o líder é apresentado como “pai da nação”, como “salvador da pátria” ou como “voz do povo”, ele está sendo moldado por metáforas conceituais que estruturam não apenas sua imagem, mas o papel simbólico que ele assume na narrativa política.

Essas imagens, ao serem reiteradas em discursos formais, como os de posse presidencial, ajudam a consolidar um imaginário político no qual o líder é investido de autoridade simbólica. No caso de líderes como Trump, Bolsonaro e Milei, nota-se uma recorrente construção de um posicionamento do enunciador, que se opõe ao sistema tradicional, apresenta-se como um salvador diante do caos e reforça uma identidade combativa, moldada por metáforas de guerra, purificação e ruptura.

É a concepção pragmática e o princípio que confere ao peso do discurso, à sua completude, à poderosa influência dos gestos, da maneira de olhar, do tom da voz. São recursos não discursivos que, no entanto, propõem-se como canais eficazes do perfil do orador, da captação de traços definidores de sua credibilidade construída.

3.4 Populismo, nacionalismo e metáforas: conexões recorrentes

Sem Bolsonaro, o número de líderes populistas no mundo é menor em 20 anos. A derrota de Jair Bolsonaro no Brasil e a queda de vários outros líderes transformaram o mapa mundial e fizeram com que o cenário internacional contivesse o menor número

de líderes populistas em 20 anos. Os dados estão sendo divulgados nesta quinta-feira pelo Tony Blair Institute for Global Change, liderado pelo ex-primeiro-ministro britânico. Segundo o levantamento, se o número de populistas no poder se aproximava de um máximo histórico de 19 líderes no início de 2020, a taxa caiu para apenas 13 ao final do ano passado (UOL, 2025).

O discurso populista é, em grande medida, um campo fértil para o uso intensivo de metáforas. Isso ocorre porque o populismo se sustenta na dicotomia fundamental entre “o povo puro” e “a elite corrupta”, uma oposição que exige uma linguagem fortemente emocional, simplificada e simbólica. Nessa lógica, as metáforas ajudam a criar narrativas de crise, de ameaça e de salvação, em tempo simultâneo, todas elas eficazes na mobilização dos afetos políticos.

Nos discursos de Trump (2017), Bolsonaro (2019) e Milei (2023), o recurso às metáforas nacionalistas e populistas aparece de forma destacada, com variações estilísticas, mas com estruturas conceituais recorrentes. A análise dessas metáforas permitirá compreender como os discursos de posse desses líderes articulam uma visão de mundo específica, legitimam um projeto de poder e moldam cognitivamente a experiência política de seus públicos.

Metáforas como “salvar a pátria” (Bolsonaro, 2019), “drenar o pântano” (Trump, 2017) e “acabar com a casta” (Milei, 2023), são trechos encontrados em seus discursos de campanha, são expressões metafóricas recorrentes nos discursos populistas dos três líderes políticos da América, considerados populistas, com ideais parecidos. Essas expressões ilustram e estruturam a forma como os cidadãos passam a entender o papel do governo, o funcionamento da política e os desafios nacionais, uma vez que são carregadas de sentidos. Nessa visão, a política se torna uma guerra; a nação, corpo doente; e o povo se torna uma família ameaçada. Todas essas imagens são apresentadas por metáforas conceituais que organizam a experiência e geram efeitos persuasivos, como visto acima.

O nacionalismo também é alimentado por metáforas que reforçam a identidade coletiva e a defesa do território. A nação é frequentemente metaforizada como uma “casa”, um “corpo”, uma “mãe”, um “forte”. Essas imagens contribuem para a construção de um sentimento de pertencimento e para a justificação de ações excludentes ou protecionistas.

O discurso político contemporâneo frequentemente recorre a metáforas que articulam narrativas de populismo e nacionalismo, visando mobilizar emocionalmente o público e reforçar identidades coletivas. A TMC sugere que as formas de pensar e agir são estruturadas por metáforas que moldam a compreensão do mundo.

3.4.1 A metáfora da guerra

Uma das metáforas mais recorrentes no discurso populista é a da “guerra”, utilizada para descrever conflitos políticos, sociais e econômicos. Essa metáfora estrutura a realidade política como um campo de batalha, polarizando a sociedade em “nós” contra “eles”. Por exemplo, líderes como Donald Trump e Jair Bolsonaro frequentemente utilizam expressões como “guerra contra a corrupção” ou “batalha pela verdade”, posicionando-se como combatentes de um sistema corrupto e ineficiente. Essa abordagem visa mobilizar apoio popular, criando uma narrativa de luta e resistência, e foi utilizada em diversos momentos durante a corrida eleitoral.

A partir dos pressupostos teóricos, a metáfora assume uma nova posição na linguagem, sendo classificada como um processo de estruturação do pensamento. Assim, Lakoff e Johnson:

[...] constatamos que a maior parte de nosso sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica. E encontramos um modo de começar a identificar em detalhes quais são as metáforas que estruturam nossa maneira de perceber, de pensar e de agir. Para dar uma ideia de como um conceito pode ser metafórico e estruturar uma atividade cotidiana, comecemos pelo conceito DISCUSSÃO e pela metáfora conceptual discussão é guerra (2002, p. 46).

Para os autores, por exemplo, na expressão metafórica “discussão é guerra”, é utilizado o domínio-fonte guerra para estruturar o entendimento sobre o domínio alvo “discussão”. Isso é refletido nas metáforas conceptuais subjacentes tais como: “argumentos são armas” (“Os argumentos do adversário foram *fulminantes*”) e “adversários são inimigos” (“No debate, o candidato mais experiente *derrotou* o oponente”), entre outras.

Ferrari, em seu livro *Introdução à Linguística Cognitiva* (2011), dedica um capítulo a essa temática, afirmando que “a metáfora está relacionada à noção de perspectiva, na medida em que diferentes modos de conceber fenômenos particulares estão associados a diferentes metáforas” (Ferrari, 2011, p. 91), ou seja, a autora defende o entendimento proposto por Lakoff e Johnson, no que concerne à metáfora, como figura da linguagem e do pensamento.

3.4.2 Nacionalismo e a construção do “outro”

O nacionalismo, frequentemente presente em discursos populistas, utiliza metáforas que delineiam fronteiras entre o “nós” e o “outro”, que podem ser explícitas, como em expressões que exaltam a pátria e a identidade nacional, ou implícitas, por meio da construção de inimigos externos ou internos. Por exemplo, quando Jair Bolsonaro passou a usar o lema de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, nessa oração é utilizada uma metáfora de superioridade nacional para reforçar a identidade nacionalista e mobilizar apoio.

A Linguística Cognitiva entende que usamos metáforas não somente como figuras de linguagem decorativas, mas como formas de estruturar o pensamento e a experiência. Nesse lema, temos duas metáforas principais: “nação é entidade superior” e “Deus é autoridade suprema”.

Essas expressões contêm uma metáfora espacial, muito comum: “superioridade é altura” (ou seja, aquilo que está “acima” é superior, mais importante ou mais digno de respeito), isto é, a metáfora parte do domínio concreto da posição espacial (acima, abaixo) para expressar conceitos abstratos, como hierarquia moral, poder ou prioridade. Essas metáforas naturalizam uma hierarquia: primeiro a pátria, depois a fé como fundamento absoluto. Ativam frames morais e afetivos: o amor à pátria e a fé em Deus são apresentados como verdades incontestáveis e superiores, o que mobiliza emocionalmente o público.

As metáforas conceptuais têm como base a experiência física e sensorial do ser humano no mundo. Por exemplo, a metáfora orientacional “felicidade é para cima” reflete a associação entre o estado emocional positivo e a sensação física de estar ereto ou em elevação. Isso ocorre porque, cultural e biologicamente, associamos sentimentos de bem-estar a posturas ou experiências espaciais que indicam “subida”, ou seja, não seria possível encontrar alguém se declarando extremamente feliz, estando a sua face caída. Assim, essas metáforas derivam de experiências compartilhadas quase universalmente por qualquer ser humano, podendo, entretanto, variar culturalmente em suas nuances e aplicações.

3.4.3 A construção de inimigos simbólicos

A criação de inimigos simbólicos é uma estratégia discursiva comum no populismo, visando unificar o povo contra uma ameaça percebida. Esses inimigos podem ser políticos, econômicos ou culturais, e são frequentemente representados por metáforas que os desumanizam ou os apresentam como perigosos. Por exemplo, o uso de termos como “globalistas” ou “comunistas” serve para identificar adversários e mobilizar a base de apoio contra eles.

A construção de inimigos simbólicos, no discurso populista, apoia-se fortemente no uso de metáforas conceptuais que transformam sujeitos sociais ou grupos ideológicos em ameaças concretas e facilmente identificáveis. Quando se usa o termo “comunistas” ou “globalistas” como rótulo pejorativo, por exemplo, há uma ativação metafórica que estrutura o pensamento com base na oposição: “política é guerra”, ou seja, há um inimigo a ser combatido.

Nesse esquema metafórico, o discurso populista transforma divergência política em conflito existencial. A metáfora da guerra permite o uso de termos como: “derrotar”, “eliminar”, “resistir”, “tomar o poder”, “lutar contra o sistema”, entre outros. Além disso, a metáfora “inimigo é praga/doença” também aparece com frequência, desumanizando o adversário: Ex.: “os vermelhos”, “infiltrados”, “câncer ideológico”, “vírus comunista”. Essas expressões enquadram o inimigo como algo a ser expurgado, tratado ou aniquilado, o que legitima ações discursivas e até políticas mais radicais.

3.4.4 Conexões com a linguística cognitiva

A TMC oferece ferramentas para analisar como essas metáforas funcionam. Na prática, essas metáforas são ou foram utilizadas da seguinte forma:

- Durante sua campanha à presidência, Trump utilizou a metáfora da “guerra” para descrever sua luta contra a corrupção e os meios de comunicação, posicionando-se como um combatente em uma batalha moral e política.
- O uso do lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, por Bolsonaro, é uma metáfora que exalta a superioridade nacional e a identidade cristã, buscando unir o povo em torno de valores comuns.
- Em sua campanha presidencial, Milei utilizou metáforas econômicas, como “fogo” e “explosão”, para descrever a situação financeira da Argentina, criando uma narrativa de urgência e necessidade de mudança radical.

A articulação entre populismo, nacionalismo e metáforas constitui um eixo central na construção discursiva de lideranças políticas que se apresentam como representantes diretos da “vontade do povo”. Esses discursos, especialmente em contextos de crise institucional ou polarização social, mobilizam estruturas cognitivas que permitem a simplificação da realidade política, reforçando identidades coletivas e promovendo a exclusão simbólica de adversários. As metáforas, nesse cenário, operam como mecanismos de estruturação ideológica do pensamento político, atuando na formulação de conceitos complexos por meio de domínios concretos e mais acessíveis cognitivamente.

3.4.5 Populismo e a metáfora do combate

O discurso populista frequentemente se organiza por meio de metáforas de combate, conflito ou guerra. Essas metáforas produzem uma configuração binária da realidade política,

dividindo os sujeitos em campos opostos: o “povo” e seus representantes legítimos versus “as elites”, “o sistema” ou “os corruptos”. Tal dicotomia é estruturada por esquemas metafóricos como a “política é guerra”, a “nação é corpo doente” ou o “político é salvador/médico”, que orientam a interpretação dos problemas públicos como ameaças externas ou internas a serem eliminadas.

O populismo estabelece uma narrativa simplificada da realidade social por meio da personalização da política e da construção de inimigos simbólicos. No discurso de posse de Jair Bolsonaro (2019), por exemplo, observa-se o uso reiterado de metáforas combativas e higienistas, como quando afirma ser necessário “libertar o Brasil do socialismo, da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto”. Aqui, a política é representada como um processo de purificação moral e ideológica, mobilizando as metáforas de “limpeza”, “cura” e “resgate” muito comuns em discursos de teor populista.

Essa estratégia aparece com destaque no discurso de Donald Trump também, especialmente em seu lema “Make America Great Again”, onde a metáfora da nação como um corpo que precisa ser restaurado à sua condição anterior é central. O uso de expressões como “consertar os Estados Unidos” ou “drenar o pântano” (referindo-se à elite política de Washington) mobiliza o modelo cognitivo da “nação é mecanismo avariado”, exigindo intervenção técnica e moral.

Javier Milei, ao longo de sua campanha e em seu discurso de posse (2023), reforçou sua identidade discursiva como um economista radical e libertário por meio de metáforas que associam a economia nacional a um corpo colapsado ou a uma máquina prestes a explodir. Em trechos de seu discurso, o presidente afirma que “não há alternativa ao choque” e que “devemos cortar o tumor inflacionário”, recorrendo explicitamente à metáfora “a economia é um corpo doente”, que exige um tratamento drástico, mesmo doloroso.

Nesse tipo de construção, a linguagem econômica deixa de ser neutra ou técnica, e passa a operar como um recurso retórico e afetivo, legitimando intervenções radicais em nome da “cura” do sistema. Essa lógica se conecta à noção de metáforas morais de Lakoff (2002), segundo a qual ideias econômicas e políticas são frequentemente organizadas por modelos morais inconscientes, como a família tradicional, o castigo justo ou o trabalho meritocrático.

A intersecção entre populismo, nacionalismo e metáforas no discurso político revela a eficácia cognitiva e afetiva dessas estratégias na mobilização de públicos. As metáforas, ao ancorarem conceitos abstratos em domínios sensíveis e cotidianos, tornam-se ferramentas poderosas de persuasão, simplificação e enquadramento ideológico. Em contextos populistas,

essa eficácia é maximizada pela construção de inimigos simbólicos e pela criação de uma narrativa de salvação, que articula ameaças existenciais e promessas de redenção nacional.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados para a realização da presente pesquisa, cujo objetivo é analisar as metáforas como recursos de persuasão no discurso político, especialmente em discursos de posse presidencial. A análise está fundamentada nos pressupostos da Linguística Cognitiva, com ênfase na Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, [1980], 2002), e voltada à investigação de discursos de posse proferidos por Donald Trump (2017), Jair Bolsonaro (2019) e Javier Milei (2023).

4.1 Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, documental e argumentativa. A abordagem qualitativa, conforme defendem Bogdan e Biklen (1994), permite compreender fenômenos complexos do ponto de vista dos significados e das relações simbólicas que emergem nos discursos. Dessa forma, aqui se busca interpretar os sentidos, valores e estratégias argumentativas presentes nas materialidades linguísticas analisadas.

Por tratar-se de uma investigação fundamentada em textos oficiais e produções midiáticas amplamente divulgadas, esta pesquisa também se caracteriza como documental. De acordo com Cellard (2008), a pesquisa documental possibilita compreender as condições de produção e os sentidos que emergem dos documentos analisados, valorizando o contexto histórico e social de sua elaboração. Assim, os materiais empíricos selecionados, como discursos políticos, reportagens e textos jornalísticos veiculados em portais como *G1.com* e *UOL.com* e *CNN Brasil*, constituem o conjunto de dados linguísticos de análise, possibilitando uma leitura crítica sobre o funcionamento linguístico-discursivo e a construção dos efeitos de sentido.

O percurso metodológico, portanto, envolve a seleção, categorização e interpretação dos dados discursivos, à luz do referencial teórico adotado, buscando descrever e explicar os mecanismos de produção de sentido, estratégias persuasivas e representações ideológicas mobilizadas nos textos analisados.

Nesse contexto, o método adotado nesta pesquisa se mostra adequado aos seus objetivos, já que permite compreender o funcionamento argumentativo das metáforas conceptuais e das estratégias de persuasão no contexto político e midiático contemporâneo.

4.2 Constituição do *corpus*

A base textual desta pesquisa é composta por três discursos de posse presidencial proferidos por líderes políticos reconhecidos mundialmente, em diferentes contextos geopolíticos, por adotarem estratégias discursivas de caráter populista, conforme amplamente discutido por veículos de comunicação e estudos contemporâneos sobre discurso político. São eles:

- Donald Trump (Estados Unidos, 2017), discurso original e versão traduzida, disponíveis no portal *G1.globo*;
- Jair Bolsonaro (Brasil, 2019), texto integral publicado pelo portal *G1.globo*;
- Javier Milei (Argentina, 2023), discurso com transcrição e tradução divulgadas pelo *portal CNN Brasil*.

A seleção do material para análise baseia-se em critérios de relevância discursiva-argumentativa, representatividade e acessibilidade pública das fontes, uma vez que os discursos presidenciais de posse constituem eventos comunicativos altamente institucionalizados. Esses pronunciamentos inauguram um governo, delimitando de maneira explícita ou implícita os enquadramentos conceptuais que orientarão a relação entre líder, nação e projeto político. Por serem produzidos em contextos de grande visibilidade midiática, esses discursos apresentam uma densidade significativa de construções retóricas, metáforas conceptuais e estratégias discursivas voltadas à legitimação da autoridade e à consolidação de uma visão de mundo.

Os discursos de posse de Donald Trump (2017), Jair Bolsonaro (2019) e Javier Milei (2023) configuram-se como momentos fundadores de seus respectivos governos, nos quais cada orador procura construir uma identidade política singular, instaurar um *ethos* de liderança e estabelecer a narrativa inaugural que irá estruturar as expectativas do público. Além disso, esses discursos funcionam como arenas privilegiadas para observar como cada líder ativa modelos cognitivos compartilhados, mobiliza frames culturalmente disponíveis e estrutura metáforas conceptuais que organizam interpretações sobre o país, o povo, os adversários políticos e o futuro.

Dessa forma, os discursos selecionados constituem um material empírico de alta relevância analítica, permitindo examinar com maior profundidade os mecanismos de persuasão presentes em cada projeto político, bem como identificar as metáforas conceptuais dominantes que orientam a construção de sentidos. A análise desses textos possibilita compreender como a linguagem e a cognição se articulam para produzir efeitos de sentido,

construir consensos, estabelecer antagonismos e consolidar determinadas formas de interpretar a realidade sociopolítica.

Assim, a escolha desses discursos se justifica por sua importância institucional e por seu potencial heurístico: são textos que condensam expectativas sociais, disputas simbólicas e enquadramentos conceituais que se tornarão centrais ao longo de cada mandato presidencial. Portanto, o corpus selecionado oferece um terreno fértil para investigar como líderes políticos elaboram, através da linguagem e da metáfora, modelos de mundo capazes de orientar percepções coletivas e moldar modos de compreensão da vida pública.

4.3 Etapas da pesquisa

A análise foi desenvolvida em três etapas principais, como serão apresentadas abaixo as etapas:

- a) Seleção do acervo textual: foi realizada a coleta integral dos discursos de posse a partir de fontes jornalísticas reconhecidas, priorizando a fidelidade às versões oficiais, sem edições ou cortes que comprometem a estrutura discursiva original (vide anexos);
- b) Identificação das metáforas: a segunda etapa consistiu na leitura intensiva dos discursos, com a identificação de expressões metafóricas, conforme os critérios propostos por Lakoff e Johnson (1980). Uma metáfora foi considerada relevante quando envolvia mapeamento entre domínios conceituais distintos, especialmente se associada a temas políticos, sociais ou morais;
- c) Classificação e categorização: as metáforas identificadas foram agrupadas segundo categorias conceituais recorrentes, como “política é guerra”, “nação é corpo”, “governo é caminho”, entre outras. Essa etapa teve como objetivo reconhecer os esquemas conceituais predominantes e suas possíveis funções persuasivas e ideológicas no discurso;
- d) Análise descritiva e interpretativa: por fim, foi realizada a análise de cada categoria metafórica, considerando seu papel na construção da autoimagem retórica na política e sua eficácia como recurso de persuasão. Essa etapa seguiu o modelo de análise crítica de discurso articulado à Linguística Cognitiva, conforme abordado por autores como Ferrari (2011) e Lakoff e Johnson (2002).

4.4 Categorias de análise

A categorização das metáforas baseou-se no modelo de Lakoff e Johnson (2002), sendo organizadas segundo os tipos de metáforas conceptuais: ontológicas e orientacionais. Para cada metáfora identificada, são destacados e analisados:

- O domínio-fonte e o domínio-alvo;
- O tipo de mapeamento realizado;
- A função cognitiva (legitimação, oposição, valorização, moralização etc.).

Conforme Ferrari (2011), a análise das metáforas conceptuais deve considerar o impacto cognitivo das escolhas linguísticas, sua repetição e seu alinhamento com estratégias discursivas mais amplas. Nesse sentido, o estudo não se limita à forma da metáfora, mas à sua função argumentativa no interior do discurso.

Com esse percurso metodológico, busca-se compreender de que maneira a metáfora atua como um dispositivo cognitivo, persuasivo e discursivo no discurso político, contribuindo para a construção de identidades, legitimação de projetos e mobilização de afetos sociais.

5 ANÁLISE ARGUMENTATIVA DOS DISCURSOS PRESIDENCIAIS

5.1 Análise do discurso de Donald Trump (2017)

O discurso de posse do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, proferido em 20 de janeiro de 2017, apresenta uma estrutura discursiva fortemente marcada por construções metafóricas que articulam sentidos políticos e ideológicos. Neste capítulo, procede-se à identificação, categorização e interpretação das metáforas conceptuais presentes no texto, bem como à análise de seus efeitos cognitivos e afetivos.

Figura 1 – Discurso de posse Donald Trump (2017)



Fonte: g1.globo.com, 2017

5.1.1 Contexto sócio-político nos Estados Unidos

O contexto que marca a posse de Donald Trump, no primeiro mandato, reflete uma conjuntura de polarização política e de tensões sociais profundas nos Estados Unidos. A vitória do republicano nas eleições de 2016, contra a candidata democrata Hillary Clinton, foi resultado de um processo eleitoral altamente controverso, marcado por denúncias de desinformação, manipulação midiática e pela forte presença das redes sociais como espaço de disputa ideológica.

Internamente, o país vivia um cenário de insatisfação de parte significativa da população com o *establishment* político tradicional, representado, segundo muitos eleitores, pelos democratas e republicanos mais moderados. Questões como a perda de empregos na indústria, a crise migratória, o terrorismo e a percepção de declínio do papel dos EUA na cena internacional foram exploradas durante a campanha de Trump, que se apresentou como *outsider* e porta-voz de uma “América esquecida”.

Além disso, a eleição de Trump ocorreu em meio a um fortalecimento de discursos nacionalistas, populistas e protecionistas, que questionavam a globalização e os acordos multilaterais. Sua retórica mobilizou sentimentos de patriotismo exacerbado, xenofobia e críticas às elites políticas e midiáticas, o que acentuou a divisão entre grupos sociais, raciais e ideológicos dentro do país, como eram noticiados à época nos veículos de comunicação. Assim, o ambiente em que se deu sua posse foi marcado tanto pela esperança de mudança de seus apoiadores quanto pela desconfiança e resistência de grande parte da sociedade civil e da comunidade internacional.

5.1.2 O discurso de posse: um breve resumo

O discurso de posse de Donald Trump, proferido em 20 de janeiro de 2017, configura-se como um ato enunciativo de alto valor simbólico, no qual se delineiam os principais eixos ideológicos e discursivos de seu governo. O pronunciamento, de estrutura breve e tom incisivo, constrói uma narrativa populista e nacionalista, ancorada na promessa de restauração dos valores e da grandeza nacional, sintetizada no slogan de campanha *“Make America Great Again”*.

Desde o início, Trump procura marcar uma ruptura com o discurso político tradicional, estabelecendo um contrato de comunicação centrado na oposição entre o “povo americano” e as “elites políticas e midiáticas”, estratégia típica do discurso populista. Essa oposição confere ao orador uma autorrepresentação de representante autêntico do cidadão comum, reposicionando o poder como algo que deve “retornar ao povo”, conforme reiterado em sua fala.

Em termos temáticos, o discurso enfatiza a defesa das fronteiras, o protecionismo econômico, a valorização do trabalho nacional e das forças armadas, além da reafirmação da soberania americana diante de organismos internacionais. Tais elementos constroem uma visão de mundo dicotômica, em que se contrapõem dois polos: de um lado, o povo trabalhador e patriota; de outro, inimigos internos e externos responsáveis pelo enfraquecimento da nação, segundo o orador.

A materialidade linguística do discurso evidencia o uso recorrente de metáforas conceptuais relacionadas à reconstrução e ao combate, como *“restaurar a grandeza da América”* e *“lutar por nossos empregos e fronteiras”*, as quais expressam cognitivamente a metáfora de base NAÇÃO COMO CORPO e POLÍTICA COMO GUERRA, pesquisadas pelos autores que ancoram esta pesquisa. Essas metáforas não apenas estruturam o pensamento político subjacente, mas também funcionam como instrumentos de persuasão e legitimação do poder, reforçando o papel do líder como salvador e restaurador da ordem.

Em síntese, o discurso de posse de Donald Trump constitui um marco discursivo de expressiva carga simbólica, no qual a linguagem funciona como instrumento de ativamento de percepção política e de construção de um imaginário nacionalista. Ao recorrer a metáforas conceptuais de combate e reconstrução, o orador estrutura uma narrativa de enfrentamento e redenção, em que o povo é representado como herói coletivo e o próprio líder se posiciona

como restaurador da ordem perdida. Essa configuração discursiva traduz o funcionamento ideológico do populismo contemporâneo.

Portanto, o discurso de Trump inaugura um novo governo, instituindo um modo particular de significar a nação, o poder e o papel do cidadão, configurando-se como um espaço privilegiado para a análise das metáforas conceptuais e dos efeitos de sentido que articulam linguagem, cognição e ideologia.

5.1.3 Identificação, categorização e interpretação das metáforas conceptuais no discurso

Os discursos políticos configuram-se como gêneros discursivos estratégicos, nos quais o candidato eleito apresenta à população as diretrizes e os princípios que pretende adotar ao longo de seu mandato. Além de expressar gratidão pelos votos recebidos, esses discursos cumprem a função de reafirmar compromissos políticos, construir uma imagem positiva do governante e, em certos casos, marcar posicionamentos ideológicos diante dos adversários. Trata-se, portanto, de um momento discursivo privilegiado, em que o líder, agora investido de autoridade institucional, dirige-se ao povo para enunciar seus projetos, expectativas e visões sobre o futuro do país.

Abaixo, de acordo com o discurso proferido por Trump, foram retiradas algumas metáforas conceptuais que serão classificadas como orientacionais ou ontológicas, quais sentidos foram utilizados para serem colocadas naquele contexto de uso e como seria a recepção pelo público. Em ordem, elas serão identificadas, descritos os domínios fonte e alvo, categorizadas, efeito persuasivo e analisadas:

I) NAÇÃO É UM CORPO / NAÇÃO É UM ORGANISMO

Excerto do discurso:

Mas, para muitos de nossos cidadãos, uma realidade diferente existe. Mães e crianças presas na pobreza das zonas carentes de nossas cidades, fábricas enferrujadas espalhadas como lápides pela paisagem de nosso país. Um sistema educacional cheio de dinheiro, mas que deixa nossos jovens e belos estudantes desprovidos de conhecimento. E o crime, as gangues e as drogas que roubaram tantas vidas e roubaram tanto potencial não realizado de nosso país. Essa carnificina americana acaba aqui e acaba agora.

Domínio-fonte: corpo humano, saúde

Domínio-alvo: sociedade, economia, segurança

Função cognitiva: descrever a nação como um organismo que pode adoecer, sangrar ou morrer.

Expressões como a que aparece destacada (l.89 no texto do anexo A) exemplificam a projeção do domínio da biologia (corpo, saúde, destruição) sobre o conceito abstrato de nação. Essa é uma metáfora ontológica que permite conceituar um conceito abstrato, facilitando ações discursivas como tratar a nação como uma entidade a ser curada, protegida, a ideia de um salvador se aproximando para aquela nação.

O excerto dá características físicas à nação, como se esta fosse um evento palpável (físico) e sangrento (“carnificina”), a uma situação que não é concreta, mas sim uma ideia (a crise social e econômica dos EUA), o que é comum em metáforas ontológicas. Aqui, a palavra “carnificina” (que normalmente descreve um lugar cheio de corpos mortos) é usada para dar forma à decadência da sociedade, fazendo com que ela pareça algo que se pode sentir ou viver e que representa um perigo para o governo.

II) TERRORISMO É UMA ENTIDADE FÍSICA

Trecho do discurso para análise:

Nós não buscamos impor nossa maneira de viver sobre ninguém, mas, em vez disso, deixar que ela brilhe como um exemplo a ser seguido. Nós vamos reforçar alianças antigas e formar novas - e unir o mundo civilizado contra o terrorismo radical islâmico, que vamos erradicar completamente da face da Terra.

Domínio-fonte: praga, doença

Domínio-alvo: terrorismo

Função cognitiva: A metáfora permite interpretar o terrorismo como algo concreto, localizado e extirpável.

No apontamento destacado acima, “*vamos erradicar o terrorismo da face da Terra*” invoca-se a metáfora da guerra como estrutura conceptual central. O conceito abstrato “terrorismo” é tratado como uma entidade física, localizada sobre uma superfície concreta, algo que pode ser removido ou “erradicado” a qualquer momento, desde que haja sujeitos interessados em praticar aquela ação.

III) ESTADO É UMA EMPRESA/ GOVERNO É NEGÓCIO

Análise do trecho abaixo:

A América vai começar a vencer de novo, vencer como nunca antes.

Vamos trazer de volta nossos empregos.

Vamos trazer de volta nossas fronteiras.

Vamos trazer de volta nossa riqueza e vamos trazer de volta nossos sonhos.

Domínio-fonte: economia, administração

Domínio-alvo: gestão pública

Função cognitiva: projeta no governo os valores do mundo corporativo (eficiência, produtividade, competitividade).

A promessa de “*trazer de volta empregos, riquezas e fronteiras*” remete a um modelo de gestão baseado em produtividade, lucro e eficiência, comum na retórica neoliberal. Neste excerto, há a presença de metáfora ontológica, pois “empregos”, “riquezas” e “fronteiras” são tratados como bens tangíveis, posses que foram perdidas e podem ser recuperadas, como se fossem ativos econômicos.

A metáfora conceptual ontológica está presente na reificação desses elementos sociais e simbólicos (emprego, fronteira, riqueza) como objetos econômicos manipuláveis, passíveis de serem “trazidos de volta”, como um CEO recuperando o patrimônio de uma empresa. O verbo “trazer de volta” reforça a ideia de que o governo assume um papel gerencial, cuja missão é recuperar perdas e maximizar o capital nacional, ou seja, atuar como uma empresa eficiente que restitui o que “foi roubado” ou “mal administrado”.

IV) POVO É FAMÍLIA

Analisemos o excerto que segue:

Somos uma única nação - e a dor deles é nossa dor. Os sonhos deles são nossos sonhos, e o sucesso deles será nosso sucesso. Dividimos um único coração, um lar e um glorioso destino.

Domínio-fonte: coração, casa, destino

Domínio-alvo: nação, povo americano

Função cognitiva: transformar a diversidade do povo em uma unidade orgânica (um coração), reforçar a ideia de pertencimento e intimidade nacional (um lar) e criar uma visão teleológica de futuro compartilhado (um destino glorioso).

Mais uma vez há a presença de uma metáfora conceptual ontológica em “*somos uma única nação, um lar, um glorioso destino*”, pois Trump evoca o esquema familiar para construir unidade nacional, uma unidade alcançável. Nessa perspectiva, reforça laços afetivos e a ideia de pertencimento: a “casa” sugere proteção, intimidade, coabitação, valores partilhados. Percebe-se também a mobilização de esperança e propósito em “um destino glorioso”, ativando o esquema de trajetória, início, meio e fim desejados, criando a ideia de que há um futuro

promissor inevitável, que deve ser alcançado coletivamente. Produzir coesão social e persuasão política ao unificar os ouvintes como parte de uma mesma entidade coesa com um propósito compartilhado.

V) CIMA É MELHOR

Análise do trecho abaixo:

Juntos iremos tornar a América forte novamente.

Tornaremos a América rica novamente.

Faremos a América orgulhosa novamente.

Faremos a América segura novamente.

E, sim, juntos iremos levantar a América novamente.

Domínio-fonte: orientação espacial vertical (cima)

Domínio-alvo: condição social, econômica e política dos EUA

Função cognitiva: avaliar a situação do país como degradada (em baixo), negativa e propor uma elevação (para cima), positivamente, como melhoria.

Neste trecho do discurso, há a presença de uma metáfora conceptual orientacional, pois o orador coloca a sua nação em posição vertical (acima) para situações de elevação, de crescimento. Nessa perspectiva, a ideia de “erguer” os Estados Unidos implica um resgate da sua antiga glória, demonstrando um cenário em que o governo anterior falhou e o futuro trará renovação, fortalecendo um discurso nacionalista de redenção e validando o novo poder como o responsável por essa “ascensão”.

VI) FUTURO À FRENTE

Análise do excerto seguinte:

A riqueza da nossa classe média foi arrancada de suas casas e depois redistribuída ao redor do mundo. Mas isso é o passado, e agora nós estamos olhando só para o futuro.

Metáfora orientacional: FUTURO À FRENTE

Domínio-fonte: orientação espacial direcional (frente)

Domínio-alvo: tempo (especificamente o futuro)

Função cognitiva: representar o futuro como uma instituição que se aproxima pela frente e que pode ser visualizada, antecipada e planejada.

No trecho “estamos olhando só para o futuro”, observa-se o emprego de uma metáfora orientacional espacial, em que conceitos temporais abstratos, neste caso, o futuro e a esperança

de progresso, são estruturados por meio de referentes espaciais concretos. Essa metáfora organiza experiências abstratas em termos de orientações físicas familiares ao corpo humano, como cima/baixo, frente/trás ou dentro/fora.

A expressão “olhar para o futuro” transfere a ação física de direcionar o olhar para a dimensão temporal do futuro, criando uma relação cognitiva entre movimento físico e percepção de tempo. Essa construção permite que o discurso político se torne mais visual e concreto, tornando acessível ao público a ideia de planejamento, avanço e superação de desafios. Além disso, a metáfora cumpre uma função persuasiva: sugere que a nação está avançando em direção a um destino positivo e que os obstáculos do passado foram superados. O espaço físico é, assim, utilizado como quadro conceptual que orienta a compreensão do futuro como algo tangível e alcançável, reforçando o engajamento emocional do público e legitimando a narrativa de ação e renovação política.

VII) CENTRO É OPRESSOR/PERIFERIA É VÍTIMA

Por muito tempo, um pequeno grupo na capital de nossa nação colheu as recompensas do governo enquanto o povo assumiu o custo.

Washington floresceu, mas o povo não compartilhou sua riqueza.

Políticos prosperaram, mas os empregos foram embora e as fábricas fecharam.

O sistema se protegeu, mas não os cidadãos de nosso país.

Metáfora espacial/orientacional: CENTRO É OPRESSOR / PERIFERIA É VÍTIMA

Domínio-fonte: localização espacial (centro x periferia)

Domínio-alvo: relações de poder político

Função cognitiva: contrapor uma elite dominante e geograficamente localizada (“em Washington”) a um povo disperso, distante e explorado, essa marca é percebida em todas as orações dos excertos acima.

Aqui, observam-se duas metáforas conceptuais principais. A primeira, “*colher as recompensas*”, utiliza o domínio-fonte agrícola e econômico, transferindo para o domínio-alvo, ganhos políticos ou privilégios da elite, a tangibilidade da colheita. Já a segunda, “*arcar com os custos*”, recorre ao domínio físico-econômico do esforço e do peso, projetando sobre o domínio-alvo os sacrifícios e perdas do povo, a experiência concreta de carregar um fardo. Essas metáforas permitem que o público compreenda de forma imediata e intuitiva a dinâmica de desigualdade entre elite e cidadãos comuns, reforçando o contraste moral e legitimando a necessidade de mudança política.

No texto trabalhado aqui, Donald Trump, o emprego de metáforas serve para dar forma à linguagem e direcionar a compreensão do público em relação a ideias intrincadas, como o estado, o país, a população e a transformação. A partir da perspectiva da LC, é evidente que esses recursos linguísticos funcionam como instrumentos ideológicos que influenciam a forma como vemos o mundo, estimulam o envolvimento emocional e validam perspectivas políticas.

Abaixo, um resumo das metáforas conceptuais, função cognitiva, domínio-fonte e domínio-alvo utilizado pelo presidente eleito:

Figura 2 – Quadro-síntese metáforas discurso de posse de Trump (2017)

METÁFORAS CONCEPTUAIS	DOMÍNIO-ALVO	DOMÍNIO -FONTE	FUNÇÃO COGNITIVA	TIPO DE METÁFORA
NAÇÃO É UM CORPO / ORGANISMO	Sociedade, economia, Segurança	Corpo humano, Saúde	Reificar a nação como um organismo que pode adoecer, sangrar ou morrer.	Ontológica
GOVERNO É GUERRA / POLÍTICA É COMBATE	Política, segurança Pública	Guerra, combate Militar	Construir uma realidade binária (bem x mal).	Ontológica
TERRORISMO É UMA ENTIDADE FÍSICA	Terrorismo (abstração)	Entidade física, superfície terrestre	Reificar o terrorismo como algo localizado e removível da sociedade.	Ontológica
ESTADO É UMA EMPRESA / GOVERNO É NEGÓCIO	Gestão pública	Economia, administração	Projetar no governo valores do mundo corporativo (eficiência, produtividade)	Ontológica
POVO É FAMÍLIA	Nação / povo	Casa, espaço familiar, Jornada com destino	Reforçar laços afetivos e a ideia de pertencimento nacional	Ontológica
LEVANTAR A AMÉRICA NOVAMENTE	Condição dos EUA	Orientação vertical (cima)	Avaliar situação degradada e propor “elevação” como Melhoria	Orientacional
O FUTURO ESTÁ À FRENTE	Tempo (futuro)	Direção espacial (frente)	Representar o futuro como algo visível, alcançável e promissor	Orientacional
CENTRO É OPRESSOR / PERIFERIA É VÍTIMA	Relações de poder político	Localização espacial (centro x periferia)	Contrapor uma elite dominante a um povo explorado.	Orientacional

Fonte: imagem da autora

A análise das metáforas conceptuais identificadas no discurso de posse do candidato destacado no texto, à luz da Linguística Cognitiva e da Teoria da Metáfora Conceptual, permitiu compreender como o discurso político se estrutura a partir de mapeamentos metafóricos que

organizam a experiência social e constituem a cognição do público. Observou-se que as metáforas recorrentes, como A NAÇÃO COMO CORPO, O GOVERNO COMO AGENTE DE RESTAURAÇÃO E A POLÍTICA COMO BATALHA, operam como mecanismos discursivo-cognitivos de persuasão, uma vez que traduzem diversos conceitos abstratos em imagens concretas e emocionalmente mobilizadoras.

Esses achados evidenciam que as metáforas empregadas por Trump ultrapassam a dimensão meramente linguística, constituindo-se como estratégias ideológicas que orientam a construção de sentidos e reforçam uma visão nacionalista, centrada na oposição entre “povo” e “elite política”. Assim, a linguagem metafórica assume papel de destaque na legitimação do poder e na formação de uma identidade coletiva baseada em valores de proteção, força e renovação.

Após esse exercício de análises, conclui-se, portanto, que o uso sistemático de metáforas no discurso de posse de Trump organiza a argumentação política, refletindo e reproduzindo esquemas cognitivos que sustentam a ideologia do orador. Ao instaurar uma narrativa de restauração da grandeza nacional, o discurso constrói uma representação simbólica de liderança e autoridade que se inscreve no imaginário político norte-americano contemporâneo, confirmando o papel da metáfora conceptual como instrumento de construção e manutenção de visões de mundo no âmbito político-discursivo.

5.1.4 Efeitos cognitivos das metáforas conceptuais

No contexto do discurso político, as metáforas, sejam elas conceptuais ou discursivas, atuam como ferramentas cognitivas para enquadrar a realidade. Elas organizam a percepção do mundo político em estruturas familiares e concretas, permitindo que conceitos abstratos como “poder, nação, democracia, liberdade ou ameaça” sejam compreendidos por meio de domínios mais tangíveis, como “guerra, construção, caminho ou família”. A metáfora POLÍTICA É GUERRA, por exemplo, transforma o debate político em um campo de batalha, legitimando posições agressivas, polarizadas e excludentes. Ao mesmo tempo, essa estrutura metafórica gera emoções intensas, como medo, orgulho, raiva ou esperança, que são essenciais para a adesão ideológica do público àquele conteúdo explicitado pelo autor.

No discurso político, ambiente bastante propício ao emprego de metáforas conceptuais, elas cumprem múltiplos efeitos cognitivos. Inicialmente, materializam o abstrato. Por exemplo, no trecho *“Durante muito tempo, um pequeno grupo em Washington colheu as recompensas enquanto o povo arcava com os custos”*, conceitos como desigualdade social e exploração

política são traduzidos em experiências concretas, colher e arcar, que o receptor pode visualizar e compreender intuitivamente. Esse processo reduz a distância entre abstração e percepção cotidiana, permitindo que o público assimile a mensagem de forma rápida e eficiente.

Logo após, as metáforas conceptuais organizam o pensamento e as relações sociais. No exemplo “*Dividimos um único coração, um lar e um glorioso destino*”, a nação é representada como uma entidade coesa e orgânica, um corpo e uma casa compartilhados. Essa estrutura metafórica orienta cognitivamente a compreensão da coletividade, reforçando a ideia de unidade e pertencimento, e criando um quadro mental que facilita a interpretação de eventos políticos como ações que afetam a totalidade do povo.

Essas metáforas atuam como dispositivos persuasivos, influenciando julgamentos e decisões. Ao apresentar o futuro como algo que pode ser “olhado” ou “alcançado”, como em “*estamos olhando só para o futuro*”, o discurso mobiliza expectativas positivas, direciona a atenção para metas desejáveis e sugere que os objetivos políticos são tangíveis. Tal efeito cognitivo contribui para o engajamento emocional e o reforço ideológico, já que conceitos abstratos como esperança, progresso ou justiça social passam a ser percebidos como concretos e realizáveis.

5.1.4.1 Integração entre cognição e emoção

A Linguística Cognitiva contemporânea enfatiza que os efeitos cognitivos e emocionais não são dissociáveis, segundo postulado em Ferrari (2011). A metáfora é uma estrutura multissensorial, que opera simultaneamente no plano da razão e da emoção, do pensamento e da experiência encarnada.

O discurso do presidente dos Estados Unidos, ao recorrer a metáforas potentes e altamente evocativas, constrói uma realidade simplificada, moralmente carregada e afetivamente estruturada, que facilita a adesão a ideias complexas por meio de narrativas envolventes.

No plano afetivo, metáforas como “carnificina americana” usadas no texto de posse produzem forte impacto emocional, evocando imagens de destruição e sofrimento que apelam ao medo, à indignação e ao desejo de ruptura.

O discurso também ativa o *frame* de restauração: o país, representado como um corpo doente, encontra na figura do novo presidente (Trump) seu agente curativo. Assim, as metáforas promovem uma narrativa de decadência e regeneração, que legitima políticas nacionalistas e excludentes. Segundo Charaudeau (2006), a eficácia do discurso político está em seu poder de

“colocar o locutor como porta-voz de uma verdade que já estaria latente no imaginário coletivo”. Nesse sentido, as metáforas conceptuais cumprem papel essencial ao traduzir ideologias em imagens compreensíveis, emocionalmente carregadas e cognitivamente eficazes.

5.2 Discurso de posse de Jair Bolsonaro (2019)

O discurso de posse de Jair Bolsonaro, proferido em 1º de janeiro de 2019, no Congresso Nacional, em Brasília, marcou simbolicamente a transição para um novo projeto político no Brasil. O evento, acompanhado por autoridades nacionais e internacionais, contou com ampla cobertura midiática e forte mobilização popular nas ruas da capital federal. O cenário de polarização política, herdado das eleições de 2018, conferiu ao pronunciamento um caráter de reafirmação ideológica, no qual o orador buscou legitimar sua liderança e consolidar os valores que sustentariam seu governo.

Do ponto de vista argumentativo, o discurso estrutura-se em torno de três eixos principais: o apelo à moralidade e à religião, a valorização da segurança e da ordem, e a crítica ao sistema político anterior. Por meio de recursos discursivos como figuração do sujeito patriótico e moralizante, Bolsonaro constrói a imagem de um líder messiânico, comprometido com a restauração de valores tradicionais e com o combate à corrupção. O uso de expressões como “libertar o Brasil do socialismo” e “governar com Deus acima de todos” reforça uma metáfora de redenção nacional, em que o país é figurado como um corpo adoecido que necessita ser purificado por um líder justo e incorruptível.

Figura 3 – Discurso de posse de Jair Bolsonaro (2019)



Fonte: UOL, 2019

5.2.1 Contexto sócio-político no Brasil

O período de campanha presidencial de Jair Bolsonaro, em 2018, foi caracterizado por um discurso de natureza nacionalista e militarizada, sustentado em valores tradicionais como família, ordem, pátria e religião. Esses elementos, frequentemente evocados como palavras de ordem, constituíram os pilares simbólicos de sua estratégia discursiva e contribuíram para a construção de uma imagem de líder moralmente íntegro e comprometido com a restauração de uma suposta ordem nacional. Tais traços retóricos se mantiveram presentes e ganharam novo vigor em seu discurso de posse, configurando a continuidade de uma narrativa política voltada à valorização da autoridade, da moral conservadora e da identidade patriótica.

No plano sociopolítico, o contexto brasileiro que antecedeu e acompanhou sua posse foi marcado por intensa polarização ideológica, descrédito nas instituições políticas e um fortalecimento do conservadorismo, tanto no campo moral quanto no político. Esse cenário favoreceu a emergência de discursos pautados em apelos emocionais e simbólicos, que buscavam reforçar a oposição entre o “nós” que era representado pelo povo e pela moral tradicional, e o “eles”, identificado com as elites políticas e os opositores ideológicos.

A vitória nas urnas de Bolsonaro representou uma ruptura com o modelo político hegemônico das décadas anteriores, sobretudo o ciclo de governos liderados pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Após a crise econômica de 2014, o *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff (2016), a prisão do ex-presidente Lula (2018) e os desdobramentos da Operação Lava Jato, a política brasileira encontrava-se deslegitimada perante grande parte da população e também a nível mundial. O discurso da “nova política”, associado à rejeição da “velha classe política” e à promessa de combate à corrupção, tornou-se um dos pilares da campanha do presidente eleito.

Conforme amplamente registrado pelos meios de comunicação à época, a cerimônia de posse de Jair Bolsonaro foi marcada pela expressiva presença de representantes das Forças Armadas e pela incorporação de referências religiosas em diferentes momentos do evento. Essa combinação de elementos evidenciava a tríade simbólica que se consolidou como eixo ideológico do novo governo: Deus, Pátria e Família, sintetizando valores morais, patrióticos e espirituais que orientaram sua narrativa política desde a campanha eleitoral. O ambiente social e político que cercava a posse era permeado por um sentimento coletivo de expectativa e esperança em relação à promessa de mudanças estruturais, ainda que coexistisse com um clima

de apreensão e incerteza quanto à preservação dos princípios democráticos e à estabilidade das instituições republicanas.

5.2.2 O discurso de posse: um breve resumo

Em seu discurso de posse, o novo presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, destacou seu compromisso com a restauração dos valores conservadores, a defesa da família, o combate à corrupção e à criminalidade, e a retomada do crescimento econômico do Brasil. Metaforicamente, diversas expressões foram utilizadas nesse texto. O pronunciamento, quase em sua totalidade, foi marcado por um forte apelo à ordem, à moralidade e à soberania nacional, com ênfase na retomada da confiança da população nas instituições governamentais, uma retomada às falas durante a campanha presidencial.

Bolsonaro, acompanhado de sua esposa Michelle Bolsonaro, discursou para uma plateia de mais de cem mil pessoas naquela data. A imagem da esposa ao seu lado condizia com o lema da campanha que girava em torno de Deus (o centro de tudo), a pátria (acima de todos) e a família (família tradicional – pai, mãe e filhos – como aceitável). Ele posicionou-se como representante de um novo ciclo político, contrário ao que classificou como “ideologias nefastas” que, segundo ele, comprometeram os princípios tradicionais da sociedade brasileira. Nesse sentido, reafirmou o compromisso com a “liberdade” e com os “valores judaico-cristãos”, reforçando um discurso fortemente pautado em fundamentos éticos e patrióticos.

O presidente também destacou a importância de reformas estruturais, como a da Previdência e a diminuição do tamanho do Estado, prometendo um governo mais eficiente e transparente. No plano externo, defendeu relações internacionais pautadas no respeito mútuo, sem submissão ideológica, e reiterou o alinhamento com países que compartilham valores semelhantes, conforme descrito no Anexo C desta pesquisa.

O discurso de posse consolidou a imagem de Bolsonaro como líder de ruptura com o sistema político anterior, mobilizando uma retórica de renovação moral e administrativa. Seu pronunciamento funcionou como um marco de transição de governo e também como um enunciado identitário de seu projeto político, bastante ancorado em valores conservadores, nacionalistas e liberais na economia.

Ao final do texto, o então presidente continua com tom combativo e simbólico, apresentando sua eleição como uma ruptura com um “sistema de corrupção” e uma vitória do “povo de bem”. O então presidente faz uso reiterado de metáforas estruturais e ontológicas,

cuja função é legitimar seu posicionamento de enunciador, moralizador e defensor da pátria. Ele enfatiza o combate à “ideologia”, a valorização das Forças Armadas, a defesa da segurança pública e a centralidade da família como núcleo moral da sociedade.

5.2.3 Identificação, categorização e interpretação das metáforas conceptuais no discurso de posse presidencial

A seguir, serão apresentadas e discutidas algumas das principais metáforas conceptuais identificadas no discurso de posse do presidente Jair Bolsonaro. Todos os excertos analisados foram extraídos da versão integral do pronunciamento oficial (vide Anexo C), de modo a garantir a fidelidade ao texto original e a autenticidade do material empírico utilizado na pesquisa.

a) POLÍTICA É GUERRA

Trecho 1: “Libertaremos o Brasil do jugo da corrupção”;

“Aproveito este momento solene e convoco, cada um dos Congressistas, para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica”.

Trecho 2: “Vamos unir o povo e valorizar a família”;

“Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores.”

Domínio-fonte: guerra, combate, conflito

Domínio-alvo: disputa política, gestão pública

Metáfora: ontológica

Função persuasiva: a função nestas orações é criar uma narrativa de luta do bem contra o mal, com o presidente como líder militar, restaurador da ordem.

No enunciado 1, a política é figurada como campo de batalha, no qual inimigos abstratos (corrupção, criminalidade, irresponsabilidade econômica, submissão ideológica) assumem a forma de forças opressoras. O verbo “libertar” ativa o imaginário de uma opressão estrangeira ou inimiga contra a pátria, reforçando a ideia de que o governante atua como comandante militar que conduz seu povo à vitória.

A função persuasiva é clara: transformar a gestão pública em uma luta heroica, em que o presidente ocupa a posição de libertador. Essa configuração simbólica legitima políticas de

enfrentamento e transmite ao eleitorado uma ideia de mobilização permanente contra um inimigo comum, simplificando problemas complexos em categorias de “bem” e “mal”.

Já no trecho 2, observa-se a intensificação da metáfora POLÍTICA É GUERRA, mas agora deslocada para o campo cultural e moral. A expressão “combater a ideologia de gênero” traduz o embate político em termos de conflito ideológico, em que valores tradicionais são apresentados como trincheiras a serem defendidas. O efeito cognitivo dessa metáfora é a criação de um enquadramento mental em que questões sociais complexas, como diversidade, pluralidade cultural, direitos civis, passam a ser vistas como ameaças a uma ordem estável e, portanto, como inimigos a serem derrotados.

Assim, ao defender a união do povo em torno da família e da tradição religiosa, o discurso estabelece um campo simbólico de batalha entre a preservação da identidade nacional e as supostas forças desagregadoras externas.

b) NAÇÃO É UMA FAMÍLIA

Excerto: *“Vamos resgatar os valores familiares”*

“Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores.”

Domínio-fonte: núcleo doméstico, família tradicional

Domínio-alvo: organização política e social

Metáfora: ontológica

Função persuasiva: construir unidade e moralidade por meio de valores afetivos e tradicionais.

Bolsonaro, ao metaforizar que é necessário “resgatar os valores familiares”, constrói a ideia de que tais valores foram capturados ou corrompidos por forças externas (ideologias, políticas progressistas, mudanças sociais) e que precisam ser trazidos de volta. Ideologicamente, a metáfora legitima a promoção de políticas conservadoras, ligando a preservação da família e da tradição judaico-cristã à estabilidade social, enquanto constrói uma oposição implícita a ideologias ou práticas consideradas ameaçadoras. Dessa forma, o uso dessa metáfora estrutura a percepção de abstrações complexas e organiza cognitivamente a experiência social e política, orientando a interpretação do público sobre problemas e soluções de maneira concreta e simbólica.

c) CORRUPÇÃO É DOENÇA / PARASITISMO

Frase: *“Retirar a ideologia que destrói nossos valores.”*

“Aproveito este momento solene e convoco cada um dos Congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica.”

Domínio-fonte: biologia, medicina

Domínio-alvo: práticas políticas, discursos ideológicos

Função persuasiva: apresentar a corrupção ou ideologia como patologias a serem extirpadas, exiladas da sociedade.

O trecho citado exemplifica a metáfora conceptual CORRUPÇÃO É DOENÇA/PARASITISMO, na qual práticas políticas nocivas e ideologias adversas são tratadas como entidades biológicas ou patológicas que podem infectar, danificar ou enfraquecer a sociedade. O domínio-fonte é o da biologia e da medicina, enquanto o domínio-alvo corresponde às práticas políticas e ideológicas, apresentadas como ameaças que precisam ser removidas ou erradicadas.

Persuasivamente, a metáfora cria uma narrativa de luta ativa e preventiva, conferindo ao presidente o papel de agente capaz de “curar” a sociedade, restaurando a ordem moral e ética. Ideologicamente, ela legitima ações políticas voltadas à preservação dos valores tradicionais, reforçando a ideia de que a eliminação de práticas nocivas é vital para a saúde da nação.

d) GOVERNO É DIREÇÃO / VIAGEM

PROGRESSO É MOVIMENTO PARA FRENTE

Trechos: *“O Brasil começa a trilhar um novo caminho.”*

“Vamos colocar o Brasil no rumo da prosperidade”

“Hoje começamos um trabalho árduo para que o Brasil inicie um novo capítulo de sua história. Um capítulo no qual o Brasil será visto como um país forte, pujante, confiante e ousado”.

Domínio-fonte: movimento, trajeto

Domínio-alvo: processo político

Metáfora: orientacional

Função persuasiva: Apresentar a transição de poder como mudança de rota, com destino promissor para o povo brasileiro, apresentando algo em movimento.

A metáfora conceptual presente na expressão acima liga conceitos abstratos, como transição política e reconstrução nacional, em termos de movimento, direção e progresso, domínios concretos que o público compreende facilmente. Cognitivamente, a metáfora

transforma mudanças políticas complexas em uma trajetória concreta, permitindo que a experiência de reconstrução do país seja percebida como um processo ordenado e em avanço, criando a sensação de que o futuro positivo é inevitável e alcançável.

Persuasivamente, essa estrutura engaja o público ao apresentar a gestão governamental como uma viagem segura rumo à prosperidade, reforçando a legitimidade do governo e destacando o Brasil como um país forte, confiante e ousado. Ideologicamente, a metáfora também contribui para apagar os erros do passado, naturalizando a nova administração como solução inevitável e posicionando o governo como agente ativo capaz de conduzir o país a um destino melhor, estruturando cognitivamente a percepção do público sobre política como movimento e progresso contínuo.

e) MELHORAR É SUBIR

Trecho: *“Vamos construir uma sociedade sem discriminação ou divisão”*

“Nada aconteceria sem o esforço e o engajamento de cada um dos brasileiros que tomaram as ruas para preservar nossa liberdade e democracia. Reafirmo meu compromisso de construir uma sociedade sem discriminação ou divisão.

Domínio-fonte: altura / construção

Domínio-alvo: condição social e política

Metáfora: orientacional

Função cognitiva: no excerto acima, a metáfora representa o ideal social como algo elevado; melhorar a sociedade é “erguê-la”.

O trecho destacado exemplifica uma metáfora ontológica, em que a sociedade, liberdade e democracia são tratados como entidades concretas que podem ser edificadas ou reerguidas. O domínio-fonte é o da construção física, erguer, construir, estruturar, enquanto o domínio-alvo é o da organização social e política.

Cognitivamente, essa metáfora permite que o público visualize essas ações como intervenções tangíveis, facilitando a percepção de que é possível envolver a sociedade de acordo com princípios desejáveis, neste caso, a ausência de discriminação e divisão. Persuasivamente, o uso de “construir” reforça a ideia de que o presidente atua como agente ativo e transformador, capaz de criar ordem e unidade, conferindo legitimidade e protagonismo à liderança política. Ideologicamente, a metáfora sugere que a sociedade é maleável e dependente da ação do governo, naturalizando a intervenção política como necessária para alcançar harmonia e justiça social.

A seguir, apresenta-se um panorama geral das principais metáforas conceptuais identificadas no discurso de posse do presidente Jair Bolsonaro. Neste quadro, as metáforas utilizadas aparecem seguidas do domínio-alvo, do domínio-fonte e de sua classificação. As expressões selecionadas evidenciam o modo como o discurso político recorre a construções metafóricas para representar temas complexos de maneira concreta e acessível ao público. Dessa forma, o quadro a seguir sintetiza as metáforas predominantes, acompanhadas de seus respectivos significados e funções cognitivas no contexto da posse presidencial.

Figura 4 – Quadro-síntese metáforas discurso de posse Bolsonaro

METÁFORA CONCEPTUAL	DOMÍNIO-ALVO	DOMÍNIO -FONTE	FUNÇÃO COGNITIVA	CLASSIFICAÇÃO
POLÍTICA É GUERRA	Disputa política, gestão pública	Guerra, combate, conflito	Criar narrativa maniqueísta e legitimar repressão	Ontológica
NAÇÃO É UMA FAMÍLIA	Organização política e social	Núcleo doméstico, família tradicional	Construir unidade e moralidade tradicional	Ontológica
CORRUPÇÃO É DOENÇA / PARASITISMO	Práticas políticas, discursos ideológicos	Biologia, medicina	Apresentar ideologias como patologias a serem removidas	Ontológica
BRASIL É UMA VÍTIMA / CORPO FERIDO	Situação política/ social do país	Corpo humano , ferimento	Produzir empatia e justificar o governo como curador	Ontológica
GOVERNO É DIREÇÃO / VIAGEM	Processo político	Movimento, trajeto	Apresentar transição como mudança de rota inevitável	Orientacional
PROGRESSO É MOVIMENTO PARA FRENTE	Desenvolvimento econômico e social	Direção espacial (avanço)	Projetar o Progresso Como avanço Inevitável	Orientacional
LIBERDADE É SUBIR / OPRIMIR É ESTAR EMBAIXO	Condição sociopolítica e ideológica	Altura (cima x baixo)	Associar liberdade à elevação moral	Orientacional
OPRESSÃO É PRESO / LIBERDADE É MOVIMENTO	Pensamento político e Ideológico	Espaço físico (prisão vs deslocamento)	Representar ideologia anterior como prisão mental	Orientacional

METÁFORA CONCEPTUAL	DOMÍNIO-ALVO	DOMÍNIO -FONTE	FUNÇÃO COGNITIVA	CLASSIFICAÇÃO
MELHORAR É SUBIR	Condição social e Política	Altura / construção	Apresentar a melhoria social como elevação moral	Orientacional

Fonte: imagem da autora

A análise das metáforas conceptuais presentes no texto de posse do presidente do Brasil em 2019, permitiu observar como o discurso político se constrói a partir de esquemas cognitivos que articulam ideologia, emoção e identidade nacional. As metáforas identificadas, recorrentes em domínios como pátria, moral, renovação e combate, revelam um projeto discursivo pautado na dualidade entre o bem e o mal, entre o povo e seus opositores, e entre a ordem e o caos. Esses mapeamentos metafóricos, ao transformar abstrações políticas em imagens concretas e emocionalmente potentes, operam como mecanismos de persuasão e legitimação simbólica do novo governo.

Portanto, constata-se que o uso sistemático de metáforas no discurso de Bolsonaro transcende a dimensão meramente estilística, constituindo um instrumento de organização cognitiva e de reprodução ideológica. À luz da Teoria da Metáfora Conceptual, proposta pelos teóricos estudados nesta pesquisa, verifica-se que tais construções metafóricas exercem papel fundamental na consolidação de uma narrativa de restauração nacional, fundamentada em valores de moralidade, disciplina e fé. Assim, o discurso de posse não apenas comunica intenções políticas, mas também configura um quadro simbólico no qual o líder se posiciona como agente de reconstrução e guardião da nação.

5.2.4 Efeitos cognitivos e emocionais nas construções metafóricas

A linguagem metafórica empregada no discurso presidencial opera simultaneamente nos domínios cognitivo e afetivo dos interlocutores. Ao configurar a política sob a metáfora da guerra, o texto aciona esquemas mentais de enfrentamento e oposição binária como a relação entre bem e mal, o que simplifica a complexidade do debate político. Esse enquadramento favorece o engajamento emocional do público e, ao mesmo tempo, pode restringir o espaço para uma reflexão crítica e racional sobre os temas abordados.

Em termos emocionais, a construção de metáforas como “doença”, “cura”, “família”, “caminho” e “guerra” nos discursos políticos mobiliza outros fatores cognitivos como medo,

esperança, pertencimento, ressentimento e orgulho para a sociedade, principalmente para aqueles inscritos na mesma ideologia do partido a que o candidato pertence. Além disso, metáforas como “cura do Brasil” e “libertação do jugo”, uma credibilidade construída de messiânico, ou seja, um discurso que prega para uma nação que há um homem capaz de libertar, salvar aquele povo de amarras, de ideologias, como nos exemplos que seguem:

I Simplificação de narrativas políticas

O uso de frases como: “Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e a nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero e conservar os valores”.

Efeito: o discurso constrói uma oposição binária entre o “bem” (valores tradicionais, família, ordem) e o “mal” (ideologias progressistas, corrupção, criminalidade), facilitando o entendimento da realidade política em termos simplificados e maniqueístas.

II Ativação de esquemas mentais conservadores

Ao citar termos “ideologia que defende bandido”, “família”, “Deus”, “valores cristãos”.

Efeito: o discurso ativa quadros mentais já existentes em parte do público conservador, como o medo do crime, a valorização da autoridade e o apego à moral tradicional, reforçando suas crenças e convicções prévias.

III Confirmação de crenças

“O povo começou a se libertar do socialismo”.

Efeito: provoca um sentimento de validação e alívio para os apoiadores que viam os governos anteriores como parte de um “projeto ideológico de esquerda”. Gera coerência cognitiva: “Eu votei certo”.

IV: Euforia e esperança para os apoiadores

“O povo começou a se libertar do socialismo.”

Efeito: provoca emoção de esperança e renovação, especialmente entre eleitores frustrados com os governos anteriores. O uso de verbos como “libertar” carrega um forte apelo emocional.

V: Medo e ressentimento

“Vamos combater a ideologia que defende bandidos”

Efeito: reforça o medo da criminalidade e o ressentimento contra uma suposta elite política ou intelectual “leniente” com criminosos. Gera emoções de raiva e desejo de punição.

VI: Orgulho e pertencimento

O uso constante de expressões como “Deus”, “família”, “valores cristãos” cria um efeito de:

Efeito: orgulho identitário e sensação de pertencimento para os que compartilham desses valores. Reforça a ideia de que “agora é a nossa vez”.

O discurso na posse de Bolsonaro gerou efeitos cognitivos de simplificação, ativação de crenças conservadoras e confirmação ideológica, ao mesmo tempo em que produziu emoções de esperança, orgulho, medo e raiva. Essa construção discursiva fortalece laços emocionais com a base de apoio e acirra a polarização, ao apresentar a realidade como um embate direto entre “nós” (os corretos) e “eles” (os corruptos ou permissivos).

O discurso de posse de Jair Bolsonaro mostrou-se eficaz na mobilização emocional de seus simpatizantes, consolidando a identidade política do grupo e reforçando uma visão de mundo pautada em valores conservadores e nacionalistas. Ao mesmo tempo, a ausência de gestos conciliatórios contribuiu para a ampliação da polarização cognitiva e afetiva na sociedade brasileira, evidenciando uma estratégia discursiva voltada prioritariamente ao fortalecimento da base eleitoral. Nesse contexto, a utilização sistemática de metáforas conceptuais e de elementos simbólicos funcionou como mecanismo de coesão interna, ao mesmo tempo em que acentuou o distanciamento entre os diferentes polos políticos e sociais.

Assim, a análise evidencia que o discurso de posse comunica intenções e propostas de governo, atuando como instrumento de organização cognitiva, persuasão ideológica e consolidação simbólica de identidade coletiva, confirmando a centralidade das metáforas conceptuais na construção do imaginário político do líder.

5.3 Discurso de posse de Javier Milei (2023)

A posse de Javier Milei como presidente da Argentina, em 10 de dezembro de 2023, ocorreu em um cenário de profunda polarização política e crise econômica. Eleito com mais de 55% dos votos válidos, derrotando o candidato peronista Sergio Massa, Milei ascendeu ao poder em meio a um país marcado por inflação elevada, déficits fiscais significativos e uma crescente desconfiança nas instituições políticas tradicionais, conforme a mídia noticiava à época.

Durante a cerimônia de posse, o novo chefe de Estado recebeu a faixa e o bastão presidenciais do então presidente Alberto Fernández. Em seguida, dirigiu-se à multidão reunida nas escadarias do Congresso Nacional, quebrando o protocolo tradicional de discursar no interior da Casa Legislativa. Essa escolha simbólica refletiu sua intenção de se distanciar da

classe política estabelecida e se aproximar diretamente do povo argentino, conforme noticiou a CNN Brasil.

Em seu discurso, Milei declarou o início de uma “nova era” para a Argentina, caracterizada por “paz e prosperidade, liberdade e progresso”. Ele criticou duramente a gestão anterior, afirmando que o país enfrentava uma “herança devastadora”, o que acarretava prejuízo direto ao PIB do país. O momento de posse marcou a ascensão de Javier Milei ao poder, consolidando um discurso de ruptura, sustentado em princípios de austeridade, meritocracia e redução da intervenção estatal.

Suas palavras buscaram construir a imagem de um líder reformador, disposto a desafiar os paradigmas políticos tradicionais da Argentina e a restabelecer a confiança nas instituições por meio de uma agenda liberal-conservadora. Dessa forma, o discurso assumiu uma dimensão simbólica, apresentando-se como um marco discursivo que pretendia inaugurar uma nova lógica de governança baseada na liberdade econômica, na responsabilidade fiscal e na promessa de reconstrução moral e social do país.

Figura 5 – Discurso de posse Javier Milei (2023)



Imagem: cnnbrasil.com, 2023

5.3.1 Contexto sócio-político na Argentina

A posse do atual presidente da Argentina, Javier Milei, ocorreu dia 10 de dezembro de 2023, em um cenário de acentuada crise econômica, social e política naquele país, que enfrentava índices altos de inflação, além de aumento da pobreza, estagnação produtiva e perda do poder aquisitivo da população. Essa conjuntura de baixa econômica gerou descrédito generalizado em relação aos partidos políticos tradicionais, especialmente na gestão peronista que antecedeu sua eleição.

No plano político, a vitória de Milei simbolizou uma ruptura significativa com o sistema bipartidário argentino, que, por décadas, alternou o poder entre forças peronistas e oposicionistas de centro-direita. Economista de orientação ultraliberal, ele se apresentou como um político livre de “amarras”, construindo sua candidatura a partir de um discurso de ruptura radical com a chamada “casta política”, expressão empregada para designar a classe dirigente acusada de práticas de corrupção, clientelismo e ineficiência administrativa. Essa narrativa enfatizou sua posição contra os atrasos que a Argentina estava sofrendo e buscou consolidar apoio junto a setores da população insatisfeitos com as estruturas institucionais tradicionais, refletindo um movimento discursivo centrado na crítica às elites políticas e na promessa de renovação institucional.

A eleição do atual presidente também refletiu uma onda mais ampla de descontentamento social, em que setores populares, mas sobretudo a classe média e o empresariado, buscavam alternativas às políticas intervencionistas do Estado. Assim, o contexto de sua posse foi marcado pela expectativa de mudanças profundas e por fortes tensões sociais: de um lado, apoiadores que viam em Milei a esperança de uma transformação radical; de outro, grupos temerosos de que suas propostas de choque econômico agravassem ainda mais as desigualdades e fragilizassem direitos sociais conquistados.

5.3.2 O discurso de posse: um breve resumo

O discurso de posse de Javier Milei, proferido diante do Congresso Nacional e transmitido para uma multidão reunida nas ruas de Buenos Aires, destacou a gravidade da situação econômica da Argentina e a necessidade de medidas necessárias para o enfrentamento da crise. Em sua fala, Milei adotou um tom de urgência e de ruptura, reafirmando que não havia “alternativa ao ajuste” e que o país vivia um quadro de emergência econômica e moral.

Com forte retórica liberal, o presidente enfatizou a redução do tamanho do Estado, a necessidade de equilíbrio fiscal, a abertura ao livre mercado e o combate à inflação como prioridades de seu governo. Diferentemente de discursos tradicionais de posse, o novo presidente argentino evitou mensagens conciliatórias, preferindo reforçar a ideia de que sua gestão representaria uma mudança radical em relação ao passado.

O discurso também foi marcado por ataques à “casta política” e pela denúncia de décadas de políticas econômicas intervencionistas que, segundo ele, levaram o país à decadência. Ao mesmo tempo, buscou envolver a população em torno de uma narrativa de

sacrifício coletivo, advertindo-a de que os primeiros meses seriam difíceis, mas necessários para recuperar a soberania econômica da nação.

Assim, a fala inaugural de Milei consolidou os eixos considerados centrais de sua campanha: liberalismo econômico radical, discurso antipolítico e promessa de refundação da Argentina por meio de medidas de austeridade. Ao fazê-lo, o presidente projetou uma imagem de líder disruptivo e confrontador, disposto a desafiar o sistema político e econômico então ali estabelecido.

5.3.3 Identificação, categorização e interpretação das metáforas conceptuais

Com base na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), compreende-se que as metáforas transcendem a função meramente ornamental da linguagem, atuando como instrumentos que revelam e estruturam modos de pensar e até mesmo de agir, seja perante uma plateia, seja no íntimo do cidadão. No campo político, isso se consolida de forma mais transparente e elas assumem papel fundamental na configuração da realidade social, por permitir traduzir conceitos abstratos em imagens concretas e acessíveis à experiência humana, tornando o discurso mais persuasivo e emocionalmente mobilizador.

Partindo desse pressuposto, esta seção tem como objetivo identificar, categorizar e interpretar as metáforas conceptuais presentes no texto de posse de Milei, como presidente da República Argentina. Para isso, cada metáfora é analisada a partir de três componentes fundamentais:

Domínio-fonte: o campo de experiência concreta de onde se extrai a estrutura metafórica;

Domínio-alvo: o conceito abstrato que é compreendido por meio do domínio-fonte;

Função cognitiva: a maneira como essa metáfora atua no plano argumentativo e ideológico, contribuindo para a construção de sentidos e para a persuasão do público.

A análise a seguir evidencia como determinadas metáforas, recorrentes e estruturantes, sustentam uma narrativa de crise, urgência e salvação, na qual o novo chefe de Estado se posiciona como agente transformador. Elas organizam esquemas corporificados, experiências cotidianas e marcos morais para legitimar reformas drásticas e redefinir o papel do Estado, da sociedade e do indivíduo. Assim, entende-se que o funcionamento argumentativo dessas metáforas está intrinsecamente ligado à sua capacidade de persuadir, simplificar e orientar a percepção da realidade política e econômica.

A seguir, apresentação das metáforas conceptuais, suas classificações, domínio-fonte e domínio-alvo, função cognitiva seguidas das análises:

a) ECONOMIA É UM CORPO DOENTE

“Nosso país está em terapia intensiva” (metáfora ontológica)

Trechos: *“Deixe-me ser muito claro sobre isso. Nenhum governo recebeu uma herança pior do que a que estamos recebendo [...] O governo anterior nos deixou com a hiperinflação e é nossa principal prioridade fazer todos os esforços possíveis para evitar tal catástrofe...”*

“Precisamos de um choque de austeridade”. (metáfora orientacional)

“Portanto, a conclusão é que não há alternativa ao ajuste e não há alternativa ao choque.

Naturalmente, isto terá um impacto negativo no nível de atividade, no emprego, nos salários reais e no número de pessoas pobres e indigentes. Haverá estagflação, é verdade...”

Domínio-fonte: medicina / corpo humano

Domínio-alvo: sistema econômico

Função cognitiva: justificar a adoção de medidas drásticas como um tratamento necessário e inevitável.

No primeiro excerto, a Argentina é concebida como uma entidade com propriedades físicas e saúde própria, como se fosse um organismo vivo que pode adoecer, precisar de cuidados médicos e ser “tratado”. A metáfora transforma o país abstrato em algo concreto e manipulável, característica típica das metáforas ontológicas.

Já no segundo exemplo, “choque” implica movimento, direção e intensidade, projetando a ideia de intervenção brusca que impulsiona mudanças. O termo orienta cognitivamente a percepção do leitor/ouvinte sobre o ajuste fiscal como algo repentino, de impacto e de mudança de trajetória, típico das metáforas orientacionais.

b) O ESTADO É UM MONSTRO OU INIMIGO

“O Estado é uma máquina de destruição da riqueza”;

“Vamos cortar pela raiz o parasitismo estatal”.

Domínio-fonte: guerra / criaturas hostis

Domínio-alvo: administração pública / burocracia estatal

Função cognitiva: criar uma oposição radical entre Estado e povo, justificando cortes e privatizações.

As duas metáforas utilizadas nos trechos citados são classificadas como ontológicas. O Estado, conceito abstrato, é descrito como uma máquina concreta que realiza uma ação

específica (“destruir riqueza”). No segundo exemplo, o “parasitismo” é apresentado como um ser vivo, com raiz e possibilidade de ser extirpado, dando forma física a um conceito abstrato. A metáfora trata problemas sociais e políticos como entidades manipuláveis, também característica das ontológicas.

c) GOVERNO ANTERIOR É UMA HERANÇA MALDITA

“Nenhum governo herdou uma situação tão catastrófica como a nossa.”

Trecho: “Deixe-me ser muito claro sobre isso. Nenhum governo recebeu uma herança pior do que a que estamos recebendo. O Kirchnerismo, nos seus primórdios, vangloriou-se de ter superávits gêmeos. Hoje, deixa-nos com déficits gêmeos de 17 pontos do PIB. Por sua vez, desses 17 pontos do PIB, 15 correspondem ao déficit consolidado entre o Tesouro e o Banco Central. Portanto, não existe solução viável que evite atacar o déficit fiscal.”

Domínio-fonte: herança / legado

Domínio-alvo: situação econômica e política recebida

Função cognitiva: transferir responsabilidade à gestão anterior, criando uma base para a própria atuação.

Neste trecho, Milei recorre a uma metáfora ontológica para dar corpo a problemas abstratos de gestão econômica. Ao afirmar que nenhum governo recebeu uma “herança catastrófica”, ele personifica os déficits e desequilíbrios fiscais como um legado palpável que pesa sobre seu governo, criando uma narrativa de urgência e gravidade. Essa estratégia permite que o público visualize os efeitos de políticas passadas como forças tangíveis e negativas, justificando cognitivamente intervenções radicais no Estado e na economia. A metáfora reforça a percepção de crise absoluta e legitima a necessidade de ações decisivas, posicionando o governo como agente capaz de corrigir o dano.

d) A ECONOMIA É UMA GUERRA

“Estamos em guerra contra a inflação”;

“Vamos a derrotar o modelo empobrecedor”.

No primeiro excerto, a metáfora é ontológica porque transforma inflação e modelo econômico em inimigos concretos que podem ser combatidos, derrotados e eliminados. Já no segundo exemplo, recorreu-se a uma orientação, pois a guerra implica movimento direcional (avanço,

derrota do inimigo), mas o núcleo é ontológico, já que a economia passa a ser entendida como campo de batalha.

Domínio-fonte: conflito bélico

Domínio-alvo: política econômica

Função cognitiva: mobilizar a população em torno de um “inimigo comum” e justificar medidas impopulares como parte de uma batalha.

As metáforas em “*Estamos em guerra contra a inflação*” e “*Vamos derrotar o modelo empobrecedor*” revelam a forma como o enunciador estrutura cognitivamente a economia como um campo de batalha. Pela metáfora conceptual ECONOMIA É GUERRA, fenômenos como inflação ou modelos de gestão são personificados como inimigos concretos que ameaçam a nação. Essa construção cognitiva simplifica a complexidade dos processos econômicos, convertendo-os em conflitos dicotômicos de vitória ou derrota, bem/mal. Além disso, o recurso linguístico utilizado produz um efeito persuasivo, pois convoca os cidadãos a se posicionarem como combatentes ao lado do governo, naturalizando medidas de austeridade como “armas” necessárias na luta.

e) A ARGENTINA ESTÁ EM RUÍNAS

“Vamos reconstruir o país”

“O que herdamos é terra arrasada”.

Domínio-fonte: arquitetura / destruição física

Domínio-alvo: situação institucional e econômica da nação

Função cognitiva: posicionar o novo governo como o “reconstrutor” após a destruição causada por gestões anteriores.

No texto, as expressões “*Vamos reconstruir o país*” e “*O que herdamos é terra arrasada*” concebem a metáfora conceptual A ARGENTINA É UMA CONSTRUÇÃO/EDIFÍCIO, em que o domínio-fonte da arquitetura e da engenharia é projetado sobre o domínio-alvo da nação e da economia argentina. Nesse enquadramento, o país é concebido como um espaço físico destruído, reduzido a ruínas, mas suscetível de ser restaurado mediante um processo de reconstrução. Trata-se de uma metáfora ontológica, pois atribui à abstração “nação” características de uma entidade material, permitindo conceber ações concretas de “erguer” e “reformular”.

A função discursiva dessa escolha é dupla: por um lado, dramatiza o legado do governo anterior, apresentando-o como “terra arrasada”, uma herança de devastação; por outro, confere

ao orador a posição de arquiteto e restaurador da pátria, capaz de promover a “reconstrução”. Assim, a metáfora organiza cognitivamente a compreensão da crise argentina, bem como legitima medidas radicais de mudança ao naturalizar a ideia de que, diante da destruição, a única saída possível é o recomeço a partir de novas bases, novos aliados, novo modelo de fazer política, por exemplo.

f) A MUDANÇA É UMA JORNADA

“Hoje começa o caminho da reconstrução”;

“Seguiremos firmes nessa travessia”.

Domínio-fonte: viagem / deslocamento no espaço

Domínio-alvo: transição política e econômica

Função cognitiva descrita acima é criar a ideia de progresso linear, mesmo que lento, dando sentido de direção e propósito às ações do governo.

Acima, as expressões “*Hoje começa o caminho da reconstrução*” e “*Seguiremos firmes nessa travessia*” exemplificam a metáfora conceptual A MUDANÇA É UMA JORNADA, na qual o domínio-fonte da viagem/deslocamento no espaço é projetado sobre o domínio-alvo da transição política e econômica. Essas formulações se enquadram nas metáforas orientacionais, pois são voltadas à compreensão da mudança em termos de movimento no espaço físico, com pontos de partida, trajetórias e metas a serem alcançadas.

A função cognitiva desse enquadramento é criar um sentido de direção e propósito para as ações governamentais, transmitindo a ideia de progresso linear, ainda que árduo ou lento, rumo a um futuro melhor. Ao associar o governo a uma jornada coletiva, Milei posiciona o povo argentino como companheiro de viagem, enquanto se coloca como guia responsável por conduzir o trajeto. A metáfora legitima o projeto político ao transformar a crise econômica em um caminho a ser percorrido e a promessa de mudança em uma travessia inevitável, conferindo coerência, esperança e continuidade ao discurso.

g) SOCIEDADE É UM ORGANISMO QUE PRECISA DE CURA

Trecho: “Vamos curar as feridas causadas por décadas de decadência”.

Domínio-fonte: biologia / saúde humana

Domínio-alvo: convivência social e institucional

Função cognitiva: apresentar o novo governo como um agente de restauração moral e funcional.

O excerto “*Vamos curar as feridas causadas por décadas de decadência*” exemplifica a metáfora conceptual SOCIEDADE É UM ORGANISMO QUE PRECISA DE CURA, que se enquadra no tipo ontológico, pois projeta características de um corpo humano, suscetível a feridas, doenças e tratamentos sobre a sociedade argentina. A partir desse mapeamento, a decadência política e econômica é entendida como uma patologia, enquanto o governo assume a função de médico capaz de aplicar a cura.

Além da função cognitiva de estruturar a compreensão da crise, a metáfora cumpre um papel persuasivo ao dramatizar a gravidade da situação nacional e legitima o governante como agente restaurador da saúde social e institucional. O discurso beira um forte apelo emocional, mobilizando esperança e confiança no novo projeto político, ao mesmo tempo em que atribui às gestões anteriores a responsabilidade pelo “adoecimento” do país.

h) “Nação é uma família”

Exemplo: “Vamos resgatar os valores que aprendemos em casa: esforço, mérito, responsabilidade”.

Domínio-fonte: núcleo doméstico / família tradicional

Domínio-alvo: organização sociopolítica da nação

Função cognitiva: construir unidade nacional por meio da moral familiar conservadora.

O trecho “Vamos resgatar os valores que aprendemos em casa: esforço, mérito, responsabilidade” exemplifica a metáfora conceptual “nação é uma família”, classificada como ontológica, uma vez que transfere atributos do domínio concreto e experiencial da vida familiar para o domínio abstrato da organização sociopolítica da nação. Neste enquadramento, os cidadãos são exemplificados como membros de uma mesma família, unidos por laços de valores morais, enquanto o governante assume a posição de guia ou “pai” responsável por resgatar e reafirmar princípios considerados fundamentais.

A projeção metafórica cumpre a função cognitiva de simplificar a complexidade social, tornando-a compreensível por meio de um modelo relacional próximo à experiência cotidiana dos indivíduos. Além de estruturar cognitivamente a noção de nação, essa metáfora também desempenha uma função ideológica, ao promover um ideal de unidade baseado em valores tradicionais e conservadores, que tendem a excluir visões alternativas de família, moralidade e organização social.

i) “Política é uma enfermidade infectocontagiosa”

Exemplo: “A casta política se alimenta do sofrimento do povo.”

Domínio-fonte: doença / parasitismo

Domínio-alvo: sistema político tradicional

Função cognitiva: deslegitimar partidos e líderes tradicionais como agentes patológicos.

O enunciado “A casta política se alimenta do sofrimento do povo” exemplifica a metáfora conceptual “política é uma enfermidade infectocontagiosa”, de caráter ontológico, pois atribui propriedades biológicas e patológicas a atores políticos. O domínio-fonte da doença e do parasitismo é projetado sobre o domínio-alvo da política, construindo a imagem de partidos e líderes tradicionais como organismos nocivos que consomem as energias vitais da sociedade. Essa metáfora cumpre a função cognitiva e persuasiva de simplificar a crítica ao sistema político, apresentando-o como um ser doente e degenerado, que deve ser extirpado ou curado, legitimando a figura do novo governante como agente saneador.

j) O povo é uma vítima aprisionada

Exemplo: “Os argentinos foram reféns de políticas empobrecedoras.”

Domínio-fonte: prisão / sequestro

Domínio-alvo: condição socioeconômica da população

Função cognitiva: apresentar o povo como passivo e sofrido, dependente de libertação.

O enunciado “Os argentinos foram reféns de políticas empobrecedoras” materializa a metáfora conceptual “o povo é uma vítima aprisionada”, de natureza ontológica, pois atribui ao povo a condição de um prisioneiro ou refém. O domínio-fonte da prisão e do sequestro é projetado sobre o domínio-alvo da realidade socioeconômica, configurando a população como passiva, subjugada e incapaz de agir por si mesma. Essa construção cognitiva simplifica a compreensão da crise ao dramatizar a relação entre povo e governo anterior, reforçando a ideia de submissão e sofrimento coletivo. Ideologicamente, a metáfora legitima o papel de Milei como “libertador”, confiando nele uma autoridade de redentor político capaz de romper as correntes da opressão, o que concentra simbolicamente o poder de transformação na figura do líder e neutraliza a percepção de agência popular.

k) “Economia é uma casa mal administrada”

Exemplo: “Gastaram mais do que podiam, destruíram as finanças da casa.”

Domínio-fonte: administração doméstica

Domínio-alvo: finanças públicas

Função cognitiva: tornar compreensível a crise fiscal como irresponsabilidade doméstica.

O trecho “Gastaram mais do que podiam, destruíram as finanças da casa” exemplifica a metáfora conceptual “economia é uma casa mal administrada”, de caráter ontológico, uma vez que concebe a economia como uma casa, sujeita a uma gestão. O domínio-fonte da administração doméstica projeta-se sobre o domínio-alvo das finanças públicas, permitindo que o público compreenda a complexa crise fiscal em termos familiares de responsabilidade e controle cotidiano. Cognitivamente, a metáfora simplifica o entendimento da má gestão, transformando déficits e desequilíbrios macroeconômicos abstratos em ações tangíveis e facilmente criticáveis, reforçando a narrativa de incompetência do governo anterior e legitimando medidas de correção e austeridade adotadas pelo novo governo.

1) “A Argentina é uma vítima roubada”

Exemplo: “Nos saquearam”; “Nos deixaram sem nada.”

Domínio-fonte: roubo / crime patrimonial

Domínio-alvo: gestão estatal anterior

Função cognitiva: estabelecer um senso de injustiça e urgência de reparação.

A metáfora “A Argentina é uma vítima roubada” projeta sobre a esfera política o domínio experiencial do roubo, que é amplamente compreendido e emocionalmente carregado na experiência cotidiana. Ao associar o Estado argentino ou a nação à figura de uma vítima e os governos anteriores a criminosos ou saqueadores, o discurso reorganiza cognitivamente a percepção da realidade política e econômica.

Essa construção metafórica ativa esquemas mentais de injustiça, perda e reparação, nos quais há um agressor (os antigos governantes), uma vítima (o povo ou o país) e a necessidade de um herói ou justiceiro (o novo presidente) que restaure a ordem e recupere o que foi subtraído. Assim, a metáfora legitima a intervenção política de Milei ao apresentar suas medidas econômicas radicais como moralmente justificáveis e urgentes, uma vez que se inserem em um quadro de “reparação” de danos sofridos.

Do ponto de vista cognitivo, portanto, essa metáfora simplifica a complexidade da crise argentina ao enquadrá-la em um modelo narrativo binário de “injustiça–redenção”. Isso é usado para facilitar a compreensão do público e mobilizar respostas emocionais intensas, como indignação, empatia ou esperança, sentimentos essenciais para consolidar apoio político e legitimar o novo governo.

m) “Políticas de esquerda são drogas”

Exemplo: “O populismo é uma droga que gera euforia temporária e destruição permanente.”

Domínio-fonte: drogadição

Domínio-alvo: populismo / assistencialismo estatal

Função cognitiva: apresentar políticas de bem-estar como vício destrutivo

O trecho “O populismo é uma droga que gera euforia temporária e destruição permanente” exemplifica a metáfora conceptual “políticas de esquerda são drogas”, de caráter ontológico, ao atribuir a políticas abstratas características de substâncias físicas com efeitos nocivos. O domínio-fonte, dependência química, é projetado sobre o populismo e o assistencialismo estatal, permitindo compreender seus efeitos sociais como vício e dano progressivo. Nesta colocação, a metáfora persuasivamente constrói uma visão negativa das políticas de esquerda, sugerindo que produzem satisfação imediata, mas consequências devastadoras de longo prazo, legitimando intervenções políticas de “cura” ou correção.

A seguir, apresenta-se um quadro-síntese das metáforas identificadas no discurso de posse de Javier Milei (2023), no qual são explicitados o domínio-fonte, o domínio-alvo, a classificação das metáforas e suas respectivas funções cognitivas.

Figura 6 – Quadro-síntese metáforas discurso de posse Javier Milei

METÁFORA CONCEPTUAL	DOMÍNIO-ALVO	DOMÍNIO -FONTE	FUNÇÃO COGNITIVA	CLASSIFICAÇÃO
ECONOMIA É UM CORPO DOENTE	Sistema econômico	Medicina / Corpo humano	Justificar medidas drásticas como tratamento inevitável	Ontológica
O ESTADO É UM MONSTRO OU INIMIGO	Administração pública / burocracia estatal	Guerra / Criaturas hostis	Justificar cortes e privatizações com base no medo	Ontológica
GOVERNO ANTERIOR É UMA HERANÇA MALDITA	Situação econômica Recebida	Herança / Legado	Transferir Responsabilidade à gestão anterior	Ontológica
A ECONOMIA É UMA GUERRA	Política econômica	Conflito bélico	Mobilizar popula- ção em torno de um “inimigo”	Ontológica
A ARGENTINA ESTÁ EM RUÍNAS	Situação institucional e econômica	Arquitetura / destruição física	Apresentar novo governo como “reconstrutor” do país	Ontológica
A MUDANÇA É UMA JORNADA	Transição política e Econômica	Viagem / deslocamento	Criar ideia de progresso com direção e propósito	Orientacional
SOCIEDADE É UM	Convivência social e	Biologia /	Mostrar o	Ontológica

METÁFORA CONCEPTUAL	DOMÍNIO-ALVO	DOMÍNIO -FONTE	FUNÇÃO COGNITIVA	CLASSIFICAÇÃO
ORGANISMO QUE PRECISA DE CURA	Institucional	saúde humana	governo como restaurador moral	
NAÇÃO É UMA FAMÍLIA	Organização sociopolítica da nação	Núcleo doméstico / família tradicional	Unir o povo por meio de moral familiar conservadora	Ontológica
POLÍTICA É UMA ENFERMIDADE INFECTOCONTAGIOSA	Sistema político Tradicional	Doença / parasitismo	Deslegitimar partidos e líderes tradicionais	Ontológica
O POVO É UMA VÍTIMA APRISIONADA	Condição socioeconômica da população	Prisão / Sequestro	Apresentar o povo como passivo, dependente de libertação por um “salvador”	Ontológica
ECONOMIA É UMA CASA MAL ADMINISTRADA	Finanças públicas	Administração Doméstica	Explicar a crise como “desorganização doméstica”, culpando gestões anteriores	Ontológica
A ARGENTINA É UMA VÍTIMA ROUBADA	Gestão estatal anterior	Roubo / crime Patrimonial	Construir senso de injustiça que legitima rupturas e reparações drásticas	Ontológica
POLÍTICAS DE ESQUERDA SÃO DROGAS	Populismo / assistencialismo estatal	Drogadição	Apresentar políticas de bem-estar como vício que leva à decadência	Ontológica

Fonte: imagem da autora

A análise das metáforas conceptuais presentes no discurso de posse de Javier Milei evidenciou o papel estruturante da linguagem metafórica na construção de sentidos políticos e ideológicos. As metáforas ontológicas permitiram materializar conceitos abstratos, atribuindo concretude e identidade a entidades coletivas, como o Estado e o povo argentino; as orientacionais foram utilizadas para organizar a percepção da plateia por meio de eixos valorativos (alto/baixo, avanço/retrocesso), reforçando uma visão dicotômica da realidade nacional.

Os recursos utilizados no texto no contexto da posse traduzem experiências complexas, operam cognitivamente como mecanismos de persuasão, ativando esquemas mentais que legitimam a ação política do novo governo. Desse modo, foi possível observar que a escolha dessas metáforas está longe de constituir simples ornamentos retóricos, pois elas funcionaram com maestria como instrumentos de organização cognitiva e ideológica do discurso,

sustentando a lógica argumentativa que Milei utiliza para se apresentar como agente de ruptura e restauração.

5.3.4 Efeitos cognitivos e emocionais nas construções metafóricas

As construções discursivas elaboradas por líderes políticos, especialmente em contextos de posse, ultrapassam a mera transmissão de informações, atuando de forma estratégica na configuração dos processos cognitivos e afetivos do público. Sob a ótica da Linguística Cognitiva, as metáforas conceptuais exercem um papel estruturante na maneira como o sujeito apreende e organiza o mundo, influenciando, de modo significativo, as formas de percepção, interpretação e reação diante de fenômenos sociais e políticos.

Em discursos inaugurais como o de Javier Milei (2023), a escolha de metáforas como “terapia de choque”, “herança maldita” ou “monstro da inflação” não é uma escolha meramente estilística. Trata-se de construções que produzem efeitos cognitivos, como a simplificação de fenômenos complexos (ex.: a crise econômica passa a ser vista como uma doença com cura única), e efeitos emocionais, como medo, indignação, esperança ou sensação de alívio diante de promessas de salvação.

Essas metáforas ativam estruturas cognitivas pré-existentes (frames), organizando o pensamento político do público em moldes familiares. Por exemplo, ao usar a metáfora “ESTADO É UM MONSTRO”, cria-se uma dicotomia entre o “povo” e o “inimigo estatal”, levando o receptor a interpretar medidas de desmonte como formas de libertação.

Além disso, há um redirecionamento da agência: ao apresentar o povo como vítima de um sistema parasitário ou doente, o político se posiciona como curador ou herói, canalizando a confiança popular em direção à sua figura. Esse processo produz alívio emocional e esperança, elementos fundamentais para legitimar rupturas com a ordem vigente. Esses efeitos retóricos contribuem para estabilizar narrativas ideológicas, pois mobilizam afetos que racionalizam decisões radicais sob a lógica da “urgência” ou da “cura necessária”. Assim, discursos carregados de construções metafóricas informam e trabalham o pensar e o sentir coletivos, criando contextos emocionais que favorecem determinadas ações políticas.

Percebe-se que as metáforas políticas, no contexto dos discursos de posse, operam sobre três eixos interligados:

- (1) cognitivo, ao facilitar a compreensão da realidade política;
- (2) emocional, ao estimular reações afetivas; e
- (3) ideológico, ao reforçar visões de mundo e estruturas de poder.

A metáfora da “Argentina como corpo doente” (ex.: “o país está em terapia intensiva”) também opera cognitivamente para simplificar a crise: o problema é técnico (doença), e a solução é médica (tratamento). Isso despolitiza as decisões econômicas, reforçando a noção de que não há alternativas.

No campo emocional, expressões como “herança maldita” e “terra arrasada” evocam ressentimento e indignação, dirigidos aos governos anteriores. Isso fortalece a figura do novo líder como salvador, alguém que tem a missão de reconstruir a nação. Ao posicionar-se como “única solução possível”, Milei estabelece esse contrato com uma retórica emocionalmente carregada.

O emprego sistemático de metáforas estruturadas a partir de binarismos, como *povo versus casta*, *liberdade versus opressão* e *saúde versus doença*, favorece a formação de uma polarização cognitiva e afetiva, ao reduzir a complexidade das dinâmicas políticas e sociais a categorias morais simplificadas. Essa estratégia discursiva ajuda na consolidação de identidades coletivas e para a oposição simbólica entre dois polos antagônicos: o “nós”, associado à moralidade e à justiça, e o “eles”, identificado como corrupto, parasitário ou destrutivo.

Esses efeitos de sentido revelam-se particularmente eficazes em contextos de instabilidade ou crise, nos quais o corpo social se encontra fragilizado e propenso a aderir a narrativas explicativas diretas e emocionalmente mobilizadoras. Desse modo, o discurso de Javier Milei não se limita a relatar a crise, mas a (re)construí-la cognitivamente como um colapso absoluto, ativando esquemas mentais de urgência e salvamento. Esse enquadramento metafórico legitima soluções políticas radicais, estabelecendo um ambiente simbólico favorável à concentração de poder e à ruptura das estruturas institucionais tradicionais.

6 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS TRÊS DISCURSOS

6.1 Padrões metafóricos recorrentes

Os discursos de posse de Trump, Bolsonaro e Milei apresentam um conjunto de metáforas estruturantes recorrentes, que refletem tanto as crises políticas e econômicas de seus respectivos países quanto às estratégias de construção de autoridade discursiva. As três lideranças utilizam intensamente metáforas de conflito, corpo doente e decadência moral para configurar a realidade como um estado de crise profunda, exigindo uma ruptura radical com o passado.

Nos três textos inaugurais analisados, percebeu-se que as metáforas de guerra apareceram em um padrão recorrente, conforme demonstrados abaixo:

- Donald Trump cita a “carnificina americana” causada por elites econômicas globais (Trump, 2017);
- Jair Bolsonaro promete “libertar o Brasil do socialismo” (Bolsonaro, 2019);
- Javier Milei anuncia um “choque de austeridade para derrotar o modelo empobrecedor” (Milei, 2023).

Essas metáforas acionam no emocional da população uma ideia de combate, sacrifício e vitória que será necessário a toda a nação daquele momento em diante. Além disso, a metáfora “a nação é um corpo doente” surge em todas as falas, enfatizando a necessidade de “cura”, “ajustes” ou “terapias de choque”, o que legitima reformas estruturais impopulares sob o argumento da necessidade técnica e inevitabilidade.

Nos três discursos ainda, há também outro padrão de uso de metáforas que se repete além da guerra. Esses padrões estruturam uma narrativa de “crise e redenção”, típica do populismo, nos três países, como mostrado a seguir:

1- Guerra:

Trump destaca “luta para devolver o país ao povo”;

Bolsonaro propõe “libertar o Brasil da ideologia”;

Milei declara “guerra à inflação e ao Estado parasitário”.

A metáfora da GUERRA emerge como um recurso de grande valor nos discursos de posse de Donald Trump (2017), Jair Bolsonaro (2019) e Javier Milei (2023), estruturando cognitivamente a percepção política como um conflito moralizado. Em Trump, a “luta para devolver o país ao povo” articula o inimigo na figura das elites e instituições opostas; em Bolsonaro, a expressão “libertar o Brasil da ideologia” projeta a oposição em adversários internos e simbólicos; em Milei, a “guerra à inflação e ao Estado parasitário” situa o antagonismo no âmbito econômico e institucional.

Percebe-se que essa construção metafórica explica/transforma experiências abstratas por meio de domínios concretos, polarizando o entendimento coletivo entre agentes virtuosos e agentes corruptos ou prejudiciais e legitima intervenções radicais como necessárias à restauração da ordem. Ao mesmo tempo, aciona respostas afetivas intensas, consolidando o líder como agente redentor e reforçando mecanismos discursivos característicos de estratégias populistas de autoridade e legitimação política.

2- Doença:

Milei afirma que “a Argentina está em terapia intensiva”;

Bolsonaro destaca da “metástase da corrupção”;

Trump menciona uma “América devastada pela elite”.

Nos textos analisados, observa-se também um padrão recorrente de metáforas relacionadas à “doença”, nas quais o país ou suas instituições são concebidos como organismos enfermos ou debilitados. Milei descreve a Argentina como “em terapia intensiva”, Bolsonaro associa a corrupção a uma “metástase” e Trump retrata a América como “devastada pela elite”.

Do ponto de vista cognitivo, essas metáforas projetam sobre a realidade sociopolítica conceitos do domínio da saúde, tornando experiências abstratas, crises econômicas, corrupção sistêmica, ineficiência institucional, mais concretas e emocionalmente acessíveis.

Funcionalmente, essa estrutura metafórica serve para legitimar reformas impopulares ou medidas drásticas, ao enquadrá-las como tratamentos necessários para restaurar a saúde do organismo social. A recorrência desse padrão nos três discursos evidencia uma estratégia populista comum: criar uma narrativa de crise extrema, suscitar urgência e justificar intervenções políticas intensas, reforçando a percepção do líder como agente redentor capaz de “curar” o país

3 - Reconstrução:

Todos os agentes públicos citados propõem uma jornada redentora:

“Make America great again” (Trump);

“Brasil acima de tudo” (Bolsonaro);

“Renascimento argentino” (Milei).

Nos três documentos analisados, identifica-se um padrão consistente de metáforas associadas à “reconstrução” e à redenção, em que o futuro da nação é concebido como um processo de restauração ou renascimento. Trump utiliza o slogan “Make America Great Again”, Bolsonaro enfatiza “Brasil acima de tudo” e Milei propõe um “Renascimento argentino”.

Cognitivamente, essas construções funcionam como metáforas de caminho e cura, projetando sobre a sociedade a trajetória de um organismo ou comunidade que deve superar crises e recuperar sua integridade. Funcionalmente, elas evocam esperança e engajamento emocional, legitimando rupturas com políticas anteriores e consolidando o líder como agente capaz de promover transformação e renovação nacional. A recorrência desse padrão aponta uma estratégia discursiva típica do populismo, articulando a narrativa de crise à promessa de redenção, esperando o apoio coletivo.

6.2 Singularidades ideológicas e cognitivas dos textos de posse

Os três líderes de países citados nesta pesquisa, empregam metáforas para ativar *frames* cognitivos distintos, conectados a suas ideologias:

- a) Trump utiliza uma metáfora patriótica e protecionista: “os EUA são uma família traída que precisa se proteger dos estrangeiros e globalistas”. O *frame* é o de protetor da casa, com foco no cidadão médio e trabalhador, evocando sentimento de perda, frustração e desejo de resgate.
- b) Bolsonaro constrói uma visão de mundo centrada em moralidade, militarismo e nacionalismo cristão. Ele usa metáforas como “reerguer a pátria”, “família como base da sociedade” e “erradicar ideologias”. É o *frame* da ordem moral contra o caos ideológico.
- c) Milei articula um discurso econômico radicalmente liberal, com metáforas como “choque”, “parasitismo estatal” e “cura dolorosa”. Ele ativa o *frame* da cura médica e da libertação individualista, rejeitando qualquer mediação estatal. Sua ideologia cognitiva é libertária, de cunho técnico e moralizante.

Apesar das semelhanças estruturais, há diferenças importantes na forma como cada presidente articula cognitivamente sua visão de mundo.

No discurso de Trump, há um apelo direto ao nacionalismo econômico, centrado na metáfora “América é uma família traída”, com foco na proteção do “cidadão comum” frente às elites globalistas. A ênfase é na restauração da grandeza americana, um *frame* profundamente conservador baseado na nostalgia.

Bolsonaro, por sua vez, mobiliza a metáfora da “nação em guerra contra o crime”, vinculando segurança pública e valores morais em um discurso fortemente militarizado. A ênfase na disciplina, ordem e família tradicional remete ao modelo da “família estrita” como base da organização política.

Milei adota uma postura mais abertamente ultraliberal, utilizando a metáfora do “estado como monstro ou parasita”, para deslegitimar o papel da administração pública. Seu discurso é radicalmente antissistêmico, evocando *frames* libertários e medicalizados, como “terapia de choque”, que reforçam a ideia de que o Estado precisa ser reduzido para que o país se recupere.

6.3 Convergências metafóricas no uso da linguagem política

Apesar das diferenças, os três discursos convergem em diversos aspectos:

Uso de antagonismo discursivo: Todos os líderes constroem um inimigo interno ou externo: a “casta” (Milei), os “globalistas” (Trump), a “ideologia de esquerda” (Bolsonaro). Isso se alinha ao modelo populista de construção de inimigos simbólicos.

Simplificação de causas e soluções: A linguagem reduz problemas complexos a narrativas emocionais claras: “o país foi destruído por um grupo” e “somente eu posso salvá-lo”. Essa estrutura apela a emoções e reforça a dependência da figura do líder.

Ritualização do discurso: Os três discursos operam como atos rituais fundacionais. Inauguram novas eras, com promessa de restauração. Ao mesmo tempo, evocam o passado como algo corrompido, justificando a ruptura.

As três lideranças populistas compartilham estratégias discursivas similares, que se alinham à definição de como construção de uma “vontade popular homogênea” a partir da oposição entre o povo e a elite. Há um uso recorrente de metáforas binárias e polarizantes, como: “povo vs. casta”, “cidadãos vs. globalistas”, “família vs. ideologia de gênero”, que estruturam um mundo moral dicotômico e emocionalmente carregado. Em todos os discursos, nota-se o uso da linguagem como ferramenta de simplificação cognitiva.

6.4 Análise contrastiva: metáforas como marca de estilo e identidade

As metáforas funcionam como assinaturas estilísticas de cada liderança:

- Trump: Seu estilo é direto, com metáforas viscerais como “carnificina americana” (american carnage). Sua linguagem cria uma identidade combativa, mas paternalista. Ele se apresenta como “negociador” e “reconstrutor”.
- Bolsonaro: A identidade é moralista e messiânica. As metáforas religiosas (“Deus acima de todos”) e militares (“guerra contra a corrupção”) reforçam um *ethos* de guerreiro da moral tradicional, moldando uma figura austera, patriótica e doutrinária.
- Milei: Seu estilo é disruptivo, técnico e agressivo. A metáfora do “choque” e da “cirurgia sem anestesia” constrói a identidade de um líder antissistêmico, que se apresenta como necessário ainda que impopular.

Cada metáfora encarna o personagem político, projetando uma identidade que será repetida nos gestos, atos e políticas do mandato. Cada líder político constrói sua identidade discursiva por meio de metáforas específicas que funcionam como marcas de estilo. Trump adota uma retórica protetora, baseada na ideia de “restaurar a grandeza perdida”, o que comunica uma figura paternal. Bolsonaro enfatiza uma identidade militar, moralista e conservadora, posicionando-se como defensor da ordem. Já Milei encarna o papel de um cirurgião ideológico: alguém que cortará o “tecido doente” do Estado para permitir a regeneração do mercado.

A linguagem usada também reforça a figuração do sujeito individual: Trump se posiciona como outsider empresarial, Bolsonaro como patriota anti-esquerdista e Milei como técnico libertário. Cada uma dessas construções metafóricas atua como estratégia para capturar diferentes públicos-alvo e legitimar rupturas institucionais como ações necessárias e urgentes.

6.5 Considerações sobre populismo discursivo sob o viés cognitivo

Do ponto de vista da Linguística Cognitiva, o populismo não é apenas um fenômeno ideológico, mas também um estilo de pensamento e linguagem que estrutura como o povo compreende sua realidade. As metáforas são os dispositivos centrais desse estilo. Elas descrevem o mundo e organizam o mundo percebido: simplificam, polarizam e emocionam.

A função principal do populismo discursivo é ativar adesões emocionais, canalizando frustrações sociais para narrativas redentoras. Isso permite o deslocamento de causas estruturais (desigualdade, globalização, corrupção sistêmica) para bodes expiatórios, elites, burocratas, estrangeiros, ideologias. O populismo, nesse sentido, é uma prática discursiva altamente eficaz: por meio da linguagem, produz realidades, identidades e soluções que são cognitivamente convincentes e emocionalmente confortantes.

O populismo se caracteriza por operar com *frames* conceituais e emocionais altamente simplificadores, que estruturam o pensamento político em categorias morais binárias e facilmente reconhecíveis. Nesse processo, as metáforas desempenham papel importante ao construir um modelo de mundo em que o líder populista se apresenta como o único agente capaz de salvar a nação de um cenário de crise, decadência ou destruição. Esse tipo de linguagem atua diretamente sobre os processos cognitivos do público, ativando emoções como medo, indignação e esperança, fundamentais para produzir laços identitários, reforçar alinhamentos políticos e justificar medidas autoritárias ou antissistêmicas. Assim, as metáforas populistas funcionam como mecanismos de enquadramento cognitivo, capazes de orientar tanto a interpretação que o indivíduo faz da realidade quanto os modos de engajamento político que dela derivam.

7 CONCLUSÃO

A presente dissertação demonstrou que os discursos de posse de Donald Trump (2017), Jair Bolsonaro (2019) e Javier Milei (2023) mobilizam metáforas conceptuais recorrentes que operam como instrumentos cognitivos relevantes na construção de sentidos em textos políticos e na legitimação do poder. Partindo da hipótese de que esses recursos representam escolhas estilísticas e também funcionam como engrenagens persuasivas, a investigação confirmou que os recursos estilísticos, especialmente na forma de metáforas ontológicas e orientacionais como apresentadas nas pesquisas, constitui-se em uma tecnologia discursiva capaz de simplificar complexidades e estruturar compreensões sobre a realidade, além de naturalizar visões de mundo específicas.

Ao articular a Teoria da Metáfora Conceptual à Análise do Discurso político, verificou-se que as metáforas presentes nos pronunciamentos inaugurais desses líderes não atuam de modo isolado; ao contrário, integram-se a estratégias mais amplas de construção de imagem discursiva do locutor, de mobilização emocional, de criação de antagonismos e de legitimação de ações governamentais. Metáforas como “nação em batalha”, “país doente”, “Estado parasitário”, “nação-família” e “economia como organismo” revelam mapeamentos cognitivos que convertem abstrações, como política, democracia, economia, crise, em imagens concretas, sensoriais e afetivamente carregadas. Esse processo metafórico opera simultaneamente nos planos cognitivo e argumentativo, pois contempla obstáculos, orienta interpretações, define responsabilidades e organiza expectativas de ação imediata.

A análise comparativa mostrou que, embora cada líder mobilize repertórios figurativos adaptados a seus contextos socioeconômicos, políticos e culturais, há padrões transnacionais que cruzam os discursos estudados. Trump enfatiza a restauração nacional e a centralidade da ameaça externa; Bolsonaro combina nacionalismo com moralidade religiosa e uma representação orgânica da crise; Milei orienta-se por metáforas econômicas de purificação e ruptura radical. Esse conjunto de escolhas indica que o populismo contemporâneo faz uso sistemático de metáforas como ferramentas de simplificação narrativa, segmentação social e produção de urgência política, reforçando a eficácia simbólica dos discursos de posse como atos fundadores.

Os resultados também evidenciam que compreender metáforas no discurso político não é um exercício meramente descritivo: trata-se de reconhecer como imagens aparentemente naturais representam percepções, estabilizam crenças e justificam medidas de governo. Dessa forma, a metáfora emerge como um mecanismo conceptual que organiza o imaginário social e

demarca fronteiras interpretativas entre grupos. Nesse sentido, elas configuram estratégias linguísticas e práticas discursivas que estruturam horizontes de sentido e contribuem diretamente para a formação da opinião pública.

Do ponto de vista teórico, esta dissertação reforça a pertinência da Linguística Cognitiva, especialmente da Teoria da Metáfora Conceptual, como instrumento analítico indispensável à compreensão das dinâmicas discursivas no campo político. A associação entre TMC e Análise do Discurso mostrou-se produtiva para revelar o que os discursos dizem, como dizem e com quais efeitos. Metodologicamente, o estudo oferece um modelo interpretativo replicável para a identificação, categorização e análise de metáforas em corpora político-institucionais, contribuindo para pesquisas futuras que pretendam investigar fenômenos semelhantes.

Reconhecem-se, entretanto, limites importantes: a escolha de apenas um gênero discursivo, o discurso de posse, o recorte restrito a três líderes e a ausência de análises multimodais ou de estudos de recepção. Esses limites, longe de comprometerem a validade dos achados, abrem espaço para investigações subsequentes que ampliem a base textual, integrem dimensões gestuais e prosódicas, incorporem métodos computacionais de rastreamento de padrões figurativos ou analisem empiricamente o efeito persuasivo de diferentes metáforas sobre distintos públicos.

Conclui-se, portanto, que compreender o funcionamento metafórico no discurso de líderes políticos é fundamental para desautomatizar os esquemas conceptuais que estruturam interpretações da realidade e orientam decisões públicas. Em sociedades marcadas por polarização e disputas simbólicas intensas, o domínio crítico dos mecanismos metafóricos torna-se uma competência interpretativa e uma exigência democrática. Assim, este trabalho reafirma que a análise das metáforas conceptuais nos discursos de posse ilumina o modo como esses líderes constroem suas narrativas de poder, contribuindo para formar leitores capazes de reconhecer, interpretar e questionar os enquadramentos simbólicos que organizam a vida política contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. São Paulo: Ediouro, 2001.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. v. 2.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- CARNEIRO, Monica Fontenelle. **Dos manuais didáticos à compreensão do aprendiz: a relevância da metáfora no ensino-aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira (ILE)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – [Universidade Federal do Ceará - UFC], [Fortaleza], 2009.
- CARNEIRO, Monica Fontenelle. **Emergência de metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica: uma análise cognitivo-discursiva**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – [Universidade Federal do Ceará], [Fortaleza-CE], 2014.
- CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.
- CHARAUDEAU, Patrick; ARAGÃO, Sabrina Moura. **Do discurso político ao discurso populista: o populismo é de direita ou de esquerda?** *Calidoscópio*, v. 20, n. 1, 2022.
- CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso populista**. In: EMEDIATO, Wander (org.). **Análises do discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 65.
- CHARTERIS-BLACK, Jonathan. **Politicians and rhetoric**. London: Palgrave, 2005.
- CHARTERIS-BLACK, Jonathan. **Políticos e Retórica: O Poder Persuasivo da Metáfora**. Palgrave MacMillan (Basingstoke), 2006. ISBN: 978-0-230-01981-2, Preço: £ 19,99, 256 páginas.
- DUCROT, Oswald. **Le dire et le dit**. Paris: Minuit, 1984.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. Editora Contexto, 2024.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Genèses du discours**. Liège: Mardaga, 1984.
- _____. **Le contexte de l'oeuvre littéraire**. Paris: Dunod, 1993.
- MERRIAM-WEBSTER. *Ethos*. In: Merriam-Webster Dictionary. Springfield, MA: Merriam-Webster, Incorporated, 2025. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/ethos>. Acesso em: 2 jun. 2025.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Elementos para uma análise do discurso político**. Revista Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 24, p. 78-109, 2006.

SILVA, Augusto Soares. **A linguística cognitiva**: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 1, n. 1, p. 59-101, 1997.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VIEIRA, Paulo. **Os nossos sonhos são inegociáveis**. Instagram: @paulovcoach, 9 jan. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C0BiMVPuSX7/>. Acesso em: 2 set. 2025.

CNN BRASIL. Posse de Milei: confira o discurso de posse do novo presidente argentino na íntegra. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/posse-de-milei-confira-o-discurso-de-posse-do-novo-presidente-argentino-na-integra/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

G1. Veja íntegra do discurso de posse de Donald Trump. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/veja-integra-do-discurso-de-posse-de-donald-trump.ghtml>. Acesso em: 2 jun. 2025.

UOL. Em 2º discurso, Bolsonaro fala em acabar com “ideologia que defende bandido”. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/01/em-2-discurso-bolsonaro-fala-em-acabar-com-ideologia-que-defende-bandido.htm>. Acesso em: 2 jun. 2025.

UOL. Sem Bolsonaro, número de líderes populistas no mundo é menor em 20 anos. Coluna Jamil Chade. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/01/05/sem-bolsonaro-numero-de-lideres-populistas-no-mundo-e-menor-em-20-anos.htm>. Acesso em: 3 out. 2025.

ANEXOS

Anexo A - Discurso traduzido de posse do presidente Donald Trump (2017)

Leia a íntegra do discurso em português (em tradução não-oficial):

Chefe de Justiça Roberts, presidente Carter, presidente Clinton, presidente Bush, presidente Obama, colegas americanos e pessoas do mundo: obrigado.

Nós, os cidadãos da América, estamos agora unidos em um grande esforço nacional para construir nosso país e restaurar sua promessa para todo o nosso povo.

Juntos, iremos determinar o curso da América e do mundo por muitos, muitos anos.

Enfrentaremos desafios, confrontaremos dificuldades. Mas faremos o serviço.

A cada quatro anos nos reunimos nesta escadaria para conduzir a ordeira e pacífica transferência de poder. E somos gratos ao presidente Obama e à primeira-dama Michelle Obama por sua graciosa ajuda durante essa transição. Eles foram magníficos. Obrigado.

A cerimônia de hoje, no entanto, tem um significado muito especial porque hoje não estamos apenas transmitindo o poder de uma administração a outra ou de um partido ao outro, mas estamos transferindo o poder de Washington, D.C., e o devolvendo a vocês, o povo.

Por muito tempo, um pequeno grupo na capital de nossa nação colheu as recompensas do governo enquanto o povo assumiu o custo.

Washington floresceu, mas o povo não compartilhou sua riqueza.

Políticos prosperaram, mas os empregos foram embora e as fábricas fecharam.

O sistema se protegeu, mas não aos cidadãos de nosso país.

As vitórias dele não foram as suas vitórias. O triunfo dele não foi o de vocês. E enquanto eles celebravam em nossa capital, havia pouco para celebrar para famílias em dificuldade ao redor de todo o país.

Tudo isso muda, começando aqui e agora, porque este momento é seu momento: ele pertence a vocês.

Ele pertence a todos reunidos aqui hoje e todos assistindo em todos os Estados Unidos.

Este é seu dia. Esta é sua celebração.

E este, os Estados Unidos da América, é seu país.

O que realmente importa não é qual partido controla nosso governo, mas se nosso governo é controlado pelo povo.

20 de janeiro de 2017 será lembrado como dia em que o povo se tornou o comandante desta nação novamente.

Os homens e mulheres esquecidos de nosso país não serão mais esquecidos.

Todos estão ouvindo vocês agora.

Vocês vieram aos milhões para se tornar parte de um movimento histórico, do tipo que o mundo nunca viu antes.

Ao centro deste movimento está uma convicção crucial de que uma nação existe para servir aos seus cidadãos.

Americanos querem ótimas escolas para seus filhos, vizinhanças seguras para suas famílias e bons empregos para si.

Essas são demandas justas e razoáveis de pessoas direitas e de um público direito.

Mas, para muitos de nossos cidadãos, uma realidade diferente existe. Mães e crianças presas na pobreza das zonas carentes de nossas cidades, fábricas enferrujadas espalhadas como lápides pela paisagem de nosso país. Um sistema educacional cheio de dinheiro, mas que deixa nossos jovens e belos estudantes desprovidos de conhecimento.

E o crime, as gangues e as drogas que roubaram tantas vidas e roubaram tanto potencial não realizado de nosso país.

Essa carnificina americana acaba aqui e acaba agora.

Somos uma única nação - e a dor deles é nossa dor. Os sonhos deles são nossos sonhos, e o sucesso deles será nosso sucesso. Dividimos um único coração, um lar e um glorioso destino.

O juramento do cargo que faço hoje é um juramento de lealdade a todos os americanos.

Por muitas décadas enriquecemos a indústria estrangeira às custas da indústria americana;

Subsidiamos os exércitos de outros países enquanto permitíamos ao muito triste esgotamento de nosso poder militar;

Nós defendemos as fronteiras de outros países enquanto nos recusamos a defender as nossas próprias;

E gastamos trilhões e trilhões de dólares além mar, enquanto a infraestrutura dos Estados Unidos caiu em degradação e deterioração.

Nós tornamos outros países ricos enquanto a riqueza, a força e a confiança do nosso país se dissipou no horizonte.

Uma por uma, as fábricas fecharam e deixaram nosso solo sem nem pensar nos milhões e milhões de trabalhadores americanos que foram deixados para trás.

A riqueza da nossa classe média foi arrancada de suas casas e depois redistribuída ao redor do mundo.

Mas isso é o passado, e agora nós estamos olhando só para o futuro.

Nós reunidos aqui hoje estamos emitindo um novo decreto a ser ouvido em todas as cidades, em todas as capitais estrangeiras e em todos os corredores do poder.

Deste dia em diante, uma nova visão vai governar nossa terra.

Deste dia em diante, vai ser só a América primeiro, a América primeiro.

Todas as decisões sobre comércio, sobre taxas, sobre imigração, sobre relações exteriores serão feitas para beneficiar os trabalhadores americanos e as famílias americanas.

Devemos proteger nossas fronteiras das devastações dos outros países fazendo nossos produtos, roubando nossas empresas e destruindo nossos empregos. A proteção vai levar a grande prosperidade e força.

Vou lutar por vocês com todo o fôlego do meu corpo, e nunca vou decepcionar vocês.

A América vai começar a vencer de novo, vencer como nunca antes.

Vamos trazer de volta nossos empregos. Vamos trazer de volta nossas fronteiras. Vamos trazer de volta nossa riqueza, e vamos trazer de volta nossos sonhos.

Vamos construir novas estradas e rodovias e pontes e aeroportos e túneis e ferrovias ao redor da nossa nação maravilhosa.

Vamos tirar nosso povo do seguro-desemprego e colocá-lo de volta ao trabalho, reconstruindo nosso país com mãos americanas e trabalho americano.

Vamos seguir duas regras simples: comprar [produtos] americanos e contratar americanos.

Vamos procurar amizade e boa vontade com as nações do mundo - mas vamos fazer isso com o entendimento de que é o direito de todas as nações colocar seus próprios interesses em primeiro lugar.

Nós não buscamos impor nossa maneira de viver sobre ninguém, mas, em vez disso, deixar que ela brilhe como um exemplo a ser seguido.

Nós vamos reforçar alianças antigas e formar novas - e unir o mundo civilizado contra o terrorismo radical islâmico, que vamos erradicar completamente da face da Terra.

No alicerce das nossas políticas haverá uma lealdade total aos Estados Unidos da América, e através de nossa lealdade ao nosso país nós vamos redescobrir nossa lealdade um ao outro.

Quando você abre seu coração ao patriotismo, não há lugar ao preconceito.

A Bíblia nos diz “quão bom e agradável é quando o povo de Deus vive junto em unidade”.

Devemos falar abertamente, debater nossos desentendimentos honestamente, mas sempre buscar a solidariedade.

Quando a América está unida, a América é totalmente invencível.

Não deve haver medo - estamos protegidos e sempre estaremos protegidos.

Seremos protegidos pelos grandes homens e mulheres de nossas forças armadas e da aplicação da lei. E mais importante, sempre seremos protegidos por Deus.

Finalmente, devemos pensar grande e sonhar ainda maior.

Na América, entendemos que uma nação só vive enquanto estiver se esforçando.

Não iremos mais aceitar políticos que são apenas discurso e nenhuma ação - constantemente reclamando, mas nunca fazendo nada a respeito.

O tempo para conversas vazias acabou.

Agora chega a hora da ação.

Não permitam que ninguém diga a vocês que isso não pode ser feita. Nenhum desafio pode equivaler ao coração, e à luta e ao espírito da América.

Não iremos falhar. Nosso país irá crescer e prosperar novamente.

Estamos perante o nascimento de um novo milênio, prontos para desbloquear os mistérios do espaço, para libertar a terra das misérias da doença, e controlar as energias, indústrias e tecnologias de amanhã.

Um novo orgulho nacional irá nos agitar, elevar nossas vistas e curar nossas divisões.

É hora de lembrar daquele ditado que nossos soldados nunca esquecerão, de que não importa se somos, negros, de outra cor ou brancos, todo sangramos o mesmo sangue vermelho dos patriotas. Todos desfrutamos das mesmas gloriosas liberdades e saudamos a mesma grande bandeira americana.

E se uma criança nasce num subúrbio de Detroit ou nas planícies varridas pelo vento de Nebraska, elas olham para o mesmo céu à noite, elas enchem seus corações com os mesmos sonhos e são insufladas com a brisa da vida pelo mesmo poderoso Criador.

Então a todos os americanos, em todas as cidades próximas e distantes, de montanha a montanha, de oceano a oceano, ouçam estas palavras:

Vocês nunca serão ignorados novamente.

Sua voz, suas esperanças e sonhos irão definir nosso destino americano. E sua coragem, bondade e amor irão para sempre nos guiar pelo caminho.

Juntos iremos tornar a América forte novamente.

Tornaremos a América rica novamente.

Faremos a América orgulhosa novamente.

Faremos a América segura novamente.

E, sim, juntos iremos tornar a América grande novamente. Obrigado. Deus abençoe vocês. E Deus abençoe a América.”

Anexo B - Discurso oficial de posse do presidente Donald Trump (2017)

Leia a íntegra em inglês:

“Chief Justice Roberts, President Carter, President Clinton, President Bush, President Obama, fellow Americans, and people of the world: thank you.

We, the citizens of America, are now joined in a great national effort to rebuild our country and to restore its promise for all of our people.

Together, we will determine the course of America and the world for years to come.

We will face challenges. We will confront hardships. But we will get the job done.

Every four years, we gather on these steps to carry out the orderly and peaceful transfer of power, and we are grateful to President Obama and First Lady Michelle Obama for their gracious aid throughout this transition. They have been magnificent.

Today’s ceremony, however, has very special meaning. Because today we are not merely transferring power from one Administration to another, or from one party to another – but we are transferring power from Washington, D.C. and giving it back to you, the American People.

For too long, a small group in our nation’s Capital has reaped the rewards of government while the people have borne the cost.

Washington flourished – but the people did not share in its wealth.

Politicians prospered – but the jobs left, and the factories closed.

The establishment protected itself, but not the citizens of our country.

Their victories have not been your victories; their triumphs have not been your triumphs; and while they celebrated in our nation’s Capital, there was little to celebrate for struggling families all across our land.

That all changes – starting right here, and right now, because this moment is your moment: it belongs to you.

It belongs to everyone gathered here today and everyone watching all across America.

This is your day. This is your celebration.

And this, the United States of America, is your country.

What truly matters is not which party controls our government, but whether our government is controlled by the people.

January 20th 2017, will be remembered as the day the people became the rulers of this nation again.

The forgotten men and women of our country will be forgotten no longer.

Everyone is listening to you now.

You came by the tens of millions to become part of a historic movement the likes of which the world has never seen before.

At the center of this movement is a crucial conviction: that a nation exists to serve its citizens.

Americans want great schools for their children, safe neighborhoods for their families, and good jobs for themselves.

These are the just and reasonable demands of a righteous public.

But for too many of our citizens, a different reality exists: Mothers and children trapped in poverty in our inner cities; rusted-out factories scattered like tombstones across the landscape of our nation; an education system, flush with cash, but which leaves our young and beautiful students deprived of knowledge; and the crime and gangs and drugs that have stolen too many lives and robbed our country of so much unrealized potential.

This American carnage stops right here and stops right now.

We are one nation – and their pain is our pain. Their dreams are our dreams; and their success will be our success. We share one heart, one home, and one glorious destiny.

The oath of office I take today is an oath of allegiance to all Americans.

For many decades, we've enriched foreign industry at the expense of American industry;

Subsidized the armies of other countries while allowing for the very sad depletion of our military;

We've defended other nation's borders while refusing to defend our own;

And spent trillions of dollars overseas while America's infrastructure has fallen into disrepair and decay.

We've made other countries rich while the wealth, strength, and confidence of our country has disappeared over the horizon.

One by one, the factories shuttered and left our shores, with not even a thought about the millions upon millions of American workers left behind.

The wealth of our middle class has been ripped from their homes and then redistributed across the entire world.

But that is the past. And now we are looking only to the future.

We assembled here today are issuing a new decree to be heard in every city, in every foreign capital, and in every hall of power.

From this day forward, a new vision will govern our land.

From this moment on, it's going to be America First.

Every decision on trade, on taxes, on immigration, on foreign affairs, will be made to benefit American workers and American families.

We must protect our borders from the ravages of other countries making our products, stealing our companies, and destroying our jobs. Protection will lead to great prosperity and strength.

I will fight for you with every breath in my body – and I will never, ever let you down.

America will start winning again, winning like never before.

We will bring back our jobs. We will bring back our borders. We will bring back our wealth.

And we will bring back our dreams.

We will build new roads, and highways, and bridges, and airports, and tunnels, and railways all across our wonderful nation.

We will get our people off of welfare and back to work – rebuilding our country with American hands and American labor.

We will follow two simple rules: Buy American and Hire American.

We will seek friendship and goodwill with the nations of the world – but we do so with the understanding that it is the right of all nations to put their own interests first.

We do not seek to impose our way of life on anyone, but rather to let it shine as an example for everyone to follow.

We will reinforce old alliances and form new ones – and unite the civilized world against Radical Islamic Terrorism, which we will eradicate completely from the face of the Earth.

At the bedrock of our politics will be a total allegiance to the United States of America, and through our loyalty to our country, we will rediscover our loyalty to each other.

When you open your heart to patriotism, there is no room for prejudice.

The Bible tells us, “how good and pleasant it is when God’s people live together in unity.”

We must speak our minds openly, debate our disagreements honestly, but always pursue solidarity.

When America is united, America is totally unstoppable.

There should be no fear – we are protected, and we will always be protected.

We will be protected by the great men and women of our military and law enforcement and, most importantly, we are protected by God.

Finally, we must think big and dream even bigger.

In America, we understand that a nation is only living as long as it is striving.

We will no longer accept politicians who are all talk and no action – constantly complaining but never doing anything about it.

The time for empty talk is over.

Now arrives the hour of action.

Do not let anyone tell you it cannot be done. No challenge can match the heart and fight and spirit of America.

We will not fail. Our country will thrive and prosper again.

We stand at the birth of a new millennium, ready to unlock the mysteries of space, to free the Earth from the miseries of disease, and to harness the energies, industries and technologies of tomorrow.

A new national pride will stir our souls, lift our sights, and heal our divisions.

It is time to remember that old wisdom our soldiers will never forget: that whether we are black or brown or white, we all bleed the same red blood of patriots, we all enjoy the same glorious freedoms, and we all salute the same great American Flag.

And whether a child is born in the urban sprawl of Detroit or the windswept plains of Nebraska, they look up at the same night sky, they fill their heart with the same dreams, and they are infused with the breath of life by the same almighty Creator.

So to all Americans, in every city near and far, small and large, from mountain to mountain, and from ocean to ocean, hear these words:

You will never be ignored again.

Your voice, your hopes, and your dreams, will define our American destiny. And your courage and goodness and love will forever guide us along the way.

Together, We Will Make America Strong Again.

We Will Make America Wealthy Again.

We Will Make America Proud Again.

We Will Make America Safe Again.

And, Yes, Together, We Will Make America Great Again. Thank you, God Bless You, And God Bless America.”

Anexo C – Discurso de posse do presidente Jair Messias Bolsonaro (2019)

Senhoras e Senhores, com humildade, volto a esta Casa [Congresso Nacional], onde, por 28 anos, me empenhei em servir à nação brasileira, travei grandes embates e acumulei experiências e aprendizados, que me deram a oportunidade de crescer e amadurecer.

Volto a esta Casa, não mais como deputado, mas como Presidente da República Federativa do Brasil, mandato a mim confiado pela vontade soberana do povo brasileiro.

Hoje, aqui estou, fortalecido, emocionado e profundamente agradecido, a Deus pela minha vida e aos brasileiros, por confiarem a mim a honrosa missão de governar o Brasil, neste período de grandes desafios e, ao mesmo tempo, de enorme esperança.

Aproveito este momento solene e convoco, cada um dos Congressistas, para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica. Temos, diante de nós, uma oportunidade única de reconstruir nosso país e de resgatar a esperança dos nossos compatriotas.

Estou certo de que enfrentaremos enormes desafios, mas, se tivermos a sabedoria de ouvir a voz do povo, alcançaremos êxito em nossos objetivos, e, pelo exemplo e pelo trabalho, levaremos as futuras gerações a nos seguir nesta tarefa gloriosa.

Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre de amarras ideológicas.

Pretendo partilhar o poder, de forma progressiva, responsável e consciente, de Brasília para o Brasil; do Poder Central para Estados e Municípios. Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo, e Deus acima de todos.

Por isso, quando os inimigos da pátria, da ordem e da liberdade tentaram pôr fim à minha vida, milhões de brasileiros foram às ruas. Uma campanha eleitoral transformou-se em um

movimento cívico, cobriu-se de verde e amarelo, tornou-se espontâneo, forte e indestrutível, e nos trouxe até aqui.

Nada aconteceria sem o esforço e o engajamento de cada um dos brasileiros que tomaram as ruas para preservar nossa liberdade e democracia. Reafirmo meu compromisso de construir uma sociedade sem discriminação ou divisão.

Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias; que exigem saúde, educação, infraestrutura e saneamento básico, em respeito aos direitos e garantias fundamentais da nossa Constituição.

O Pavilhão Nacional nos remete à "ORDEM E AO PROGRESSO".

Nenhuma sociedade se desenvolve sem respeitar esses preceitos.

O cidadão de bem merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa. Vamos honrar e valorizar aqueles que sacrificam suas vidas em nome de nossa segurança e da segurança dos nossos familiares.

Contamos com o apoio do Congresso Nacional para dar o respaldo jurídico aos policiais para realizarem seu trabalho.

Eles merecem e devem ser respeitados!

Nossas Forças Armadas terão as condições necessárias para cumprir sua missão constitucional de defesa da soberania, do território nacional e das instituições democráticas, mantendo suas capacidades dissuasórias para resguardar nossa soberania e proteger nossas fronteiras.

Montamos nossa equipe de forma técnica, sem o tradicional viés político que tornou nosso estado ineficiente e corrupto.

Vamos valorizar o Parlamento, resgatando a legitimidade e a credibilidade do Congresso Nacional.

Na economia traremos a marca da confiança, do interesse nacional, do livre mercado e da eficiência.

Confiança no compromisso de que o governo não gastará mais do que arrecada e na garantia de que as regras, os contratos e as propriedades serão respeitados.

Realizaremos reformas estruturantes, que serão essenciais para a saúde financeira e sustentabilidade das contas públicas, transformando o cenário econômico e abrindo novas oportunidades.

Precisamos criar um ciclo virtuoso para a economia que traga a confiança necessária para permitir abrir nossos mercados para o comércio internacional, estimulando a competição, a produtividade e a eficácia, sem o viés ideológico.

Nesse processo de recuperação do crescimento, o setor agropecuário seguirá desempenhando um papel decisivo, em perfeita harmonia com a preservação do meio ambiente.

Da mesma forma, todo setor produtivo terá um aumento da eficiência, com menos regulamentação e burocracia.

Esses desafios só serão resolvidos mediante um verdadeiro pacto nacional entre a sociedade e os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, na busca de novos caminhos para um novo Brasil.

Uma de minhas prioridades é proteger e revigorar a democracia brasileira, trabalhando arduamente para que ela deixe de ser apenas uma promessa formal e distante e passe a ser um componente substancial e tangível da vida política brasileira, com o respeito ao Estado Democrático.

A construção de uma nação mais justa e desenvolvida requer a ruptura com práticas que se mostraram nefastas para todos nós, maculando a classe política e atrasando o progresso.

A irresponsabilidade nos conduziu à maior crise ética, moral e econômica de nossa história.

Hoje começamos um trabalho árduo para que o Brasil inicie um novo capítulo de sua história.

Um capítulo no qual o Brasil será visto como um país forte, pujante, confiante e ousado.

A política externa retomará seu papel na defesa da soberania, na construção da grandeza e no fomento ao desenvolvimento do Brasil.

Senhoras e Senhores Congressistas.

Deixo esta casa, rumo ao Palácio do Planalto, com a missão de representar o povo brasileiro.

Com a benção de Deus, o apoio da minha família e a força do povo brasileiro, trabalharei incansavelmente para que o Brasil se encontre com o seu destino e se torne a grande nação que todos queremos.

Muito obrigado a todos vocês.

BRASIL ACIMA DE TUDO! DEUS ACIMA DE TODOS!

Anexo D – Discurso de posse do presidente Javier Milei (Argentina, 2023)

Confira o discurso de Milei na íntegra:

“Hoje começa uma nova era na Argentina. Hoje encerramos uma longa e triste história de decadência e declínio, e iniciamos o caminho da reconstrução do nosso país. Os argentinos, de forma contundente, expressaram uma vontade de mudança que não tem retorno. Não há caminho de volta. Hoje enterramos décadas de fracassos, brigas internas e disputas sem sentido. Lutas que só nos permitiram destruir o nosso querido país e nos deixar na ruína. Hoje começa uma nova era na Argentina, uma era de paz e prosperidade, uma era de crescimento e desenvolvimento, uma era de liberdade e progresso. Um grupo de cidadãos argentinos reunidos em San Miguel de Tucumán disse ao mundo que as províncias unidas do Rio da Prata já não eram uma colônia espanhola e que a partir desse momento histórico seríamos uma nação livre e soberana. Durante décadas enfrentamos disputas internas sobre a forma institucional que o nosso país necessitava. Em 1853, após 40 anos de declaração de independência sob os auspícios de um pequeno grupo de jovens idealistas que hoje conhecemos como a Geração de 37, decidimos abraçar as ideias de liberdade. Assim se sanciona uma constituição liberal com o objetivo de assegurar os benefícios da liberdade para nós, para a nossa posteridade e para todos os homens do mundo que queiram habitar o solo argentino.

O que veio depois da sanção daquela constituição com fortes raízes liberais foi a expansão económica mais impressionante da nossa história. De um país de bárbaros envolvidos numa guerra total, tornamo-nos a principal potência mundial. No início do século XX éramos o farol de luz do Ocidente. As nossas costas acolheram de braços abertos milhões de imigrantes que fugiram de uma Europa devastada em busca de um horizonte de progresso. Infelizmente, a nossa liderança decidiu abandonar o modelo que nos enriqueceu e abraçou as ideias de liberdade e as ideias empobrecedoras do coletivismo. Há mais de 100 anos que os políticos insistem em defender um modelo que só gera pobreza, estagnação e miséria. Um modelo que considere que os cidadãos existem para servir a política e não que a política existe para servir os cidadãos. Um modelo que considera que a tarefa do político é dirigir a vida dos indivíduos em todas as áreas e esferas possíveis. Um modelo que considera o Estado como um despojo de guerra que deve ser distribuído entre amigos. Senhores, esse modelo falhou. Hoje iniciamos a reconstrução deste modelo. Mas falhou especialmente em nosso país. Tal como

a queda do Muro de Berlim marcou o fim de um período trágico para o mundo, estas eleições marcaram o ponto de virada da nossa história. Hoje em dia muito se tem falado sobre a herança que vamos receber.

Deixe-me ser muito claro sobre isso. Nenhum governo recebeu uma herança pior do que a que estamos recebendo. O Kirchnerismo, nos seus primórdios, vangloriou-se de ter superávits gêmeos. Isto é superávit fiscal e externo. Hoje, deixa-nos com déficits gêmeos de 17 pontos do PIB. Por sua vez, desses 17 pontos do PIB, 15 correspondem ao déficit consolidado entre o Tesouro e o Banco Central. Portanto, não existe solução viável que evite atacar o déficit fiscal. Ao mesmo tempo, desses 15 pontos do déficit fiscal, 5 correspondem ao Tesouro Nacional e 10 ao Banco Central. Portanto, a solução implica, por um lado, um ajuste fiscal no setor público nacional de 5 pontos do PIB, que, ao contrário do passado, recairá quase inteiramente sobre o Estado e não sobre o setor privado. Por outro lado, é necessário limpar o passivo remunerado do Banco Central, responsável pelo seu déficit de 10 pontos. Desta forma, se colocaria fim à emissão de dinheiro e, com ela, à única causa da inflação que é empiricamente certa e válida em termos teóricos.

No entanto, dado que a política monetária atua com uma defasagem que varia entre 18 e 24 meses, mesmo que paremos de emitir dinheiro hoje, continuaremos a pagar os custos da violência monetária do governo anterior. Ter emitido por 20 pontos do PIB, como foi feito no governo anterior, não é gratuito. Vamos pagar por isso com a inflação. Ao mesmo tempo, a taxa de câmbio, outro legado deste governo, não constitui apenas um pesadelo social e produtivo, porque implica altas taxas de juros, baixo nível de atividade, baixo nível de emprego formal e salários reais miseráveis que impulsionam o aumento dos pobres destituídos, mas também o superávit de dinheiro na economia hoje é o dobro do que foi no passado. Para se ter uma ideia do que isso implica, lembremos que o “Rodrigazo” multiplicou a taxa de inflação por 6 vezes, então um evento semelhante significaria multiplicar a taxa de inflação por 12 vezes e, dado que tem viajado a uma taxa de 300% , poderíamos chegar a uma taxa anual de 3.600.

Ao mesmo tempo, dada a situação do passivo remunerado do Banco Central, inferior ao que existia antes da hiperinflação de Alfonsín, em muito pouco tempo a quantidade de dinheiro poderia quadruplicar e assim levar a uma inflação a níveis de 15.000%. anualmente. Este é o legado que nos deixam: uma inflação plantada de 15.000% ao ano, que vamos lutar com unhas e dentes para acabar.

O governo anterior nos deixou com a hiperinflação e é nossa principal prioridade fazer todos os esforços possíveis para evitar tal catástrofe que levaria à pobreza acima de 90% e à indigência acima de 50%. Consequentemente, não existe solução alternativa ao ajuste. Por outro lado, a herança não termina aí, uma vez que os desequilíbrios nas taxas são comparáveis ao desastre que o kirchnerismo deixou em 2015. Ao nível cambial, a diferença oscila entre 150% e 200%, níveis também semelhantes aos que tivemos no “Rodrigazo”.

Ao mesmo tempo, a dívida aos importadores ultrapassa os 30 mil milhões de dólares e os lucros retidos pelas empresas estrangeiras atingem os 10 mil milhões de dólares. A dívida do Banco Central e da YPF totaliza 25 bilhões de dólares e a dívida pendente do Tesouro totaliza mais 35 bilhões de dólares. Esta é a bomba em termos de dívida de 100 mil milhões de dólares que deverá somar-se aos quase 420 mil milhões de dólares de dívida já existentes. Naturalmente, a estes problemas devemos acrescentar também os vencimentos da dívida este ano, onde os vencimentos da dívida em pesos equivalem a 90.000 milhões de dólares e 25.000 milhões de dólares em moedas estrangeiras com organismos multilaterais de crédito. No entanto, com os mercados financeiros fechados e o acordo com o FMI caído devido aos incumprimentos brutais do governo cessante, a rolagem da dívida é extremamente desafiadora mesmo para os míticos ciclopes. Como se não bastasse tudo isto, isto acontece numa economia que não cresce desde 2011.

Alinhado a isso, o emprego formal no setor privado permanece estagnado em 6 milhões de empregos, chegando ao ponto em que ultrapassou os 33% devido ao emprego informal. Portanto, não deveria surpreender ninguém que tenham sido destruídos os salários reais, situados em torno de 300 dólares mensais, que não só são 6 vezes inferiores aos da conversibilidade, mas se a tendência daqueles anos tivesse se mantido, ou como a chamavam, maldito neoliberalismo, hoje oscilariam entre 3.000 e 3.500 dólares por mês. Eles arruinaram nossas vidas. Eles nos fizeram baixar nossos salários dez vezes. Portanto, não devemos nos surpreender com o fato de o populismo nos deixar 45% pobres e 10% indigentes. Depois desta situação, que parece claramente irreversível, deve ficar claro que não há alternativa possível ao ajuste fiscal. Também não há espaço para discussão entre choque e gradualismo. Em primeiro lugar, porque do ponto de vista empírico, todos os programas gradualistas terminaram mal, enquanto todos os programas de choque, excepto o de 1959, foram bem sucedidos. Em segundo lugar, porque do ponto de vista teórico, se um país não tiver reputação, como infelizmente é o caso da Argentina, os empresários não investirão até verem o ajuste fiscal tornando-o recessivo. Em terceiro lugar, e não menos importante, para alcançar

o gradualismo é necessário que haja financiamento. E infelizmente, devo dizer novamente, não há dinheiro.

Portanto, a conclusão é que não há alternativa ao ajuste e não há alternativa ao choque. Naturalmente, isto terá um impacto negativo no nível de atividade, no emprego, nos salários reais e no número de pessoas pobres e indigentes. Haverá estagflação, é verdade, mas não é muito diferente do que aconteceu nos últimos 12 anos. Lembremos que nos últimos 12 anos o PIB per capita caiu 15% num contexto em que acumulamos uma inflação de 5.000%. Portanto, vivemos em estagflação há mais de uma década. Portanto, esta é a última bebida ruim para iniciar a reconstrução da Argentina. E quanto melhor for a nossa contenção por parte do Ministério do Capital Humano, a situação começará a melhorar. Ou seja, haverá luz no fim do túnel. No caso alternativo, a proposta sensata era progressista, cuja única fonte de financiamento é a emissão de dinheiro, enfraqueceria numa hiperinflação que levaria o país à pior crise da sua história, somada ao facto de nos colocarem numa espiral decadente que nos igualaria às trevas da Venezuela de Chávez e Maduro.

Portanto, depois de tal situação, não pode haver dúvida de que a única opção possível é o ajuste, um ajuste ordenado que recaia com toda a sua força sobre o Estado e não sobre o setor privado. Sabemos que será difícil, por isso também quero trazer para vocês uma frase marcante de um dos melhores presidentes da história argentina, que foi Julio Argentino Roca. 'Nada de grande, nada de estável e duradouro é alcançado no mundo quando se trata da liberdade dos homens e da gratidão das pessoas, se não for à custa de esforços supremos e sacrifícios dolorosos'.

Mas os nossos desafios não terminam apenas a nível económico. O nível de deterioração no nosso país é tal que abrange todas as esferas da vida comunitária. Em termos de segurança, a Argentina tornou-se um banho de sangue. Os criminosos ficam em liberdade enquanto os bons argentinos ficam presos atrás das grades. O tráfico de drogas tomou conta lentamente de nossas ruas a tal ponto que uma das cidades mais importantes do nosso país foi sequestrada pelo narcotráfico e pela violência. As nossas forças de segurança foram humilhadas durante décadas, foram abandonadas por uma classe política que virou as costas a quem cuida de nós. A anomia é tal que apenas 3% dos crimes são condenados. Acabou o 'vá em frente' aos criminosos.

Em matéria social, estamos a receber um país onde metade da população é pobre, com o tecido social completamente rompido. Mais de 20 milhões de argentinos não conseguem viver uma vida digna porque são prisioneiros de um sistema que só gera mais pobreza. Como

diz o grande Jesús Huerta de Soto, os planos anti-pobreza geram mais pobreza. A única maneira de sair da pobreza é com mais liberdade. Ao mesmo tempo, 6 milhões de crianças esta noite irão dormir com fome, que andam descalças na rua e outras que caíram nas drogas. O mesmo acontece em questões educacionais. Para que tenham ideia da deterioração que vivemos, só 16% de nossos chicos se terminam em tempo a escola, somente 16%, apenas 16%, apenas 16 em cada 100. Ou seja, 84% das nossas crianças não terminam a escola a tempo e de forma adequada. Ao mesmo tempo, 70% das crianças que terminam a escola não conseguem resolver um problema básico de matemática ou compreender um texto. Na verdade, nas últimas avaliações do PISA, a Argentina está classificada em 66º lugar entre 81, e em sétimo lugar na América Latina. Sendo que a Argentina foi o primeiro país a acabar com a alfabetização no mundo. Se Sarmiento se levantasse e visse o que fizeram com a educação.

Em termos de saúde, o sistema está completamente em colapso. Hospitais são destruídos, médicos recebem uma miséria e os argentinos não têm acesso a cuidados de saúde básicos. Tanto é que, durante a pandemia, se nós, argentinos, tivéssemos feito coisas como a média dos países do mundo, teríamos tido 30 mil mortes. Mas graças ao estado de descuido e ineficiência, 130 mil argentinos perderam a vida.

Em todas as esferas, para onde quer que se olhe, a situação na Argentina é uma emergência. Se olharmos para a infraestrutura do nosso país, a situação é a mesma. Apenas 16% das nossas estradas são pavimentadas e apenas 11% estão em boas condições. Portanto, não é por acaso que cerca de 15 mil argentinos morrem por ano em acidentes de trânsito. O que quero ilustrar com tudo isto é que a situação na Argentina é crítica e emergencial. Não temos alternativas e também não temos tempo. Não temos espaço para discussões estéreis.

Nosso país exige ação e ação imediata. A classe política deixou um país à beira da crise mais profunda. Cada um deles terá que cuidar de sua própria responsabilidade. Não é meu trabalho apontá-los. Não buscamos nem desejamos as decisões difíceis que terão de ser tomadas nas próximas semanas. Mas infelizmente eles não nos deixaram escolha. Contudo, nosso compromisso com os argentinos é inalterável. Vamos tomar todas as decisões necessárias para resolver o problema causado por 100 anos de desperdício da classe política. Mesmo que seja difícil no início. Sabemos que no curto prazo a situação irá piorar. Mas então veremos os frutos dos nossos esforços, tendo criado as bases para um crescimento sólido e sustentável ao longo do tempo.

Sabemos também que nem tudo está perdido. Os desafios que temos são enormes. Mas também é a nossa capacidade de superá-los. Não vai ser fácil: 100 anos de fracasso não são desfeitos num dia. Mas um dia começa. E hoje é esse dia. Hoje começamos a desatar o caminho da decadência e começamos a trilhar o caminho da prosperidade. Temos tudo para ser o país que sempre sonhamos. Temos os recursos, temos as pessoas, temos a criatividade e, muito mais importante, temos a resiliência para progredir. Hoje abraçamos mais uma vez as ideias de liberdade, aquelas ideias que se resumem na definição de liberalismo do nosso maior herói das ideias de liberdade, o professor Alberto Venegas Lynch, que diz que 'liberalismo é o respeito irrestrito pelo projeto de vida de outros baseados no princípio da não agressão, em defesa do direito à vida, à liberdade e à propriedade, cujas instituições fundamentais são a propriedade privada, os mercados livres de intervenção estatal, a livre concorrência, a divisão do trabalho e a cooperação social”.

Nessa frase de 57 palavras está resumida a essência do novo contrato social que os argentinos escolheram. Este novo contrato social oferece-nos um país diferente, um país onde o Estado não dirige as nossas vidas, mas antes salvaguarda os nossos direitos, um país onde quem o faz paga. Um país em que quem bloqueia a rua violando os direitos dos seus concidadãos não recebe assistência da sociedade, nos nossos termos, quem bloqueia a rua não recebe. Mas nada é permitido fora da lei. Um país que contém quem precisa, mas não se deixa extorquir por quem usa quem menos tem para enriquecer. Quanto à classe política argentina, quero dizer-lhes que não viemos para perseguir ninguém, não viemos para resolver velhas vinganças nem para discutir espaços de poder. O nosso projeto não é um projeto de pagamento de dívidas, o nosso projeto é um projeto de país. Não pedimos um acompanhamento cego, mas não toleraremos que a hipocrisia, a desonestidade ou a ambição de poder interfiram na mudança que nós, argentinos, escolhemos.

Damos as boas-vindas a todos os líderes políticos, sindicais e empresariais que desejam ingressar na nova Argentina de braços abertos. Então, não importa de onde você vem, não importa o que você fez antes, a única coisa que importa é para onde você quer ir. Aqueles que querem usar a violência ou a extorsão para provocar mudanças, lhes dizemos que estão contra nós. Aqueles que querem usar a violência ou a extorsão para provocar mudanças, lhes dizemos que estão contra nós. Dizemos que vocês encontrarão um presidente com convicções inabaláveis que utilizará todos os recursos do Estado para avançar nas mudanças que nosso país necessita. Não vamos desistir, não vamos recuar, não vamos desistir. Vamos avançar nas mudanças que o país necessita porque temos a certeza de que abraçar as ideias de

liberdade é a única forma de sairmos do buraco em que fomos colocados. Obrigado. O desafio que temos diante de nós é titânico, mas a verdadeira força de um povo mede-se na forma como enfrenta os desafios quando estes surgem.

E cada vez que acreditamos que a nossa capacidade de superar esses desafios foi alcançada, olhamos para o céu e lembramos que essa capacidade pode muito bem ser ilimitada. O desafio é enorme, mas vamos enfrentá-lo com convicção, trabalharemos incansavelmente e chegaremos ao nosso destino. Não é por acaso que esta posse presidencial ocorre durante o feriado de Hanukkah, o festival da luz, uma vez que celebra a verdadeira essência da liberdade. A guerra dos Macabeus é o símbolo do triunfo dos fracos sobre os poderosos, dos poucos sobre os muitos, da luz sobre as trevas e sobre todas as coisas, da verdade sobre as mentiras, porque você sabe que prefiro lhe contar uma incômoda verdade em vez de uma mentira confortável. Estou convencido de que vamos avançar. Lembro-me de quando, há dois anos, junto com a Dra. Villaruel, hoje vice-presidente da Nação, entramos nesta casa como deputados. Lembro-me de uma entrevista que me disseram, mas se forem dois em 257, não poderão fazer nada. E lembro também que naquele dia a resposta foi uma citação do livro Macabeus 3.19 que diz que a vitória na batalha não depende do número de soldados, mas sim das forças que vêm do céu. Portanto, Deus abençoe os argentinos e que as forças do céu nos acompanhem neste desafio. Muito obrigado. Será difícil, mas vamos conseguir. Viva a liberdade, caral*! Viva a liberdade, caral*! Viva a liberdade, caral*!”